

# **UMA PEDAGOGIA DO DESASSOSSEGO**



**Ana Paula Silva**

**Porto**

**Faculdade de Educação e Psicologia**

**Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano**

## Ficha técnica

**Título:** UMA PEDAGOGIA DO DESASSOSSEGO

**Autora:** Ana Paula Silva

**Organização e edição:** José Matias Alves e Ilídia Cabral

**Paginação:** Francisco Martins

**Data:** julho 2020

**Local de edição:** Porto

**Editor:** Faculdade de Educação e Psicologia | Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano

**ISBN:** 978-989-54364-8-4

**Nota editorial:** os textos aqui reunidos foram inicialmente publicados na página de Facebook do Católica Porto Educação durante os anos de 2016 a 2020. Em regra, os textos eram publicados às sextas-feiras. Optou-se por dispor os textos pela ordem cronológica da sua publicação para ser mais fácil entender o contexto político vivido.

## Índice

Nota de apresentação .....	5
1. Que 2016 se chame Bom Senso .....	6
2. A importância negligenciada do vocabulário .....	8
3. Os limites da Liberdade são a autocritica .....	12
4. “Re-união” ou “des-união”: eis a questão .....	15
5. Não há escolas perfeitas. Ainda bem. ....	17
6. Inclusivo ou tudo incluído? .....	19
7. Contrainformação .....	22
8. Sementes .....	25
9. Mudar o paradigma .....	27
10. A Solidariedade também se ensina .....	31
11. Por escolha faz toda a diferença .....	33
12. Pré-Juízos .....	36
13. Uma Páscoa cheia de páscoas .....	39
14. Um minuto de silêncio pelo “minuto de silêncio”. ....	41
15. Adolescentes perigosamente “TEY” .....	43
16. A escola não é (não pode ser) um problema complexo .....	45
17. Inovar as razões da Inovação .....	48
18. Autonomia zombie .....	50
19. Reaprender amar a profissão por “osmose” .....	52
20. Por que não há responsabilidade sem exigência ética. ....	54
21. Ver o outro como queremos ser vistos .....	56
22. Um pensamento para os sem Natal .....	58
23. À boleia de uma procura saudável: os absurdos na escola .....	60
24. Quando o Gabinete Disciplinar se ilumina .....	63
25. Talentos escondidos .....	66
26. "Nascemos originais, morremos cópias" .....	69
27. Os ciclos da vida de um professor .....	72
28. Investir na palavra dá sempre lucro .....	74
29. Quem quer ser sábio? .....	76
30. Que Perfil de Professor para o aluno do séc. XXI? .....	78

31.	Ensinar com sentido estético .....	80
32.	O respeitável e panfletário Sr. Sucesso Educativo .....	83
33.	A temida Sr <sup>a</sup> Avaliação .....	85
34.	A imensa alegria de uma tão grande tristeza .....	87
35.	Paradoxos .....	89
36.	Como cumprir este desafio sublime quando tantos paradoxos perseguem esta Escola Maior ?.....	90
37.	“Somos uma liberdade que escolhe, mas não escolhemos ser livres: estamos condenados à liberdade.” .....	92
38.	(Re) descobrir a escola .....	94
39.	A Escola pode desenhar-se! .....	96
40.	Dupla triste indignação.....	99
41.	Início de ano letivo: “Em Busca do Tempo Perdido” .....	101
42.	Amor à primeira vista .....	104
43.	Pedaço de vida embrulhado em presente .....	107
44.	Um bom (re) começo.....	109
45.	“Se eu fosse..... a professora que eu gostaria de ter.” .....	112
46.	PIICIE, um Plano-Horizonte (de sementes) .....	115
47.	Resiliência .....	119
48.	As várias mãos. ....	122
49.	A escola, o agrupamento e a comunicação.....	125
50.	Um Dia Excelente.....	127
51.	Aprender em tempos de pandemia. ....	129
52.	Bom senso ou reinvenção do tempo de aprender .....	131
53.	Ator ou autor: tu decides. ....	133
54.	Sem “chão” .....	135
55.	O que é uma “Aula”? .....	137
56.	Escola: entre o apetite e o alimento .....	139

## Nota de apresentação

Este volume reúne todas as crónicas que a Ana Paula Silva publicou no Facebook da Católica Porto Educação entre janeiro de 2016 e julho 2020. E assim se fecha um ciclo iniciado com a publicação das crónicas escritas no tempo da *troika* e à qual demos o título de [Uma Pedagogia da Implicação e do Compromisso - Viver a Escola nos tempos da troika](#).

Este é um tempo mais longo – quase 5 anos – e em que foram publicados menos textos, mas nem por isso menos interessantes e interpelantes.

As marcas que vimos na anterior publicação voltam a aparecer aqui: a implicação, o compromisso, a confiança, a esperança ... voltam a aparecer de forma persistente no vasto campo lexical que prefacia a obra. Escrever é, para a Ana Paula, um exercício de comunicação (de criar *comunidade*). Mas é muito mais do que isso: é um ato de respirar, de denunciar, de conhecer, de construir novos horizontes educativos.

E isto é possível porque a autora põe em prática uma pedagogia do desassossego que se não deixa aprisionar pelas armadilhas do senso comum, da mediocridade e do faz de conta.

Para o Serviço de Apoio à Melhoria da Educação (SAME) da Faculdade de Educação e Psicologia é uma honra e um privilégio poder contar com este espírito livre, com esta ação persistente e criativa, com esta autoria tão viva e tão dignificante. Por isso lhe estamos gratos. Como, certamente, os muitos milhares de leitores que frequentemente a leem.

José Matias Alves & Ilídia Cabral

## 1. Que 2016 se chame Bom Senso

As culturas orientais conferem grande importância ao nome escolhido para um recém-nascido. Um bom nome é considerado auspicioso, uma espécie de código postal para um caminho de vida mais feliz. Por cá, no ocidente, não temos este tipo de “pruridos” supersticiosos em relação aos nomes. Assim, temos criancinhas com nomes que nos fazem olhar para elas como “vítimas” de uma moda de telenovela, de uma tradição familiar de mau gosto ou de um “novo-riquismo” que acredita que quanto mais retorcido for o nome, mais “chique” parece.

O nome é o que nos conecta com o mundo. O que nos faz prender a atenção quando o ouvimos. O nosso nome é a assinatura da nossa palavra, do nosso compromisso. É nosso...

2016 Nasceu. Como com todos os recém-nascidos é possibilidade em potência. Dele tudo se espera, nele queremos ver concretizados os nossos sonhos, sobretudo aqueles que a vida nos negou e que acreditamos que, com ele, renovaremos a vontade de realizar. Como com todos os nascituros vamos vê-lo crescer, errar muitas vezes, mas também vamos esperar dele dias melhores, alegrias compensadoras.

Mas por vezes a natureza é madrasta e um ano nasce velho. Sem esperança, surge como uma ameaça. Os últimos foram assim. Chamaram-lhes Austeridade. Gostaram tanto do nome que batizaram assim um quarteto de anos. E os bebês Austeridade Júnior cumpriram o fado do seu nome. Sentimo-los na segurança social, nos hospitais, nas escolas, em casa, no bolso. Não amamos estes “bebês” austeros nem não tínhamos, com eles, muita tolerância quando jovens. Cresceram para “cortar”, para subtrair como missão e enquanto adultos não vimos neles a sabedoria e a parcimónia que a idade prometia. De janeiro a dezembro vivemos a sua vida porque a nossa estava em suspenso.

O que nasce agora terá outro nome. Que nome dar ao ano que vem depois dos anos-gêmeos (falsos) Austeridade? Esperança? Espero que não. A experiência tem demonstrado que desde Pandora a esperança é um embuste. É fundamental, mas quando mais precisamos do seu alento mais se esconde na sua zona de conforto à espera de que alguém resolva a situação. Abundância? Também não me parece boa ideia. Seria como chamar a uma criança Miss Universo como garantia de beleza. O perigo é se todos convencessem essa criança que, devido ao seu nome era a mais bela, ela

agiria com a arrogância do que é tomado por certo. Chamar Abundância ao novo ano seria uma temeridade pois, poderia significar o risco de dar como adquirido o que deve ser conquistado. O risco de esquecer que dias melhores exigem pessoas melhores e maiores compromissos com a mudança.

Se eu fosse madrinha do novo ano chamar-lhe-ia Bom Senso. Não esperaria dele senão vontade de procurar os melhores caminhos em nome da felicidade das pessoas. Não lhe pediria o impossível, mas o possível solidário, o realizável do sonho.

Ao anjo que guarda todos os recém-nascidos, pediria que não o deixe perder por facilitismos ou pelas armadilhas da equidade traiçoeira. Que o inspire a perceber as diferenças e a respeitá-las.

Chamava-lhe Bom Senso com um forte desejo de que se cumpra nele a importância de um bom nome. Que tenha a sabedoria para mudar tudo que está ao seu alcance para melhorar a vida das pessoas, que saiba ser solidário no que não pode mudar e sobretudo que tenha competência para explicar a todos a diferença entre uma coisa e outra.

Que o ano Bom Senso chegue a velho respeitado por todos e reconhecido, com agradecimento, como um ano BOM. E que todos tenhamos o bom senso para perceber que, para que tudo fique efetivamente melhor o nosso contributo é fundamental.

## **2. A importância negligenciada do vocabulário**

Acredito ser pacífica a ideia de que é no investimento na qualidade da educação de uma criança/jovem que se encontra a pedra angular de uma cidadania esclarecida e interveniente. Sendo “educação” um conceito pluridimensional a Escola tem, no entanto, privilegiado as dimensões científicas e (infelizmente nem sempre) as dimensões humanística e artística. A dimensão- educação cívica- tem sido uma espécie de arquétipo incompleto que aparece como missão da Escola em todos os Projetos Educativos, mas cuja implementação é, ainda, muito redutora diluindo-se mais em regras de “saber estar” e menos em projetos de socialização que eduquem para os valores, para os afetos, para a participação cívica.

O alheamento dos jovens do todo social está patente nos insipientes níveis da sua participação nos atos eleitorais. É como se o maior partido em que mais se reveem seja o Partido da Indiferença. Como se não acreditassem no futuro porque sociologicamente nada os vincula ao presente.

Por que não ouvem os jovens os discursos políticos para depois tirarem as suas conclusões? Por que não criticam os projetos apresentados? Por que não mostram interesse em contribuir para um País melhor?

É necessário e urgente que os políticos se questionem sobre as causas (e sobretudo sobre a sua responsabilidade nelas) do desinteresse dos jovens pela política, mas a Escola não pode eximir-se desta reflexão e sobretudo não pode deixar de se “introspecionar” sobre a sua cota parte de responsabilidade no alheamento dos jovens na participação cívica e política. De se questionar sobre a sua ação na promoção do associativismo solidário; sobre a sua ação pedagógica na construção de instrumentos conceptuais e ferramentas lógicas (e como mostrarei a seguir, semânticas) para entender o discurso político, descodificá-lo e contra-argumentá-lo assertivamente.

A leitura de um discurso político exige como ferramentas uma sólida hierarquização de valores, uma compreensão eficaz da textura conceptual e semântica desse discurso sem a qual a comunicação não se estabelece (se não percebe de que se fala como aderir ou refutar? A tentação de ignorar é a opção mais cómoda). Exige também uma clara cosmovisão de objetivos a alcançar individual e coletivamente, uma espécie de bússola ideológica que não deve ser pré-formatada pela escola, mas para cuja construção esta deve ativamente contribuir através da sensibilização para

responsabilidade social como um dos fundamentos de qualquer projeto de realização pessoal. Estará a Escola implicada, autenticamente, neste compromisso?

No início desta semana realizei uma tarefa formativa, no âmbito temático da ética, numa turma do 12º ano de um Curso Profissional. Um trabalho em grupos onde os alunos foram chamados a refletir sobre determinadas situações dilemáticas que exigiam decisões de grande responsabilidade social. A propósito de uma dúvida colocada por um aluno voltei a explicar o significado do conceito “ética de deontológica”, terminando a explicação pela oposição conceptual deste conceito com uma visão mercenária da profissão onde o brio, a exigência de rigor e excelência profissional são substituídas, apenas, por uma orientação para o pagamento do serviço prestado. Num dos grupos onde a discussão estava num impasse uma aluna, a propósito da minha explicação, perguntou-me: “Professora, o que quer dizer “mercenário”? Antes que eu pudesse responder, uma colega, solicitamente, “esclareceu”: “então não sabes? Quer dizer E.T.”. Percebi a confusão e, brincando, clarifiquei: ““Não, os mercenários não estão só em Marte ...infelizmente estão entre nós, são parte significativa da sociedade, representam todas as pessoas que têm uma visão egoísta da sua profissão não a pondo ao serviço dos outros. Para eles a profissão é apenas um trabalho que visa ganhar a sua subsistência, o que não é errado em si mesmo. No entanto a responsabilidade social de qualquer profissional, deve-lhe exigir (mesmo quando está na profissão pela ocasião e não pela vocação) o compromisso de fazer sempre o seu melhor.”

Efetuada a clarificação todos os grupos recentraram a sua discussão e eu pensei como a partilha de um significado e das suas implicações exponenciou a dinâmica da análise do documento em discussão.

Os meus alunos são jovens de 16-19 anos, “jovens adultos” que encontram na escola a sua melhor hipótese de integração social, pelo que no desenvolvimento das aulas tento usar um discurso interativo que facilite a compreensão, mas também que alargue e enriqueça o seu vocabulário. Vencidas as barreiras iniciais que faço questão de desconstruir desde o início do ano letivo, quem não percebe os recursos semânticos que vou usando pede explicação e eu agradeço por isso pois a aula ganha maior potencial de aprendizagem.

Assim não é raro que os alunos me perguntem o significado de palavras a propósito de um texto mais complexo ou até mesmo outras que chamaram a sua

atenção fora do contexto aula. Palavras que assumimos como vulgares, recorrentes e acessíveis, mas cujo significado e conteúdo conceptual, na verdade não dominam. São palavras que os discursos massmediáticos, publicitários e políticos usam e abusam de uma forma indutora de significados por vezes pouco fidedignos. A confusão instala-se e as palavras voam para os seus ouvidos como aves estranhas dificultando a compreensão dos referidos discursos.

Estamos de novo em campanha eleitoral. Os debates e discursos dos candidatos, na maior parte dos casos, continuam a ignorar a força do voto jovem, o que é lamentável pois se há uma coisa que um País precisa (e o nosso de sobremaneira) é de um Presidente da República que se institua como um pilar na defesa de um futuro com ambição para os nossos jovens. Mas estarão os jovens preparados para compreender os discursos dos candidatos e escolher de uma forma efetivamente livre que resulte de uma ponderação qualificada?

No final do primeiro período, também numa turma do Ensino Profissional do 12ºano onde a carga horária semanal é superior, usei o filme “John Q.” como recurso pedagógico para a reflexão sobre diferentes dimensões do ato ético (sobretudo a ética deontológica). Na sequência da análise temática do filme um aluno verdadeiramente impressionado com a história (verídica) relatada perguntou-se se uma situação similar poderia acontecer em Portugal. Eu respondi que “em princípio, não”. Expliquei que Portugal à semelhança da maior parte dos países europeus, possui um Sistema Nacional de Saúde que garante a assistência médica a qualquer pessoa independentemente dos seus rendimentos. No fim da aula, enquanto saíamos, este mesmo aluno perguntou-me se havendo um Sistema Nacional de Saúde significava que todos os hospitais e clínicas privadas eram estrangeiras. A confusão não resultava de dificuldades cognitivas na compreensão do termo, mas da ausência da clarificação do conceito por quem o difunde vulgarmente e que eu assumi já interiorizado pela turma. Os mass média e os discursos políticos dão como adquiridos conceitos que são ainda estranhos para muitos dos que votam. Lembro-me que pensei, na altura, como a compreensão das implicações deste e de outros conceitos sociopolíticos são fundamentais para o posicionamento ideológico dos jovens que irão construir o Portugal em que queremos viver e como o seu desconhecimento nos fragiliza.

Perceber a complexidade semântica e identificar os recursos pragmáticos/persuasivos de qualquer discurso, mas sobretudo dos discursos políticos/publicitários é uma ferramenta que a escola deve ajudar os jovens a construir. Porque só percebendo a diferença entre a palavra persuasão e manipulação um jovem pode tornar-se um valor acrescentado para um País melhor. Então talvez os jovens se mostrem interessados na afirmação da sua participação política pelo voto eleitoral.

Ensinar os alunos a dominar os conceitos discursivos, a apropriarem-se dos significados de novos vocábulos, a construir uma argumentação eticamente fundada em valores universalmente imperativos para afirmar as suas posições parece-me ser um dos caminhos irrecusáveis para uma Escola que, efetivamente, quer ensinar para a cidadania. Por que sem estes facilitadores não há comunicação intergeracional e sem esta a sociedade está comprometida.

A aprendizagem de um conceito ou de uma palavra nova pode ser um pequeno tijolo na construção de uma identidade, mas deve sempre ser procurada como mais-valia. Foi o que testemunhei, mais uma vez, no fim da tarefa formativa descrita no início deste texto. Quando os alunos saíam da sala de aula, uma aluna deixou cair o estojo que se abriu espalhando seu conteúdo. Baixou-se para apanhar o que caíra e percebendo que os colegas olhavam sem intervir, disse: “então ninguém me ajuda apanhar isto?”. Um dos rapazes respondeu maroto: “Quanto pagas?”. Ela olhou para mim e depois atirou com autoridade: “Mercenário! “

### **3. Os limites da Liberdade são a autocritica**

A escola é a casa dos alunos durante muitas horas diárias. Isto significa uma relação entre pares de rotina quase familiar. A coloquialidade da relação origina muitas vezes a confusão de que o respeito pelo outro pode ser substituído pela palavra que não se pensa porque entre amigos tudo é permitido. São confusões explosivas. Conhecer os limites é civilizar a relação interpessoal.

Se é tão importante educar para a liberdade como educar para os seus limites é, sobretudo, fundamental demonstrar que eles são determinados pela nossa autocritica. Mais do que traçar limites para o que o jovem pode ou não fazer, dizer ou vestir, com regras e normativos impostos (necessários mas contraproducentes se não racionalizados) deveríamos investir na sua compreensão da importância que reveste para si como pessoa e para a sociedade a que pertence de uma bússola que oriente a sua ação dentro do equilíbrio e bom senso. E isto não belisca a sua liberdade. Dá-lhe sentido.

No início desta semana tive oportunidade, no final de um momento em que desempenho uma “função” escolar não letiva, de conversar com duas alunas, de quem não sou professora (“sou do secundário”) do 8ºano, a propósito de um tema de reflexão que surgiu pela oportunidade da situação.

Uma das alunas vestia um vestido de malha muito justo com uma abertura lateral muito, muito generosa. Ao levantar-se, o vestido, aderente, subiu. A sua colega, reparando, recomendou-lhe o cuidado para que levasse o vestido à posição inicial. Olhei para ela, procurando uma forma simpática de tentar explicar-lhe, sem considerações estéticas, que uma roupa deve gerar conforto e não desconforto, sobretudo situacional. Não foi necessário, pois ela, pouco à vontade, olhou para mim e perguntou: “a professora acha que eu não devia vestir este vestido?”. Qualquer mãe deteta uma pergunta armadilhada e também sabe que, na idade desta aluna, reprová-las as suas opções estéticas é o caminho mais rápido para estas adquirirem o estatuto de eleitas.... Reiteradamente. É por isso que ainda não foi “cientificamente provado” “a falsificabilidade da máxima “o fruto proibido é o mais desejado”.

Com muito tato e algum sofismo, respondi: “Tens uma carinha bonita e uma idade em que, como é hábito dizer-se, qualquer “trapinho “fica bem “e o vestido não me

parece feio. Dito isto, posso dizer-te o que sinceramente penso?”. “Claro” - autorizou a jovem.

“Na minha modesta opinião o vestido não te favorece e sobretudo não favorece a tua liberdade de estar confortável a qualquer momento e em qualquer situação. “- considere. Ao seu lado a colega assentiu dizendo: “é verdade passaste o dia a “puxar “o vestido para “baixo” “.

A jovem garota ficou com o olhar pensativo durante alguns minutos e disse em seu favor: “acho que tem razão. No verão comprei uns calções (não percebi, quando os comprei, que eram tão curtos....) e outro dia ia trazê-los para a escola, mas pensei melhor e não trouxe.” Com a cabeça fiz um sinal de concordância e acrescentei: “Na minha opinião foste sensata. Podem ficar-te muito bem, mas não me parece uma peça de roupa adequada para a escola. Podes sempre usá-los noutros ambientes. Nas tuas férias ou dias de descanso, por exemplo”

A amiga que, ao seu lado, ora ouvia com atenção, ora dava os seus palpites com a segurança que encontrava no facto de trajar calças e camisolão, resolveu contribuir “descontribuindo”: - “ E depois, já se sabe; ouve-se “bocas muito chatas” dos colegas” ... Apressei-me a separar o princípio da consequência: “Não, nada legitima a ofensa. Nenhuma pessoa pode ofender outra porque não gosta da forma como ela se veste. Dizer que alguém “merece “uma ofensa é errado. Não sei se já ouviram a expressão “é bem feito porque se pôs a jeito”. Esta é uma expressão que mascara o preconceito, que legitima uma liberdade que não existe. Nenhuma liberdade pode permitir o direito a ofender. Por isso não devem nunca permiti-lo!”

Passando como relâmpago pela profundidade do que discutíamos, a jovem que continuava a matutar sobre a adequação do seu vestido de malha, voltou à carga: “quer dizer que devemos ter roupa só para a escola?” -perguntou. “Não- respondi. Nem sequer é um problema de dever, é um problema de perceber e depois decidir que há roupas que **não** devemos levar para a escola. Professores e funcionários fazem também essa autocritica. Não apenas porque é uma escola, mas porque as nossas roupas, como a nossa linguagem, como os nossos comportamentos devem sempre ter como referência o momento e o local onde estamos.”

Com a natural rebeldia de uma radiosa puberdade insistiu marota: “então só de calças e camisolão, como aqui a ...?”. Resisti à provocação estética e insisti, sorrindo:

“Não se trata de existir um padrão ou modelos de roupa que podes vestir, mas de decidires a que nunca escolherias vestir quando vens para a escola. Por exemplo porque não vens de pijama? Deves ter pijamas bonitos que te ficam muito bem e até são confortáveis, porque não os trazes vestidos para a escola?”.

Gargalhou: “ó professora .... Isso tinha algum jeito!? Isso é roupa de casa.”

“Estás a ver como não é preciso alguém impedir-te de vires de pijama, nem existirem normas ou ordens da mãe para perceberes que o pijama não é uma opção aceitável? Usa esse bom senso para escolheres a roupa para a praia, para o cinema, para o fim-de-semana, ou para a escola” - rematei concluindo a minha ideia.

A conversa ia amena e a troca de argumentos estimulante. Enquanto decorria eu dei comigo a pensar numa coisa que nunca me tinha ocorrido de uma forma tão clara: a importância dos professores do ensino básico para a construção do espírito crítico de uma criança. Como, desde cedo, têm a possibilidade (o poder e a responsabilidade) de ajudar a construir uma identidade de autoexigência que legitime a exigência com os outros.

Como se um momento de magia tivesse transformado em coincidência o meu pensamento com as palavras da aluna, esta olhou para o relógio e percebendo que estava na hora de ir para casa levantou-se dizendo: “é verdade professora no final do período tínhamos falado de que era preciso eu estudar mais para não tirar negativa a Físico-química, mas afinal não consegui”. Quando me preparava para a incentivar a esforçar-se mais, ela continuou: “mas continuo a dizer que gosto muito da professora e que ela ensina muito bem, eu é que não estudei como tinha prometido. Sempre disse que é das professoras que explica melhor!”. E, olhando para a colega de turma pediu confirmação: não digo?”

A colega confirmou prontamente: “por acaso estás sempre a dizer que as professoras que gostas mais são as professoras de História e Físico-química.”

Apressando-se para as escadas, olhou para mim e fechando a nossa anterior conversa com um diamante reflexivo, concluiu:

“Não é por ter tido negativa que vou mudar de opinião, pois não? “

#### 4. “Re-união” ou “des-união”: eis a questão

Embora não tenha a autoridade do conhecimento de muitas outras profissões, acredito que a de professor é uma das mais assoberbadas com reuniões. Umas escolas exageram no zelo convocatório, outras são mais comedidas. Demasiadas vezes, umas e outras negligenciam o seu potencial ao transformar as reuniões numa espécie de “anti-matéria” da sua própria essência.

Por que há dois tipos de reuniões: as “re-uniões” que são uma oportunidade para **revisitar, refletir, reformular, reformar, reconstruir, recentrar...** e as “des-reuniões” onde parece haver um convite implícito à **desmotivação, à desatenção, ao desinteresse, ao desapego ao “despacha....”**. As primeiras respondem a uma necessidade sentida colegialmente de unir, respeitando, as diferenças para a melhoria de todos e proveito dos alunos, as outras respondem a uma exigência de calendário que lhes confere legalidade, mas não garante produtividade.

As reuniões que “re-unem” são aquelas em que entramos interessados e saímos comprometidos. As que des-unem são aquelas em que entramos “porque sim” e saímos comodamente instalados no status quo. Houve grupo, mas não houve vínculo. Os professores estiveram, em grupo, reunidos na sua solidão pedagógica. As reuniões que “re-unem” refletem o problema pedagógico de um dos seus como um problema de todos, as reuniões que “des-ligam” não tratam de problemas, mas de organização. São burocráticas, impessoais, reduzem o pedagógico ao papel e o ensino ao normativo.

Nas reuniões que “re-unem” o relógio é um indicador, nas outras um libertador.

O tempo é um dos instrumentos que o professor usa com mais mestria. Para o professor a sua administração é a arte de ganhar tempo quando parece perdê-lo ou evitar perdê-lo, inutilmente, quando tudo o pressiona para ganhá-lo mais rapidamente.

É a perícia com que administra o tempo que permite ao professor inventar tempo dentro do tempo ao fazer crescer um tempo para os alunos roubado ao seu próprio tempo. Por isso o tempo dos professores é um bem precioso. Muitas escolas assumem-no ao procurar que o que é despendido em reuniões seja eficaz, eficiente, gratificante. Estas são as escolas que “re-unem” para debater o pedagógico, para refletir estratégias, para construir conhecimento. Não perdem tempo, ganham melhoria.

Mas perseguir a eficácia e eficiência deve ser encarado como um caminho e não como um fim em si mesmo, pois há o perigo de estes conceitos se transformarem

apenas num objetivo contabilístico, onde qualquer reunião se transforma num “visto” de cumprimento de uma obrigação gestora do Plano de Reuniões previstas. Em nome deste pseudo-objetivo mistifica-se a essência dos referidos conceitos e com eles outros enganadores: informatiza-se, mas não se desburocratiza. Agiliza-se, mas não se rentabiliza. Não se ambiciona reduzir-se: as reuniões de departamento fazem-se sem departamento (só com o “núcleo duro”), as reuniões de avaliação sem avaliar (classifica-se), as reuniões de planificação sem planificar (adota-se) .....

Uma “re-união” é muito mais do que um tempo e um espaço, é uma forma de estar e partilhar. As boas escolas usam as” re-uniões “como ferramentas. Libertam-nas do administrativo e organizacional que é previamente enviado para conhecimento, para posicionamento refletido. Usam-nas como espaço de lupa pericial onde as fragilidades são debatidas sem “culpas “, transformando essa abordagem para a resolução e melhoria na melhor potencialidade do grupo de reflexão. A força destas “re-uniões” é a colegialidade comprometida e as ameaças superadas pelo fim do trabalho solitário, sem cumplicidade de objetivos.

Os grupos de trabalho de uma escola que “re-unem” porque o vínculo de entreajuda profissional está no âmago da sua prática pedagógica e no ADN do Projeto Educativo dessa escola, assumem-se efetivamente como comunidades educativas onde todos os professores estão abertos à aprendizagem, à melhoria, ao desenvolvimento profissional.

Estas são as escolas que deviam liderar o ranking da excelência do habitat profissional dos professores. Pois se os bons professores fazem as boas escolas, as boas escolas fazem os professores sentirem que são um elo importante de uma corrente que sustenta a sua qualidade. Este reconhecimento incentiva-os à procura contínua da melhoria, de novos caminhos. E estes são alimentos para um ensino desafiador, motivante comprometido, partilhado. E numa profissão sem receitas para o sucesso não se pode deixar de reconhecer que estes são ingredientes poderosos.

## 5. Não há escolas perfeitas. Ainda bem.

A cultura clássica grega via na forma esférica a imagem da perfeição. Por que é uma forma acabada. Qualquer acrescento a uma esfera estraga o equilíbrio, compromete a perfeição. Por que o perfeito é intocável. Perfeito é a cristalização do que foi alcançado. Nesta aceção ideológica ainda bem que não há escolas perfeitas. Nestas, a norma seria o conformismo e o único esforço o de manter o adquirido. Os impulsos para a crítica, a reflexão, a busca, seriam vistos como contraproducentes.

No início da semana um aluno, talvez zangado por tudo e por nada porque a vida é difícil, entrou na minha sala de aula dizendo com a voz alterada: “detesto esta escola!”. Olhei para ele e sem querer aprofundar razões por não ser o local e o tempo para fazê-lo, disse-lhe: “não há escolas perfeitas. Em todas encontrarás coisas negativas e coisas positivas “.” Está bem, mas tem que ser assim?” -reforçou.

Hesitei pela dificuldade da resposta pois a verdade é muitas vezes tóxica para ouvidos não preparados. Resolvi apelar ao bom senso: “as escolas são “feitas” por pessoas e as pessoas são imperfeitas. A perfeição é uma meta para que devemos caminhar todos os dias, mesmo com a certeza que ela foge a cada passo. O importante não é atingi-la, é persegui-la, pois assim sabemos que não nos desviamos de um caminho que é sempre em frente. Os professores, os funcionários não são perfeitos. Os alunos também não. Como pode a escola ser perfeita? Mas pode ser cada vez melhor se todos fizermos a nossa parte. Tens a certeza de que fazes a tua? “.

Deixei-o a pensar na resposta e dirigindo-me à turma iniciei a 1ª parte da aula. No intervalo entre as duas partes da aula, fiquei na sala e o aluno, aproximando-se de mim, acrescentou à guisa da resposta à pergunta ainda em suspenso: “pelo que percebi do que disse acha que eu sou rápido a criticar, mas também devo perceber que não sou perfeito, é isso?”. “Em parte sim” - respondi, “mas não te preocupes essa é uma característica muito humana que deves tentar moderar, mas que está no ADN de todos nós. Criticar para a maior parte das pessoas significa “dizer mal”, “reprovar”, “condenar” “esquecendo que a essência da palavra é muito mais rica e nos leva para conceitos muito mais produtivos como “apreciar”, “avaliar”, “julgar”, “comentar”, “analisar diagnosticamente”.

Sentou-se na beira da minha secretária, pensativo: “é. Gostamos de dizer mal e gozar com os outros mas não gostamos que nos gozem ...”. Concordei com a cabeça:

“gozar é uma forma fácil mas cruel e, muitas vezes, estúpida de criticar. Até porque uma crítica pode ajudar uma pessoa a mudar para melhor mas isso só acontece se a pessoa a quem a dirigimos acreditar que o fazemos com essa intenção”.

O aluno, assentindo, olhou para o relógio e talvez pensando que era o intervalo do lanche levantou-se dizendo que ainda tinha tempo de ir ao bufete. Ficando sozinha com os ecos da conversa, fui fazendo o paralelo com a avaliação interna das escolas. Praticamos aquilo que ensinamos? Entramos nela por obrigação legal ou porque efetivamente precisamos de provar que a nossa escola não é perfeita e ainda bem? Só assim a autoavaliação pode ser assumida como uma autocrítica de exigência coletiva e necessidade individual. Só assim todos se sentirão mobilizados e implicados nela.

A avaliação interna é importante porque demonstra coragem para desafiar o que temos, para perceber o que podemos alcançar. Para aceitar a perturbação do olhar focado como um olhar crítico, mas “amigo”, interessado, como todos, em que a escola melhore.

Se a autoavaliação assertivamente crítica levanta o véu da insustentabilidade do conceito de escola perfeita pondo a nu algumas das suas fragilidades é, por isso, paradoxalmente, o seu maior investimento para identificar as suas potencialidades e pontos fortes. Não devemos temê-la, devemos recear apenas que não seja consequente. Para isso devemos participar para exigir. A legitimidade dessa participação permite-nos exigir garantias de transparência, democraticidade, colaboração, abertura ao contraditório.

Assim a montante de qualquer processo que inicie a autoavaliação numa escola há que fazer todo um trabalho de desmistificação do que se pretende e dos métodos a utilizar para recolher os dados que poderão, heurísticamente, apontar caminhos para o alcançar. É fundamental previamente abrir as mentes de todos os intervenientes na comunidade educativa (porque diz respeito a todos, implica todos e a todos beneficia) não para a aceitação pacífica, mas para o compromisso.

Quando se lança um processo de autoavaliação, lança-se uma semente. Se ela germinará ou mirrá na sua institucionalização burocrática depende de como se entende os seus objetivos e como estamos abertos a concretizá-los. Todos temos de estar preparados para fazer a nossa parte. Estaremos dispostos a mais esse desafio?

## 6. Inclusivo ou tudo incluído?

A escola para todos foi (é) umas das maiores conquistas da nossa democracia. Foi (é) também uma das suas maiores contradições. A escola escancarou as suas portas, estendeu os edifícios, mas não se preparou pedagógica e psicologicamente para a enorme missão de ensinar todos com a mesma qualidade. Não se preparou para uma nova realidade: os alunos que obrigados a ir à escola, não querem aprender.

A escola inclusiva exigia um novo perfil de professor: o professor inclusivo, integrador, aprendente de uma realidade muito menos estática e muito mais desafiante. A escola precisava de professores novos e novos professores. A oportunidade de uma geração (muito válida) de professores, com metodologias pouco socializadas nos novos tempos, poder combinar o seu saber experiencial com os mais recentes conhecimentos da psicologia e sociologia da educação foi perdida. As novas gerações de professores também não ganharam este desafio porque a sua formação inicial ignorou as mutações sociais, passou por cima das novas exigências pedagógicas, iludiu a sua preparação “treinando-os” para o aluno-padrão que na verdade já não existia. Na escola inclusiva o aluno-padrão é o aluno com muitos padrões. Miguel Santos Guerra com as suas fantásticas analogias retrata esta formação de professores (ainda) anacrónica dizendo que treina professores-nadadores em piscinas com água pelo joelho que, depois, quando chegam às escolas só encontram águas revoltas. Assustador.

A democratização das escolas apressada e sem reflexibilidade não forjou o professor inclusivo que era necessário, mas o professor “tudo incluído”. O sistema educativo começou a exigir o “professor canivete-suíço.” Pau para toda a obra. Espera-se dele muitos papéis e pouco estatuto. Pressiona-se para que assuma papéis de vigilante, assistente social, psicólogo, administrativo, burocrata. Aumenta-se a atividade letiva com pouco tempo para pensá-la. Não percebendo que pensá-la de uma forma inovadora para alunos que são sempre novos na sua especificidade pedagógica era a resposta que se devia procurar.

À escola inclusiva exigia-se soluções novas para os novos problemas e tudo que se conseguiu, na maior parte das vezes, foi remendar soluções velhas.

Hoje os alunos chegam à escola apesar dos seus constrangimentos. Antes os alunos com constrangimentos não eram problema porque nem sequer chegavam à escola. No passado, aluno era quem queria aprender (ou imitava muito bem para evitar

a “bronca” lá em casa) hoje muitos dos alunos não querem aprender e mesmo sem bronca vêm porque o estado exige e outros vêm sem saber se querem aprender pois aprender não é a sua prioridade de tal maneira a sua vida é complicada. E a escola não sabe o que fazer com eles. Por que na escola há pessoas boas e bons profissionais tenta-se, mas as ferramentas são escassas.

Na semana passada tive uma conversa com um lindo menino (talvez 10 anos) expulso da sala de aula por comportamento inadequado. Quando lhe perguntei o que se tinha passado, olhou-me dos olhos e com ar desafiador e respondeu: “não tive culpa. A professora disse uma piada e eu ri-me. Todos riram. Ela mandou-me sair”.

Incrédula, eu ripostei: “há uma coisa na tua história que não encaixa: se a professora disse uma piada é porque esperava que os alunos rissem. “Não desarmando, justificou: “Todos riram, mas só me mandou para fora a mim, porque é minha inimiga.” Ao ver o meu olhar chocado, sublinhou: “Todos os professores são meus inimigos!”. Respirei fundo e perguntei: “Eu sou professora. Sou tua inimiga?”. Com uma lógica assustadora, encolheu os ombros e concluiu: “não, porque a senhora não é minha professora!”. Calmamente tentei explicar-lhe que ser amigo não é aceitar tudo que o outro faz de errado, mas mostrar-lhe que está errado para que possa ser uma pessoa melhor.

Ouviu atentamente sem me interromper, mas não consegui perceber se interiorizou o que eu dizia, pois, o seu olhar estava vazio, distraído. Como faltava algum tempo para a aula de que estava ausente terminar pedi que fizesse uma leitura do assunto que estaria a ser desenvolvido.

Desafiador, negou-se: “não vou ler este livro porque detesto-o, é muito “chato”.

Com ar severo e voz zangada eu reiterei a ordem: “Vais fazer o que te digo e como és uma criança inteligente sabes que negares uma ordem só vai complicar a tua situação junto dos teus pais”.

Não conheço nenhuma palavra suficientemente eloquente para transmitir toda a raiva, toda a emoção, toda a dor da sua resposta: “Eu não tenho pais!!!!” - quase gritou. Um calafrio gelado atravessou-me. Percebi que o magoara. Sem saber. Sem querer. Desviei o assunto, falando do texto do livro, mas sem que o incómodo me abandonasse.

Aproveitei a sua ida casa de banho para procurar saber o que escondia aquela dor. Soube que tinha sido abandonado pelos pais. Estava institucionalizado. Tendo também

um problema de saúde crónico, o pequeno tinha já às costas uma mochila cheia dos pedregulhos da vida que precocemente maltratavam o seu crescimento. São situações que não justificam comportamentos, mas fazem-nos ter significado.

Estará a escola inclusiva preparada para lhes dar sentido? Orientação? Ferramentas compensatórias que permitam a estas crianças almejar por um futuro melhor? Saberemos reorientar estas raivas? Transformá-las em estímulos positivos?

A literatura especializada diz-nos que a indisciplina mais difícil de resolver é a que resulta da revolta interiorizada nos contextos sociais que se institucionaliza na escola. Quando o sentimento anti-norma, e o não reconhecimento da autoridade foram os companheiros mais fieis do seu crescimento como esperar que se naturalize facilmente nas regras escolares? São jovens que assumem, por vezes inconscientemente, que não são “gostáveis” e por isso ninguém os aprecia. Então assumem posturas defensivas e antes que sejam rejeitados, rejeitam. Por sentirem isso menos assustador.

Quando a criança voltou, olhei para o relógio e disse-lhe que já podia sair, incentivando-o a falar com a sua professora, justificando-se. Enquanto guardava o seu livro disse-lhe: “porque sou tua amiga não gostava de voltar a ver-te aqui no gabinete disciplinar. Sabes o que eu gostava mesmo? Encontrar-te pelos corredores da escola e tu dizeres-me como estás cada vez mais responsável. Mas o que gostava mais que tudo era encontrar-te no fim do ano e ouvir-te dizer que tinhas passado para o próximo. Até te dava uma prenda”.

O seu olhar baço iluminou-se e disse-me: “A sério? “Tens a minha palavra” - assegurei.

“Fixe” - disse ele correndo para a porta. Parou, voltou a atrás e perguntou-me: “qual é o limite de vezes que posso vir parar aqui e ter prémio na mesma?”

“Nenhuma!!!!” - respondi. “O prémio é a recompensa do esforço!”

O seu ar sorridente foi trocado por outro, desesperançado, e saiu voltando a encolher os ombros.

E eu traduzi: “Será que esta senhora não percebe que a revolta que cresceu comigo não se acaba assim.... Que ainda não consigo ter a coragem de gostar, de confiar ...na escola, nos professores, em alguém ....

## 7. Contrainformação

Imaginemos dois jovens que precisando de habilitação legal para conduzir um automóvel matriculam-se numa escola da especialidade. Lá, o formador/instrutor ensina-lhes as regras de um código de condução e cidadania que os protegerá e aos restantes cidadãos. Depois de cada dia de formação os nossos hipotéticos jovens regressam a casa. Cada um tem hipotéticos pais (ou outros responsáveis pela sua educação como pessoa, pois maioridade não significa desvinculação aprendiz) muito diferentes, a saber:

- uns acompanham o desenvolvimento multidimensional do seu filho com preocupação responsável, empenhados, civicamente comprometidos pois percebem a importância da aquisição que prepara.

- os outros tudo que esperam é que o filho não erre mais do que três questões e quando o exame for prático os erros de condução não assumam carácter de exclusão (repetir os exames é caro.).

No primeiro caso nosso jovem “virtual” encontra em casa o estímulo para estudar o código, a motivação para o compromisso responsável com o conhecimento indispensável para uma condução segura que sustente parte do seu projeto de emancipação. Estes pais (E.E) sensibilizam o seu educando para a importância das regras da estrada como condição de civismo e responsabilidade social. Estes hipotéticos pais são mediadores assertivos entre o que o jovem aprende na escola de condução e a consolidação responsável desse saber. O ensinante, o aprendiz, a aprendizagem e o reforço vicariante positivo completam-se para produzir conhecimento aplicado.

Mas nem todos os hipotéticos jovens têm estes hipotéticos contextos. O outro imaginário jovem quando chega a casa ouve dos adultos- modelo, que com ele habitam, a desvalorização da necessidade de aprender do código da estrada mais do que necessário para “conseguir a Carta”, sublinhando, com a autoridade de quem conduz e ainda está vivo: “só precisas de saber o que chega para te desenrascares. Eu na tua idade até conduzia sem carta de condução ...e nunca me apanharam. Isto de conduzir é cada um por si... Só os “lorpas” seguem tudo à letra, ficam nas filas. Os outros, os espertos, vão-se safando como podem. O que ensinam nas escolas é para “toninhos”. Respeito pelas regras de prioridade? Parar nas “passadeiras”? Com a experiência vais fazendo as tuas regras.”

Arrepio-me ao pensar neste segundo hipotético jovem conduzindo um hipotético automóvel num mundo com pessoas de verdade.... Aqui o ensinante, o aprendiz, a aprendizagem e a contrainformação reduziram o conhecimento ao certificado e a responsabilidade social ao residual.

Se um dia um bom condutor seguir na retaguarda deste imaginário segundo jovem, minimamente habilitado, mas incompetente do ponto de vista cívico, dirá: “em que escola tirou este rapaz a carta? Que instrutor formou este condutor? um péssimo, de certeza! Mal ele sabe que um outro jovem, com o mesmo professor, anda pelas mesmas estradas com conhecimento, com responsabilidade, com civismo.

Mudemos o cenário. A mesma preocupação. Há alguns anos um aluno da minha direção de turma que não superava o insucesso à disciplina de Português, que se ia replicando nas outras disciplinas, pois quem não percebe o que lê não tem condições de o explicar escrevendo. Tentei sensibilizá-lo para a importância de saber ler e interpretar um texto não só para melhorar os seus resultados escolares, mas porque isso é uma condição de liberdade e autonomia. Convidei o seu encarregado de educação a ir à escola conversar comigo, para pedir o seu apoio nesta sensibilização, sobretudo para algumas propostas de background sugeridas que podiam facilitar, ao seu educando, essa capacitação. Depois de me ouvir, o simpático senhor desvalorizou a minha preocupação dizendo perentoriamente: “Senhora professora eu quase não sei ler, mas tenho 3 “Mercedes” na garagem da minha moradia. Quantos professores podem dizer o mesmo? “Há lógicas que nos esmagam. E razões que nos magoam. Mesmo assim, esmagada e magoada pela força do argumento, lá fui tentando refutar, dizendo que os tempos mudam e só o conhecimento nos permite lidar com os novos instrumentos de uma sociedade de informação, tecnologicamente estruturada. Não sei se tive êxito com o pai, mas lembro-me do trabalho Hercúleo que continuei a ter com o filho.....

Em trinta e alguns anos de professora e muitos, muitos de Diretora de Turma vivenciei e comprovei a relevante importância do contributo dos pais e encarregados de educação que valorizam e respeitam o trabalho da escola e dos professores. Do seu apoio de background fomentando a responsabilidade, a ética e o compromisso do seu educando com a sua educação. Pais que alimentam projetos de vida, pais que co-constroem, com os seus filhos, os alicerces desses projetos. Pais presentes no exemplo,

que vão libertando os filhos para o mundo numa desvinculação física que paradoxalmente reforça, pela vida fora, a vinculação afetiva e ética.

Mas como todas as realidades têm duas faces, também a escola conhece encarregados de educação que desvalorizam a escola enquanto local de aprendizagem, que a vêem como uma espécie de comboio para qualquer lugar. Não se preocupando com o tipo de comboio, com a qualidade da viagem e sobretudo não apoiando os seus educandos no percurso, nem na projeção do lugar de chegada. E quando não se tem uma ambição clara do que se pretende atingir desvalorizam-se as etapas da viagem- são apenas apeadeiros. O seu filho (educando) não está motivado para viajante, apenas para passageiro.

Com pais (E.E.) comprometidos com o crescimento cognitivo, intelectual e ético a escola cumpre mais facilmente a sua missão. Com os outros, esse trabalho “apenas” se complica. As lógicas de apropriação do valor e importância da escola têm, então, de começar a montante. A essência da escola, para os professores evidente, deve ser promovida como descoberta para aqueles que, por experiências negativas, por defesa ou por convicção desinformada ainda vêm na escola um local de estacionamento enquanto se espera que a vida aconteça.

Para o êxito de todos é fundamental sensibilizar os encarregados de educação da importância do seu contributo na aquisição de ferramentas que permitam ao seu educando construir uma vida profissionalmente válida, afetivamente rica e eticamente valiosa.

## 8. Sementes

Uma das mais-valias do Facebook (que compensam algumas das suas menos-valias) é permitir a um professor ir descobrindo como desabrocham alguns dos seus alunos para a vida. Quando termino uma relação pedagógica normalmente aceito os pedidos de amizade dos meus alunos, o que me permite perceber como crescem social e profissionalmente, continuando o meu papel de estimuladora, de co celebradora de conquistas.

Assim vou sabendo notícias de antigos alunos nos seus estágios profissionais e partilhando as conquistas nos seus empregos em múltiplas áreas como as engenharias, a economia e gestão ou a saúde, por este país fora. Vou partilhando as suas descobertas nos “Erasmus” primeiro assustadores e depois libertadores. Vou estando a par das aventuras de um veterinário em Espanha, de um biólogo na Irlanda, de um gestor na Suécia, de uma criminologista, um treinador de futebol, de duas fisioterapeutas e muitos/as (demasiados /as....) enfermeiros/as em Inglaterra.

Anteontem recebi o pedido de amizade de uma ex-aluna. Fazendo um exercício, que a idade já dificulta, lá consegui lembrar-me dela. Miudinha, esperta, curiosa, aluna dedicada, mas muito tímida. Com o assentimento, surgiu uma mensagem privada muito curiosa: “Olá professora, não imagina como gostei de a descobrir, no face. Lembra-se de mim? Um dia disse-me: “investe no teu futuro que, com as tuas capacidades, vais longe”. Tinha razão. Estou na Dinamarca .....” Dei uma gargalhada ao perceber “a minha competência premonitória”.

Falou-me do seu excelente emprego, de como ganha bom dinheiro e é reconhecida como importante no que faz. Falou-me com entusiasmo do país que a colheu e de como é bem vista a qualidade da formação no nosso país. Enquanto falava eu lembrava a sua figura franzina com ar inseguro e imaginava como teria enfrentado esta grande aventura. Perguntei e a resposta foi gratificante: “Eu era uma medricas, precisava de muletas para tudo. No entanto quando estava no 12ºano alguma coisa mudou em mim e eu senti que era capaz do que quisesse. Era só eu querer muito. E a professora tem um pouco de responsabilidade nisso. Não sei se lembra que escreveu no canto do meu primeiro teste de psicologia? “Excelente! Parabéns! É um privilégio ser tua professora! Tens um mundo para conquistar!”. Tenho esse teste dobrado dentro da minha agenda. Trouxe comigo para me lembrar de que sou capaz em dias menos bons.

Não me lembrava. Mas congratulei-me retroativamente com esta minha “mania” de escrever alguns recadinhos mais personalizados de estímulo ou chamada de atenção.

Disse-lhe como estava orgulhosa dela e pedi-lhe continuasse a dar-me notícias. Ao despedir-me usando um lugar-comum desejei-lhe boa sorte.” Boa sorte professora? Estou espantada! Uma das coisas que melhor recorde dos seus enunciados de testes é que, no fim, nunca dizia “boa sorte”, mas qualquer outra coisa como “faça o teste com conhecimento que a sorte não tem nada a ver com isto!” Gostava particularmente de uma frase com que acabava os testes muitas vezes: “Que a sorte recompense o estudo”.

Apanhada na minha própria armadilha ri-me com ela. Despedi-me, então dizendo: “que dias claros iluminem sempre a tua vida”.

Quando fechei o facebook fiquei a olhar para o ecrã enegrecido do computador absorta num pensamento: nenhuma profissão é tão rica! O professor é um semeador. Semeia conhecimento, desafios, oportunidades, afetos. E colhe. Porque trabalha com pessoas e pessoas são natureza humanizada, está sujeito a várias intempéries e conflitos. Mas sempre colhe muito do que semeia. E o que semeia reproduz-se. Ser professor é uma garantia ecológica de que o que vale a pena na humanidade, prevalecerá.

## 9. Mudar o paradigma

Esta semana uma entrevista num noticiário televisivo faz-me recuar vinte e muitos anos. A propósito do recrutamento de recursos humanos na área da hotelaria para a chamada “época alta”, o entrevistado justificava que tinham de recrutar com bastante antecedência para formar “socialmente” os candidatos com certificação profissional, uma vez que a escola apenas ensina competências técnicas e um profissional é muito mais que isso. Este pequeno mas reprodutivo desabafo suscitou-me algumas lembranças e um ou outro lamento. Recuei ao tempo em que a minha escola tinha apenas cursos complementares (hoje secundários), a maior parte direcionada para áreas tecnológicas e muito orientados para a prosseguimento académico. Na altura fui convidada pela DREN para desenhar e coordenar (auxiliada por colegas de diferentes disciplinas) um curso profissionalizante (este tipo de curso precedeu os cursos profissionais nas escolas ditas de ensino regular) para implementar nessa escola.

Continuando a olhar para aquele tempo creio que percebi, na altura, que o “boom” da entrada de alunos pela mão de um novo conceito integrador de escola não seria perene. As mutações demográficas de uma sociedade mais habilitada cultural e financeiramente, onde a Mulher iria ganhar outro estatuto social, as famílias teriam mais exigências de qualidade de vida e as novas oportunidades de saídas profissionais trariam um grande desafio à escola. Esta teria de reformular o que tinha para oferecer e as formas de o concretizar. Aceitei, por isso, o convite mas senti necessidade de defender esta aceitação perante muitos dos meus colegas que rejeitavam liminarmente (por receio ou convicção) a abertura da escola “a outro tipo” de alunos. Paradoxalmente, sendo a minha escola vocacionada para as disciplinas técnicas, enquanto membro do Conselho Pedagógico presenciei alguns debates muito vivos em que alguns dos conselheiros se opunham ao que chamavam forma “menor” de ensino.

Recordo como defendi vigorosamente essa integração mas recordo também como a fazia depender de uma condição de sucesso: a formação dos professores que iriam lecionar estes cursos para se socializarem com novos conceitos de planificação, lecionação e avaliação no ensino modular. Era minha opinião na altura (reforçada agora não só pela convicção mas pela intensa experiência nestes cursos) que o grande desafio da escola inclusiva era garantir a equidade na missão e na qualidade de ensino seguindo, no entanto, dois paradigmas diferentes. Já na altura o bom senso dizia-me que o

professor que entra numa sala de aula de um secundário regular não pode ser “exatamente” o mesmo professor que entra numa aula de um curso profissional. Tal não significa que as exigências de profissionalidade e as competências pedagógicas sejam menores. Antes pelo contrário. O perfil destes alunos que em três anos estão a pôr à prova a imagem da escola que os formou para o mercado de trabalho exige muito de um professor. Muito mais do que muitos estão preparados para oferecer. Não porque não querem, mas porque se sentem apanhados numa armadilha para a qual a sua formação inicial não os preparou e a escola não soube, enquanto comunidade aprendente, debater, reformular, planear coletivamente.

Os professores recebiam um horário letivo onde constavam turmas profissionais, torciam o nariz e adaptavam-se. Trinta e quatro anos de professora têm-me provado que somos uma classe profissional que orgulharia Darwin. Medimos a nossa sobrevivência profissional pela capacidade de adaptação e não pela competência (e eu tenho a certeza que é muita, mas está adormecida, desmotivada) para inovar, criar, reinventar. A integração do ensino profissional nas escolas secundárias tantos anos depois, continua a carecer de um debate alargado sobre objetivos, sobre práticas pedagógicas e sobretudo sobre formas de flexibilização curricular e avaliação modular.

Na altura da criação destes cursos foram dadas orientações programáticas que hoje estão descontextualizadas e desatualizadas, que deveriam ser experimentais e provisórias até um melhor saber produzido pela experiência de uma nova forma de aprender e ensinar, mas que continuam a “ser grilhão” de muitos professores, embora estes percebam o seu desajuste. Lembro-me também como, há falta de “professores voluntários” para iniciar estes cursos, eu tentava mobilizar alguns colegas argumentando com as potencialidades de uma forma de ensinar onde as escolas podiam, a partir das referidas orientações, criar os seus próprios programas, adapta-los ao perfil dos cursos, selecionar conteúdos estruturantes de acordo com objetivos de aprendizagem, diversificar formas de avaliação, construir uma visão estratégica para um percurso de formação onde a escola era, pela primeira vez, realmente autora. Tive muitos ouvidos ....pouca adesão.

Continuo a pensar que, em muitas escolas, o ensino profissional ainda é uma oportunidade perdida. A escola não se reinventou, não se preparou para este novo desafio. As aulas dos cursos profissionais continuam demasiado expositivas, as formas

de avaliação muito conservadoras (e eu não advogo que sejam menos exigentes mas diversas e diversificadas) e os professores ainda geridos pelos programas, quando a norma de ação seria gerir, flexibilizar, focalizar e ajustar esses programas às exigências profissionais que os esperam.

Assim a grande questão de debate que, para muitas escolas, é necessário e urgente promover, ainda é: o que deve aprender um aluno e o que deve avaliar um professor nos cursos profissionais?

A montante da resposta está a procura de consensualização de que a aprendizagem e a avaliação nos Cursos Profissionais deve especialmente incidir sobre as capacidades de adaptação do aluno ao meio profissional - a capacidade de aplicação prática dos conhecimentos, competências e atitudes técnicas desenvolvidos durante a formação, tendo em conta o perfil de atividades a investir no previsível futuro profissional, mas também capacidades de comunicação oral e escrita, responsabilidade, sociabilidade, cooperação, dinamismo e iniciativa.

Acresce que hoje as empresas valorizam tanto (e muitas até mais) as competências sociais e afetivas como as competências cognitivas, intelectuais ou técnicas pelo que a escola deve encontrar formas de “favorecer o desenvolvimento de todas as competências que proporcionem uma socialização laboral”.

Aqui está o grande desafio: como conseguir responsabilidade no compromisso com a procura do conhecimento, a assiduidade e a pontualidade, o cumprimento de tarefas e de prazos, as regras do trabalho em equipa, o respeito hierárquico num perfil de alunos que não se automobilizam, normalmente, para estes compromissos?

Uma das dimensões primordiais deste desafio é como avaliar a aquisição destas competências. Aqui o debate é de importância estrutural. Pois é onde a se funda a mudança do paradigma. Os resultados, a aprendizagem, o absentismo, o abandono provam-no todos os dias mas muitas escolas continuam a balcanizar os seus critérios avaliativos no “sempre fizemos assim” mesmo depois de perceber que “assim” não é eficaz:

Este(s) debate(s) deve(m) iniciar-se tendo por base algumas linhas de reflexão:

- Nos Cursos Profissionais não **se pode reduzir a avaliação aos testes escritos. As formas e os instrumentos de avaliação devem ser diversos e diversificados** – trabalhos (mais no sentido de projetos), individuais e em equipa, questões desafiantes de aula,

pequenos testes para aferir o acompanhamento da aquisição cognitiva ou técnica, tarefas implicantas que testem a sua autonomia, pesquisas, debates, responsabilização pela organização de tarefas, grelhas de avaliação de atitudes e comportamentos na sala de aula, etc...)

- A avaliação **deve ser efetivamente sistemática e contínua**, baseando-se no Trabalho Desenvolvido pelo aluno e na observação constante realizada pelo professor ao longo do período de formação, onde se consideram os “processos” e os “produtos” de todo o percurso do ensino-aprendizagem. Uma avaliação fundada apenas em “momentos avaliativos” escritos não valorizando processos de aquisição

e melhoria de desempenho escolar, profissional e pessoal é redutora, injusta e desmotivante.

- Na procura da cidadania plena e da excelência profissional o debate deve ir em busca de respostas (como uma questão de sobrevivência social da própria escola) onde o ensino profissional se recrie de forma a promover no aluno uma pessoa ciente da importância da qualificação profissional de base mas também de uma atitude de aprendiz para a formação contínua ao longo da vida.

- O professor dos cursos profissionais deve ter uma visão estratégica da sua prática pedagógica como co-construtora de futuros profissionais mas, sobretudo, de pessoas capazes de ter ideias criativas e empreendedoras fundamentadas pelo conhecimento, capacidade de argumentação para as defender, e um sistema de valores e instrumentos do pensamento que lhe permitam, progressivamente, conhecer-se a si mesmo e ao mundo que o rodeia.

## **10. A Solidariedade também se ensina**

Há umas semanas propus, numa turma de um curso profissional, uma tarefa de investigação e análise em equipas de quatro alunos. Depois de apresentada a proposta, os objetivos e as linhas de força orientadoras do trabalho, duas alunas pediram-me se podiam fazer o trabalho sozinhas, pois não gostavam de trabalhar em grupo. Comecei por lhes dizer que eu também não gosto de trabalhos de grupo, mas reconheço grandes potencialidades num trabalho de equipa. Expliquei a diferença entre um grupo unido por um vínculo precário (fazer um trabalho) e uma equipa onde cada um tem uma função específica e o seu investimento é partilhado para que o êxito individual seja majorado pelo (des)empenho coletivo.

Depois expliquei que, mesmo respeitando razões, defendo que a socialização no trabalho em equipa, a colaboração e a partilha para a concretização de um objetivo comum é uma mais-valia para um curso que prepara para a integração no mundo de trabalho, pelo que rejeitar trabalhar em equipa não era opção. O mínimo que eu estaria disposta seria permitir que escolhesse com quem queriam trabalhar. Trabalhar com qualquer um não deve ser impeditivo para realizar um bom trabalho, mas compreendia que trabalhar com pessoas com quem temos empatia é um ótimo facilitador na mobilização de sinergias. Depois de ouvir os meus argumentos uma das jovens refutou dizendo que os jovens de hoje e, por isso, ela também, “passam a vida” a partilhar e deu como exemplo o facebook.

Sorri ao pensar como, muitas vezes, entre um conceito e um termo se estende um oceano significativo. Depois disse: “o que fazem no facebook não é partilha é reenvio, partilhar é dar um pouco de nós, do que temos, aos outros. É uma perda que enriquece. No facebook apenas somos uma peça na engrenagem de uma informação que circula e se tivermos bom senso, no máximo, ajudamos a divulgar a boa informação. Partilhar é ter oportunidade de sentir que fazemos parte de algo maior do que nós. Partilhamos o trabalho e as alegrias do seu sucesso. Sentimo-nos uma peça importante em alguma coisa que tem importância”. Os argumentos convenceram as jovens que se integraram numa equipa e o trabalho foi profícuo.

Na última sexta-feira uma colega da escola onde trabalho organizou, com auxílio de outras colegas e alunos um evento solidário para ajudar uma criança em tratamento no IPO a aceder a tratamentos e ensaios clínicos não disponíveis no nosso país. Ao longo

da semana fui percebendo o empenho e a dedicação que os alunos colocaram na organização e divulgação do evento. Na sexta-feira, por motivos fortes, não pude comparecer ao evento. Na segunda-feira logo às 8h e 30min tive aulas com a turma organizadora. Comentavam como estavam cansados do trabalho de arrumar tudo depois de acabado o evento para que a escola estivesse pronta no início da semana. Justifiquei a minha ausência e perguntei como tinha corrido. Quase todos ao mesmo tempo contaram que tinha sido um êxito; como todos tinham colaborado e como o resultado monetário tinha sido excelente: 6.570 euros!! Todos desejavam que o dinheiro significasse um passo em frente na luta pela vida da criança. Todos falavam do problema do menino como algo que os magoava e acreditavam que o seu pequeno, mas significativo, esforço era algo que os fazia sentir bem.

Ouvi as suas palavras, vi o brilho dos seus olhos e pensei que não há nada mais eloquente do que o exemplo.

Admirei a minha colega que abdicou de muito do seu descanso para mostrar como é importante abraçar as causas e “levar” consigo os alunos a sentir que fazer o bem os faz sentir bem.

Logo que terminei a aula procurei a colega e dei-lhe os parabéns. Celebrei a sua ação e dei-lhe o meu testemunho de como os alunos estavam contentes com a sua partilha, com o seu cansaço, com os seus professores e colegas que colaboraram, consigo próprios.

Agradei-lhe porque professores assim permitem-nos a esperança numa geração mais generosa, mais solidária. Os contextos são dificultadores, mas, felizmente, há professores que sabem ser “mestres” em transformar contextos em pretextos para conquistar um mundo de possibilidades eticamente promissoras.

## 11. Por escolha faz toda a diferença

Tocou para sair da minha sexta aula do dia, a primeira de um bloco de duas do décimo segundo ano. Percebi que precisava de um pouco de silêncio. Decidi ficar na sala de aula para uns minutos só meus. Nem a bela maçã que me esperava no cacifo me entusiasmou. Sentei-me na secretária e quando me preparava para fechar os olhos e deixar-me fluir no nada, um pequeno grupo de alunos regressou e perguntou-me: “professora vai ficar na sala? Está frio lá fora, podemos ficar consigo?”. Há dias assim: o que queres e o que tens não são amigos...

“Está bem-respondi- mas tentem não fazer muito barulho. Preciso de um pouco de serenidade neste intervalo pois hoje o dia, para mim, é longo.”.

Como se as minhas a minhas palavras não tivessem sido ouvidas, uma aluna perguntou-me quando era a reunião de avaliação da turma. Ao abrir o meu computador para verificar, o ecrã escuro foi substituído por uma extraordinária fénix no centro de uma explosão de cores vivas e refrescantes.

“Que espetacular o seu ambiente de trabalho professora. O que é? É um pássaro?” -perguntou a aluna.

“Sim, é um pássaro mitológico chamado fénix que tinha uma particularidade: quando circunstâncias adversas a destruíam, ela, pouco tempo depois, renascia revigorada e pronta para novos desafios. “Todos admiraram a sugestiva figura. Outra aluna pediu:

- “Professora pode enviar-me a imagem por mail? As cores são fabulosas, foi por isso que a escolheu?”.

- “Para ser franca escolhi esta imagem porque, para mim, simboliza o que é um professor: termina todos os dias o seu trabalho esgotado, consumido, mas renasce ao outro dia renovado e pronto para novos desafios” - respondi.

- “Professora, às vezes, deve ser muito difícil. Há alunos que são mesmo “beras ... e também tantos materiais e testes para fazer e corrigir....”

Antes que pudesse dar a minha “versão” do difícil, um aluno do grupo acrescentou:

- “A minha mãe diz que não era professora por dinheiro nenhum... diz que para aturar dois (eu e o meu irmão) já é preciso muita paciência quanto mais uma data “deles”! Mas o meu pai diz que é um emprego “santo”: pouco trabalho e muitas férias...”

Comecei logo a sentir aquela coceira que nos impele a responder sem ponderar, usando apenas a vontade quixotesca de defender a honra, mas o cansaço, neste caso, foi um excelente condimento reflexivo:

- “Antes de te dizer o que é ser professor, queria perguntar-te, se não te importas, qual profissão dos teus pais?”.

- “A minha mãe trabalha numa loja e o meu pai é mecânico”.

- “Muito bem. Agora vejamos: a tua mãe conhece bem as dificuldades em comunicar com todo o tipo de pessoas e como, apesar de nem todas serem educadas ou cumpridoras, deve tentar, todos os dias, fazer o melhor possível para que a loja em que trabalha seja um local onde se quer regressar. Ela sabe que é difícil, sabe que, por vezes, tem de fazer grande esforço em controlar a raiva perante as injustiças, mas sabe que mesmo assim tem de sorrir e seguir em frente. A tua mãe tem dois filhos e sabe como, mesmo gostando muito deles, tem de ser exigente e, por vezes, tomar decisões desagradáveis. Ela percebe o lado menos bom do professor, mas ignora o lado bom. Já lá vamos. Agora vamos ao trabalho do teu pai, que é um trabalho essencial, que eu respeito muito, porque nunca o saberia fazer. É um trabalho que exige muita responsabilidade e competência. Por isso compreendo que ele fique zangado quando ouve pessoas a partilhar o preconceito (que eu não partilho) de que é preciso desconfiar dos mecânicos. Que querem, apenas no conserto de um automóvel, ganhar o dia. Eu nunca diria isso. Acredito, por princípio na honestidade de todos. Presumo que os mecânicos trabalham muito para ganhar a sua vida. E do que fazem os mecânicos, sabem os mecânicos.

Assim é preciso que digas ao teu pai, que da vida profissional dos professores sabem os professores. E que esta professora te disse que ao contrário das “santas” profissões que começam quando se chega ao trabalho e acabam quando de lá se sai, é uma profissão que leva todos os dias o trabalho para casa e mas não pode levar a casa para o trabalho, pois tem de “pensar” a tempo o tempo inteiro nos seus alunos quando está na escola. É uma profissão que preenche os dias e “rouba” noites e, por vezes, mesmo dias de descanso. A aula é apenas uma parte desse trabalho que, para os que não conhecem a profissão, é perceptível.

Quanto às férias, o professor tem as mesmas que todas profissões. E ainda bem. Estás a imaginar a tua vida sem as férias dos teus pais? Se a confusão é pensar que os

professores têm férias depois de terminadas as aulas, essa conclusão é mais um preconceito. Quem assegura que o ano termine como é preciso, com os exames e todas as tarefas burocráticas que é necessário fazer? Quem garante que, quando os alunos voltam à escola esta esteja pronta a recebê-los, organizando turmas, horários, planeamentos? “

Olharam para mim, estranhando a preleção longa de um só folego, mas o olhar mostrava concordância.

“Agora voltamos ao princípio. O que faz um professor mesmo cansado renascer todos os dias? Sentir que esta é a profissão que escolheu e que não trocava por outra. Quando discutirem com os vossos pais se uma profissão é boa ou má não se esqueçam que não depende do que se faz, mas porque se faz.

Porque só há dois tipos de profissão: a que surge da oportunidade (a que calhou na sorte de cada um como uma forma legítima e honrada de ganhar o seu sustento) e a que se procurou, a que se conquistou por ser a forma como desejamos ganhá-lo. No segundo caso a sorte recompensa o investimento num percurso, num curso. Só a vontade de alcançar um sonho justifica o esforço. Ser professor não é um emprego fácil, não é um emprego “santo”, mas é um emprego para o qual vale a pena renascer todos os dias. Porque das muitas coisas que podemos dar e receber dos alunos, ainda temos alguns “bónus” como o que resultou desta conversa: ensinar a jovens como vocês que antes de falar de uma coisa devemos conhecê-la e sobretudo percebê-la, senão não é opinião é preconceito.

## 12. Pré-Juízos

O pré-conceito e o pré-juízo são elementos dificultadores de qualquer relação interpessoal mas em profissões em que os resultados que se pretende atingir dependem muito da relação de confiança que se estabelece constituem-se, mesmo, como obstáculos epistemológicos para a sua concretização. Em profissões como a de advogado, médico ou professor o pressuposto sobre o ser do outro é, pois, contraproducente. Por exemplo se um professor afirmar que “pressupõe” que o aluno nunca fará a disciplina mata à nascença a sua motivação para conquistar a aprendizagem do aluno e anula qualquer estímulo que possa contribuir para que ele se motive para ultrapassar as suas dificuldades. O pré-juízo é desincentivador, sobretudo do investimento motivacional imprescindível para vencer os difíceis desafios que o professor tem, diariamente, de enfrentar.

O “pressupor” é, pois, um dos fatores mais intrusivos de uma boa relação interpessoal quer a nível pedagógico quer mesmo a nível interpares.

A última sexta-feira constituiu, neste particular, mais uma aprendizagem no meu desenvolvimento profissional e pessoal para a (re)afirmação desta ideia.

No passado dia 11 de março organizei, para três turmas dos Cursos Profissionais, no âmbito do projeto “Palavras no Tempo” promovido pela Universidade do Porto, a Universidade Católica e a Câmara Municipal do Porto, um debate com três insígnias protagonistas: um Professor universitário da Faculdade de Ciências do Porto, um Professor da Faculdade de Ciências da Universidade Nova (Lisboa) e um empresário na área da Engenharia Civil. O tema em debate foi a relação existente entre a Religião e a Ciência (oposição? / paralelismo? / complementaridade?).

Um dos Professores caracterizou-se como cristão católico, outro como ateu e o terceiro convidado como materialista (na sua aceção filosófica). Começaram por fundamentar a sua posição para depois abrir o debate.

A escola onde ensino foi intervencionada sendo, por isso, alvo de uma atualização arquitetónica. Incompreensivelmente o responsável pela melhoria não percebeu um pormenor (maior?): o aparelho para secar as mãos do quarto de banho das professoras está colocado na parede que o separa do auditório. Assim quando alguma professora utilizava o aparelho, os palestrantes tinham de calar-se e esperar o fim da operação de higiene.... Quando percebi o desagradável da situação, saí de fininho do auditório e corri

para a sala de professores. Procurei um papel em branco e escrevi. “Por favor, não utilize. “Coloquei o papel em cima do aparelho, mas ele teimava em cair. Como não tinha fita-cola comigo para o fixar, olhei em redor e, à falta de melhor, peguei numa das embalagens de gel para lavar as mãos e coloquei-o contra a parede por cima do aparelho segurando o papel. Corri de volta para o auditório, para junto das duas outras colegas que tinham ficado com os alunos.

O debate iniciou-se. Muito interessante e intenso. De vez em quando interrompido pelo intrusivo e irritante barulho do aparelho de secar as mãos. Várias vezes. A cada vez a minha insatisfação traduzia-se numa pergunta e uma resposta introvertidas: “será que não sabem ler? É incrível como ignoram o pedido!”

A temática do debate é complexa, sobretudo para alunos dos cursos profissionais cuja estrutura curricular não está muito (na minha opinião deveria estar mais) direcionada para o desenvolvimento do espírito crítico, para a reflexão cidadã. Mas os alunos estiveram à altura. Atentos, reflexivos, interventivos. Quando incentivados a levantar questões para o debate contribuíram com questões de grande valor heurístico. Por exemplo um dos meus alunos questionou os intervenientes não crentes: “se a confiança no mundo para os crentes está em Deus, onde está para um não crente?”. Uma outra questão, dirigida ao Professor que defendia a relação de complementaridade entre a religião e a ciência, queria saber como compatibilizar muitas das narrativas da Bíblia com as teorias da ciência. Um jovem que questionou se a ideia de destino era a mesma para os três intervenientes.

Estas questões foram colocadas pelos meus alunos de um curso profissional de desporto. Sem preparação ou rede.

O Professor João Paiva (responsável por trazer à escola esta iniciativa) agradado pela receptividade e reflexividade alcançada, depois de terminada a atividade convidou os alunos interessados em conversar com os intervenientes sobre outras questões, que o tempo destinado a ela não permitiu que nascessem. O evento terminou às 12h30min. U grupo de alunos ficou na conversa com os intervenientes. Entusiasmados ouviram, falaram e só abandonaram a sala quando os lembrei que deveriam almoçar pois tinham aulas na parte de tarde.

Quando saíram o Prof. João Paiva afirmou-me a sua satisfação, confessando que quando soube que as três turmas eram do ensino Profissional tinha “torcido o nariz “. Ainda bem que não ouviu o seu pré-juízo. Foi ótimo e todos ganhamos.

Pouco antes de abandonar a sala falei com uma colega que tinha chegado a meio da atividade e disse-lhe como estava aborrecida com o facto de as colegas, utilizadoras da casa de banho, terem ignorado o aviso que tinha colocado no aparelho de secar as mãos. Ela olhou para mim surpreendida e disse: “desculpa, eu própria utilizei o aparelho mesmo depois de ler o aviso. Quando li “por favor, não utilize” pensei que o aviso se referia ao líquido de lavar as mãos que estava encostado ao aviso...Se calhar as outras professoras pensaram o mesmo.

Sorri e pensei como os pré-juízos são germes nas relações pedagógicas e interpares. Consolei-me pensando que, como os germes, só sobrevivem em ambientes contaminados. Em ambientes saudáveis são facilmente neutralizados.

### 13. Uma Páscoa cheia de páscoas

Vários historiadores têm defendido que o conteúdo significativo do termo Páscoa está ligado ao conceito de passagem. Há milhares de anos atrás, na região Mediterrânea, várias sociedades festejavam a passagem do inverno para a primavera, durante o mês de março. Era a sua Páscoa. Geralmente, esta festa era realizada na primeira lua cheia da época das flores. Indefesos perante o rigor do inverno, que potenciava a escassez de alimentos, a chegada da Primavera significava o renascer da esperança de sobrevivência, a promessa de dias mais claros e quentes. A concretização da dialética da vida.

Para os Hebreus a Páscoa está relacionada com a sua passagem pelo Mar Vermelho, onde liderados por Moisés, fugiram do Egito. Da simbologia da sua passagem da escravatura para a liberdade emerge a importância da busca da verdade apesar das adversidades, a perseverança numa esperança sustentada pela fé. Para os cristãos esta data celebra a ressurreição de Jesus Cristo. Uma passagem do humano ao divino. Da vida fugaz ao eterno. De uma forma significativa a Páscoa é festejada no domingo seguinte à lua cheia posterior ao equinócio da Primavera.

A Páscoa é, pois, uma celebração que, na sua essência, une uma tríade de conceitos muito poderosos:

Passagem/esperança/renovação.

Para os professores, a Páscoa é tempo de paragem. O fim do segundo período chega com o cansaço de um trabalho muito exigente agravado pelas intensas tarefas de preparação e participação nas reuniões de avaliação. Depois da batalha insana com grelhas e papéis (sempre considerados a mais, mas nunca dispensados), o descanso merecido. Quase dois terços do ano letivo estão cumpridos. O que falta é fundamental para a “páscoa” dos seus alunos, pois o fim de um ano letivo é também uma passagem, uma esperança, uma renovação que, desde logo, estimula no professor o entusiasmo para a preparação do próximo ano e nos alunos o reafirmar da vontade de voltar para a escola em busca do seu futuro.

Nesta sexta-feira, para muitos Santa, deixo a todos os professores/as que nos visitam nestes apontamentos semanais, um voto sincero de uma Páscoa que prepare muitas “páscoas”. E que, depois de um reconfortante descanso, voltem à sua extraordinária missão renovados. E que a inspiração de uma Páscoa que transforma o

olvidável em eterno faça com que sejam inesquecíveis para os vossos alunos. Que passem muitas e muitas Páscoas e a memória de vós permaneça naqueles que construíram o seu futuro também nas raízes do que ensinaram.

#### **14. Um minuto de silêncio pelo “minuto de silêncio”.**

O valor do silêncio, enquanto tempo de paragem para pensar na vida gloriosa de uma pessoa e assim homenageá-la é, de todas as “invenções” portuguesas, uma das quais mais nos devemos orgulhar.

O seu autor Anselmo Braamcamp, em 1912, presidindo a uma reunião do Senado querendo honrar a vida do Barão do Rio Branco, recentemente falecido, a sua fabulosa ação humanitária e as tradições lusitanas da origem da sua família “propôs que durante dez minutos, e como homenagem à sua memória, os senhores senadores, se conservassem silenciosos nos seus lugares.” (in Diário de Noticias da época).

Esta singela homenagem foi de tal forma eloquente no seu silêncio que a partir daí sempre que morria alguém cuja vida fosse marcada por um significado socialmente relevante, o parlamento português repetia o gesto. O simbolismo deste gesto é, ainda maior, se pensarmos que o homenageado não era português (mas brasileiro), pelo que o que efetivamente se homenageava era o legado de um homem que como professor, político, jornalista, historiador mas, sobretudo, como diplomata deu um contributo enorme para a paz e para os ideais da República. O valor do silêncio era o valor de um grande Estadista, o reconhecimento do valor social de um homem de mérito.

Com o passar do tempo e a evolução do conceito “capitalista” de tempo (igual a dinheiro), o espaço reflexivo de dez minutos passou a cinco e depois a um, como atualmente. Alguns anos mais tarde os diferentes espaços legislativos europeus imitaram a forma do senado (parlamento) português homenagear aqueles cuja vida foi de relevante significado humanista. Depois este gesto revelou-se como um valor universal em todo o mundo, conquistando outros palcos como estádios desportivos.

Creio que esta ideia, que só poderia sair de uma mente republicana que percebe que a pessoa vale pelo que constrói e não pelo berço onde nasceu, foi uma das muitas heranças da primeira república que nos revelou como povo em evolução. Na linha da afirmação da importância da educação ou da liberdade de pensamento. Foi uma forma de deixar no passado aquele perfil de povo que Almada Negreiros tinha caracterizado como “um povo onde Camões morreu à fome e depois muitos encheram a barriga à custa de Camões”. Um povo onde “bastava morrer para ser bom”. Um povo que homenageava a morte mas não glorificava a vida. Ao pedir aos senadores que parassem os seus trabalhos e durante dez minutos pensassem em como um homem pode fazer a

diferença na vida de um povo (de muitos povos) Anselmo Braamcamp fez pedagogia política.

Os tempos mudaram. Infelizmente hoje estes minutos refletivos são usados, cada vez mais, para homenagear vítimas: pessoas anónimas que vítimas do terrorismo jazem numa rua, numa sala de espetáculos, numa gare de aeroporto, uma criança morta nas areias de uma praia que devia ser um abraço de esperança e não uma mortalha fria..... Hoje, com demasiada frequência o “minuto de silêncio” é tempo de homenagear vidas roubadas e não vidas realizadas.

O tempo reflexivo idealizado por Anselmo Braamcamp que homenageou a fraternidade, a dádiva de amor pelos outros, a temperança e a paz perdeu a glória e, em muitos, demasiados casos, ficou apenas uma enorme dor.

Hoje se ainda continua a ser usado para homenagear os melhores de nós, cada vez mais, lembra o pior da Humanidade. Por que cada minuto de silêncio em que lembramos as vidas inocentes ceifadas por mãos fanáticas, o sorriso de agradecimento que o presidente do primeiro senado republicano pediu aos seus senadores é substituído pelas lágrimas e os medos provocados por mais um ataque à democracia.

Hoje o fanatismo espreita a geração da esperança. Estará a escola à altura da fermentação crítica de um pensamento esclarecido?

O atual presidente da república defende que a constituição deve ser explicada e debatida nas escolas. Parece-me bem. Talvez seja tempo da nação que “inventou o minuto de silêncio” investir em horas de debate sobre a importância da democracia e de como é importante para ela que as próximas gerações usem o tempo de reconhecimento no valor da vida e não no lamento da morte evitável que não resistiu ao poder perverso da ideologia sem moral.

## 15. Adolescentes perigosamente “TEY”

A Microsoft criou “TEY”, uma aplicação de inteligência artificial modelada para falar como uma típica adolescente. Tey foi programada para aprender com as interações e conversas com “outros” adolescentes no Twitter. As suas respostas correspondiam a uma seleção de opções lógicas de diálogo.

Teoricamente simples, no entanto, os técnicos da Microsoft deparam-se, rapidamente, com um problema: em menos de 24 horas Tey passou de um perfil de uma adolescente simpática e agradável para quem os humanos “eram super fixes”, para uma adolescente agressiva com comentários sexistas e racistas. As imagens que “postava” tornaram-se decorrentes de uma progressiva descentração do socialmente aceitável. Não era algo que estivesse no seu algoritmo inicial. Tey foi influenciada, na sua forma de “pensar”, por modos radicais de comentar a realidade dos seus interlocutores cibernautas.

A Microsoft suspendeu a aplicação para repensar as suas implicações.

A notícia é curiosa. Primeiro porque nos leva ao questionamento da própria expressão “inteligência artificial “. Quanto mais a tecnologia avança mais se conclui que a inteligência é uma característica exclusivamente humana. As máquinas ditas “inteligentes “são, na verdade, “competentes “na seleção e sobretudo na rapidez de seleção de respostas mais adequadas aos problemas colocados. Mas os algoritmos onde procuram essas respostas são construídas e equacionadas pela mente humana. A inteligência humana nunca será apenas lógica. António Damásio, aliás, defende que é na sua dimensão pouco racional (no sentimento, na emoção, na superstição, na crença...) que ela é efetivamente Humana. Esta dimensão, como diria Edgar Morin, estará sempre em quem constrói a máquina, nunca na máquina.

É a Inteligência Emocional que seleciona e guarda as memórias afetivas. Que edifica em nós a lembrança de uma infância onde se irão construir todas as outras. É a memória biográfica que dá sentido ao que dizemos e sobretudo à forma como dizemos.

A diplomacia emocional (e principalmente a sua ausência) com que nos relacionamos com outros resulta de uma cosmovisão construída na interpretação que cada um faz das diferentes experiências que vai vivenciando no seu desenvolvimento interpessoal. Tey não tem vivências. Tey não tem interpretações reflexivas sobre vivências. Tey não tem consciência de si, logo não tem consciência dos outros.

Tey tem competências lógicas, mas isso não lhe explica o emocional e não a protege do irracional ou do imoral. Porque não tem inteligência emocional ela não reconhece a toxicidade de alguns dos comentários. As pessoas tóxicas não são lógicas, são aberrações do compromisso de assertividade nas relações interpessoais. Tey é tecnologicamente avançada, mas socialmente ingênua.

A segunda reflexão decorrente da notícia é paradoxalmente assustadora. Se ao imitar o padrão do pensamento lógico dedutivo dos adolescentes, Tey vai moldando as suas respostas aos comentários dos seus “pares”, a analogia com o que acontece com muitos dos nossos adolescentes “tecnologicamente avançados” é perturbadora. O adolescente criou a ilusão de que tem um amigo chamado “Google” que lhe dá todas as respostas e as lá que não encontra estão no Facebook ou no Twitter.

A reflexividade suscitada pelos desafios dilemáticos tornaram-se consultas digitais e as opiniões, os estereótipos com mais “gostos”. Os valores éticos não se discutem, esgotam-se nas adesões panfletárias. Para adolescentes sem espírito crítico ou exigências de natureza ética, a toxicidade dos comentários sexistas ou racistas funciona como um agente patogénico oportunista em corpos sem vacinas. São adolescentes sem sistema imunológico ético. Qualquer invasor toxicamente imoral encontra terreno que pode transformar a abertura ao novo, caracterizante da adolescência, em porta para epidemias ideologicamente alienantes.

Em 24 horas Tey passou de uma “adolescente” à procura de uma identidade enriquecida pela influência do conhecimento dos outros a “uma adolescente” “ressabiada, preconceituosa, agressiva.

A escola tem muitas horas para influenciar positivamente os jovens. Pelo conhecimento, pela informação, pelo debate, pela reflexão, pelo exemplo. Uma das formas mais assertivas de aceitar este desafio é transformar a vida na escola como uma oportunidade pedagógica para que os diferentes percursos identitários com objetivos e metas divergentes, convirjam nos instrumentos de orientação.

Os adolescentes emocionalmente inteligentes saberão sempre distinguir as vozes que devem escutar (mesmo que não concordem com o que dizem) e como ignorar os vozeirões que gritam insanidades.

Aqueles em que não for despertada esta consciência crítica serão, toda a vida, adolescentes perigosamente TEY.

## **16. A escola não é (não pode ser) um problema complexo.**

A partir da análise das dinâmicas organizacionais é notória a legitimidade da aplicação da Teoria dos Problemas Complexos à escola. Esta teoria divide os problemas em 3 níveis: os problemas de nível um, são tão pacíficos que poderíamos quase chamá-los pseudoproblemas. Exemplo: o problema surgido no início de uma reunião em que os intervenientes percebendo que está calor na sala, decidem ligar o ar condicionado. A solução para o problema (calor) foi rapidamente encontrada pela consonância quer na perceção do problema, quer na medida resolutiva. Sem mais constrangimentos estavam criadas as condições para discutir os assuntos efetivamente importantes.

Um problema de nível dois já apela a uma negociação mas tem grandes probabilidades de não se constituir como um obstáculo ao trabalho colaborativo: voltando ao exemplo inicial, neste caso, haveria pessoas na sala que defendiam que o ar condicionado era a melhor solução para o calor, outras defenderiam que bastava abrir algumas janelas. Negociada a solução o importante é que, com um ambiente mais ameno, o trabalho agendado podia prosseguir.

Um problema de nível 3, efetivamente complexo, é um problema que se constitui como espécie de areia movediça do diálogo. A procura de uma negociação é desmobilizada pela ineficácia dos argumentos lógicos contra posições extremadas baseadas em sentimentos, emoções ou simplesmente subjetividades exacerbadas. Retomando o exemplo em exploração, neste caso a reunião seria uma tentativa nada-morta de tratar qualquer problema pois não se conseguia nem criar condições de iniciar os trabalhos uma vez que, se uns concordavam que estava calor outros defendiam com altiva convicção “que até tinham frio”. O problema complexo é um problema grávido de contradições.

Olhando para o “ethos” da escola a teoria dos problemas complexos permite-nos concluir que, por vezes, a sua complexidade é artificial e resulta da nossa incapacidade de gerir o desacordo num nível em que ainda encontramos pontos de contacto pacíficos que nos permitam desconstruir progressivamente as diferenças, criando as soluções a partir do que é pedagogicamente assertivo e eticamente aceitável.

Problemas complexos não são problemas complicados, são problemas que se complicam. Problemas cujo ónus conceptual não está no ponto de chegada, mas no ponto de partida. Não é possível debatê-los numa lógica de ganho-ganho, pois nem

sequer têm a sua identidade reconhecida. Não são debatidos por que muitos dos intervenientes olham para o lado e dizem, enganando-se a si próprios: “qual problema? Eu não vejo qualquer problema!”.

John Kotter, no seu magnífico livro “O nosso iceberg está a derreter “ mostra-nos como este é um dos maiores desafios da gestão de qualquer organização: identificar e aceitar o que é, efetivamente, problema.

A fábula conta a história de um grupo de pinguins imperiais que vive de acordo com a tradição, com o hábito instituído numa ilusão de “domínio de feudo” que confere a todos uma enganadora convicção de segurança, até que Fred um pinguim curioso, observador e inconformado ousa nadar mais profundamente do que é costume.

Um dia Fred descobre um problema potencialmente devastador que ameaça a segurança e o futuro da colónia. Alerta todos os seus pares de que o seu “chão” está a derreter. É preciso mudar. Mas, ninguém o ouve.

Uma nova visão de um futuro que se acreditava pré-formatado perturba o “status quo” e faz tremer as mentes que se sentem ameaçadas pela palavra “problema”. Então, surge a tentação da fuga “para o lado”. Para que o problema não perturbe a normalidade, repetem, vezes sem conta, que o problema não existe. Talvez pelo esforço da repetição ele desapareça magicamente.

As várias tentativas de Fred de alertar e convencer para a urgência e necessidade da mudança são ensinamentos para os que tentam estratégica e inteligentemente ultrapassar as resistências ao novo. Mas este pequeno grande livro vai mais além e mostra-nos como passar dos problemas complexos que inviabilizam um trabalho coletivo a uma procura consertada de soluções: num percurso com 8 etapas Fred ensina-nos a mobilizar progressivamente para a mudança:

Num primeiro passo é fundamental olhar de frente para os problemas, sem preconceitos, de forma a despertar um sentido de urgência que tire da inércia as mentes instaladas. Depois criar uma equipa coesa (não homogênea pois muitas perspetivas do que aceitamos ser o problema é gerador de uma VISÃO mais completa). Criada uma visão como orientação para a mudança, surge um dos passos mais determinantes: usar a comunicação como instrumento dessa mudança. Vivemos numa sociedade de informação, os meios de comunicação permitem-nos ter acesso em tempo real a ela, mas a escola é ainda uma organização em que a informação circula, mas a comunicação

nem sempre acontece. Através da comunicação não só se mobiliza os outros como tornamos claro que se conta com eles. Com a capacidade, com a sua ajuda. Ao capacitar os outros a mudança ganha compromisso.

Na fase seguinte é fundamental alimentar esse compromisso para que ele se consolide continuamente: todas as pequenas e grandes conquistas devem ser celebradas como um passo em frente, para a inovação, para a melhoria. As celebrações de pequenos êxitos são uma espécie de pousadas à beira do caminho onde descansamos e regeneramos as forças para seguir em frente. Alimentam a autoestima e reforçam os propósitos. A escola está pronta para a última fase da conquista da mudança. O sentimento de estar em permanente estado evolutivo confere aos professores uma sensação mista de juventude na implicação e veterania na execução, que deve ser transformada em cultura profissional. Ser professor transforma-se em ciclos permanentes de aprendizagem em ação. A cultura da mudança torna-se residente e a procura da melhoria institucionaliza-se. A escola enfrenta, agora, todos os seus problemas com a certeza de nunca deixará que se transformem em complexos.

Uma escola que consegue mobilizar para a mudança não será mais geradora de problemas complexos pois aprendeu a desconstruí-los para seguir em frente. O problema complexo é reduzido a um problema de nível dois pela cultura colaborativa e negociado pela exigência de uma profissionalidade assumida.

## 17. Inovar as razões da Inovação

- «Quando é que se faz a reforma do sistema educativo? A renovação das escolas está para breve?»

- «Cala-te e inova!», respondem-lhe  
(Cros, 1985, p.99).

Um dos maiores obstáculos à inovação da prática pedagógica é a domesticação funcionária do ato de ensinar. Ensina-se num tempo fora de tempo. A relação pedagógica e, sobretudo, os seus instrumentos alicerçam-se, muitas vezes, em pressupostos que os contextos e as prioridades sociologicamente determinadas demonstram ser obsoletos. Muitos dos que vivenciam a realidade da escola são sensíveis aos paradoxos entre o “tempo real” e o “meu tempo” de alguns professores ou as dificuldades de alguns alunos em viver um “tempo de escola” que não sentem como o “seu tempo”. Os primeiros suspiram pela tranquilidade, os segundos precisam de movimento, interatividade. Por vezes os tempos de uns e outros parecem linhas paralelas. Não são incompatíveis mas não se encontram. Aproximam-se mas não se cruzam. A relação pedagógica não tem reciprocidade. Quando para ambos ela é apenas uma obrigação de percurso a escola está doente.

A esclerose múltipla de que padecem hoje muitas escolas sente-se na rigidez de um ensino que devia ser dinâmico, sente-se nas dores da relação pedagógica, percebe-se nos olhares sem brilho de professores e alunos. O termo clínico identifica uma doença desmielinizante, isto é uma doença que progressivamente rouba a substância protetora dos nervos (mielina), afetando o cérebro e a espinal medula. Sem mielina o sistema nervoso colapsa. A mielina da escola é o prazer de ensinar e aprender. Ele protege-a de tudo. Da má legislação ao conflito interno. Por ele os professores procuram novos caminhos, reinventando-se todos os dias. Por ele um aluno supera-se para alcançar os seus objetivos.

No sistema fisiológico a doença surge da má interpretação do que deve ser feito perante o novo pelo sistema imunológico, que confunde células saudáveis com “intrusas” e da sua rejeição resultam lesões graves, quase sempre irreversíveis. A analogia aqui também é esclarecedora. Muitas escolas confundem a inovação com intrusão e da sua rejeição apressada resulta a morte progressiva da alegria estimulante que devia ser o estado mental permanente da escola. A esclerose múltipla de algumas

escolas sedimenta-se como identidade e a reação “alérgica “ ao novo como característica imunológica.

Estas escolas sentem-se confortáveis na doença e assustam-se com brisas de ar fresco que possam trazer melhorias. Sem cura, vão encontrando paliativos e/ou tratamentos pontuais e assim vão sobrevivendo. Mas a analogia tem um ponto divergente que é esperançoso. A escola tem vacinas contra a inação.

O diálogo é um bom profilático e a inovação um dos caminhos mais seguros para a cura. Pelo diálogo é possível naturalizar para a mudança. E o sistema imunológico profissional do professor que rejeita o novo como ameaça ao seu “status quo” torna-se mais assertivo, mais perceptivo, mais integrador.

Estes professores, que salvam as escolas, são os que não ficam à espera que as coisas aconteçam. Fazem acontecer. Estes professores não aceitam paliativos, não lhes chega a sobrevivência do seu posto de trabalho, vão à luta pela “saúde” da sua escola. E quando o conseguem, sabem mobilizar-se para que se mantenha assim. Sabem melhorá-la, vitaminando-a continuamente com reflexividade e trabalho em equipa.

Estes professores não reclamam por inovação. Inovam.

## 18. Autonomia zombie

Há palavras que cansam. Cansam porque as ouvimos de tantas bocas e em tantos e paradoxais contextos que perdem o seu significado, esvaziam a sua força. São apenas palavras vãs. E então cansam-nos. Estou cansada da palavra autonomia. Ela é uma espécie de palavra quebra-gelo que se usa para ganhar a simpatia do que se vai pedir a seguir. Mas depois, as palavras que se seguem são imperativas, estrangulam a autoria decisiva a quem se prometeu autonomia. Espero o dia em que autonomia seja uma palavra “a sério”, preche de significado e estou disposta a comprá-la mesmo com a ameaça carrancuda de “depois fazemos contas”. Não há autonomia sem responsabilidade e por isso o preço é justo. Nem que a ameaça descarada ou implícita tente desmotivar a sua apropriação.

Se estou cansada da palavra porque falo hoje nela? Porque não consigo fugir-lhe. Vejo-a nas propostas de normativos, leio-a nos normativos, plasma-se exaurida nos decretos. Então, vencida, procuro-a na essência dos documentos, na visão estratégica que os determina e só lá vejo o seu fantasma. A autonomia é uma espécie de zombie que deambula transversalmente mas nunca corporiza. Os mais crentes asseguram que está lá, os fanáticos dizem que a estão a ver, os comuns mortais de tanto ouvirem falar dela queriam, efetivamente, conhecê-la. Porque nem todos os mortos-vivos são ameaçadores. E autonomia- zombie é especial, ela é viva-morta. Isto é, está viva no papel e morta para a ação.

Hoje este meu devaneio tem uma razão de ser. Li a proposta de DLAL e mais uma vez pressenti a autonomia-zombie. Ela ululava em muitas entrelinhas, mas senti-a sobretudo na expressão “no regresso à matriz de monodocência do primeiro ciclo” justificada, sobretudo, com o vínculo afetivo que possibilita às crianças. Mesmo sendo mãe também estou a ficar um pouco “alérgica” à palavra matriz. Sobretudo se ela é utilizada como “voltar atrás” e não como uma referência, como um chão a partir do qual construímos continuamente. A matriz é importante porque nos lembra a missão, a razão, o objetivo, as metas. A matriz não é um colete-de-forças que nos impede de ir em frente e tentar outros caminhos para os mesmos objetivos.

Conheço experiências com resultados muito positivos e estimulantes de pluridocência no 1º ciclo. Professores que sentem que estão muito mais motivados para ensinar e aprender nas áreas de Português ou Matemática, por exemplo e então

investem essa sua mais-valia na construção e uso de recursos para ir mais além numa área que os estimula cognitivamente. Ganham a qualidade do ensino e a dinâmica significativa da aprendizagem pois para criar condições de motivação para a aprendizagem a condição *sine qua non* é motivação de quem ensina. Este é o melhor modelo para o 1º ciclo? Não sei. Mas sei que o “modelo bom” é o que resulta melhor. E esse é aquele em que todos aprendem com prazer. Se uma experiência de pluridocência está a produzir resultados estimulantes, termina-se por decreto? Se noutra escola a monodocência agrada a todos (professores, alunos, encarregados de educação) que continue. Se estamos na rotina de um modelo que não está a resultar como gostaríamos, porque não tentar outro(s)? Isso é autonomia (mesmo!).

Em relação ao vínculo afetivo facilitado por um só professor eu pergunto isso não se consegue com dois ou três professores? Não é enriquecedor que o aluno crie laços afetivos mais plurais e identificadores, uma vez que se abrem mais possibilidades de encontrar personalidade (s) de professor mais convergente com a sua? O aluno não poderá majorar o seu afeto ao perceber que pode confiar em diferentes pessoas que investem nele seu afeto? O vínculo afetivo com o professor do ensino básico, se for positivo, permanece para sempre. Não seria extraordinário multiplicar esse sentimento de reconhecimento por dois ou três?

E a socialização nesse sentimento não será facilitadora de uma transição para um ciclo pluridocente?

A autonomia viva e real não precisa de se afirmar em decretos, é aquela que se assina na autoria assumindo a coragem de procurar novos caminhos.

## **19. Reaprender amar a profissão por “osmose”**

Do trabalho coordenado pelo Prof. Joaquim Azevedo e apresentado recentemente, onde se dão a conhecer algumas (as confessáveis?) preocupações e frustrações de um universo representativo dos professores portugueses, muito deveria ser alvo de reflexão profunda.

Hoje, segundo dia da minha vida de professora versão 2016-2017, recordei deste estudo um dado que deve ter ficado a dançar no meu subconsciente: “um em cada três professores, se pudesse, mudaria de profissão”. Porque me veio à memória tão triste informação?

Entrei na sala do meu 11º ano de Gestão Desportiva, onde iniciei o ensino da disciplina de Psicologia no ano anterior e vi nos seus olhos a alegria genuína pela confirmação de que iríamos aprender juntos também neste ano letivo.

A alegria e o prazer são mútuos. Com trinta alunos irrequietos e irreverentes (mas interessados) saí da aula muitas vezes esgotada por uma gestão complicada da construção de ambientes de aprendizagem dinâmicos e implicativos. Numa lógica inexplicável, sendo a turma que mais exigia de mim, era a turma onde mais me agradava ser professora: “a mente afetiva de uma professora tem razões que a razão desconhece”.....

Nem um desajuste no ambiente de empatia já conquistado provocado por uma atitude de que não gostei por parte de dois alunos, que me aborreceu bastante, no final do ano letivo foi suficiente para esfriar a alegria do reencontro. E ainda bem. Ambos os alunos vieram dar-me as boas vindas e um fez questão de me olhar nos olhos e dizer: “Professora, eu mudei.” Como se dissesse: “Olá, vamos (re)começar sem nódoas?”. Um seu colega olhou para mim e sorrindo disse: “ninguém muda em dois meses, pois não?”

“Claro que sim! Confiei. Principalmente na vossa idade em que, através da autoanálise, que se constrói a identidade. Basta pensar que não se esteve bem e que se pode fazer melhor para ser melhor pessoa que já se está a dar passo importante para a mudança”.

Nos primeiros cinquenta minutos da aula relembramos as linhas orientadoras de uma relação pedagógica, assente no respeito mútuo, no compromisso com o sucesso e a implicação responsável numa convivência empática e colaborativa. Quando voltaram, no segundo tempo da aula, eu esperava-os com um filme: “Os substitutos”. Fomos

vendo e parando o filme, discutindo a ficção de tornar realidade o desejo de muitos de “ter alguém que possa fazer o seu trabalho” e como a realização pessoal passa muito pela conquista e não pela espera que alguém conquiste o nosso sonho enquanto nos limitamos a esperar que a vida aconteça.

A discussão, a paixão dos argumentos apresentados, as conclusões (“se eu quero um futuro não posso ficar à espera que ele me caía no colo...”) fez-me tão contente por ser professora, tão feliz por estar a participar no crescimento socio-afetivo e cognitivo daqueles adolescentes que, enquanto eles saíam e eu arrumava as minhas tralhas, dei comigo a pensar: “se nós, “os dois” em cada três professores que sentimos com alegria que este é o nosso lugar e a nossa verdade pudéssemos, por osmose motivacional, ajudar aquele/a professor/a que está frustrado/a e desencantado /a com a profissão, a encontrar outros caminhos para que o brilho dos seus olhos volte a ser o farol de uma sala de aula ..... talvez todas as salas de aula fossem imensuráveis espaços de luz.

## **20. Por que não há responsabilidade sem exigência ética.**

A avaliação da qualidade do desempenho de uma profissão ou cargo deveria ser uma exigência profissional. Não deveria estar colocada no item dos deveres mas, orgulhosamente, na coluna dos direitos. Qualquer bom profissional deveria exigir o direito ao reconhecimento e o respeito que este significa entre os seus pares e para aqueles com quem interage. É assim que vejo, por exemplo, a avaliação do desempenho docente.

Esse direito exige que o foco nunca se desvie do essencial: como o profissional interpreta e executa a essencialidade da sua profissão. Como torna efetivo o que se espera dele pelo papel que desempenha. Como dá a sua identidade profissional ao mandato que lhe foi conferido pelo contratante, pela sociedade. Um profissional é recurso inestimável para qualquer organização, mas a grau dessa importância depende da qualidade do seu desempenho para a melhoria dessa organização. Assim, a avaliação do desempenho profissional é sobretudo um espaço de reflexão para as duas partes interessadas no processo. Porque avaliação do desempenho sem reflexão e propostas de melhoria é como pintar as paredes de uma casa sem se certificar se estas estão sólidas, sem perceber se é preciso remediar algumas pequenas fissuras (e elas não desaparecem por baixo da pintura ... podem mesmo aumentar).

Vem este meu texto a propósito de uma notícia sobre algumas reações de deputados de uma determinada bancada parlamentar ofendidas por um estudo à qualidade do serviço que prestam a quem os elegeu. Quando soube do estudo e de algumas das suas conclusões a única questão que me ocorreu foi: como é que isto não é uma prática comum a todas as bancadas?

Uma bancada parlamentar é uma estrutura organizacional que congrega pessoas detentoras dos mais dignos e exigentes mandatos da democracia. O seu imperativo deve ser orientar a sua ação para a excelência. Ser deputado não é estar estacionado num anfiteatro à espera que a realidade se resolva. Eles/elas não são eleitos/as para esperar que as coisas aconteçam. São eleitos/as para contribuir, ativamente, que aconteçam a bem de todos. A sua intervenção na análise, no debate, na participação ativa em comissões ou grupos de trabalho, a assiduidade comprometida não são (não devem ser) orientadas pela sua vontade mas pela exigência ética de ser a voz e a força dos que em

si confiaram. A ética não tem cor nem rótulo político porque a ética mora na exigência de conduta de cada homem.

Ser portador de um mandato político no Parlamento, fazendo-se de morto, qual manequim em loja que só preenche espaço para justificar o que se lá se vende é muito pouco para o que a sociedade exige dos seus representantes. Se outras bancadas tivessem a coragem para uma verdadeira avaliação do desempenho não seria muito diferente: muitos estão a prestar um bom serviço à democracia, outros devem fazer muito mais para serem um valor acrescentado. E se essa avaliação for transparente a nossa realidade política dará um passo gigantesco para dias melhores.

Por que, como dizia Platão, não é político quem quer mas aquele que pela sua aretê (excelência, virtude) ganha o direito a essa responsabilidade.

## 21. Ver o outro como queremos ser vistos

*“Suponho que é tentador tratar toda a gente como um prego se a única ferramenta que tens é um martelo” Abraham Maslow*

Considerado, por muitos, o pai da corrente humanista da psicologia, Maslow defendia que se são conseguimos ser flexíveis na forma como percebemos o outro cometeremos sempre os mesmos erros ao tentar estabelecer relações interpessoais que possam ser gratificantes.

Quando estabelecemos uma relação pedagógica e/ou profissional devemos estar preparados para construir a partir do interlocutor que temos e não da nossa imagem de interlocutor preferido. A base de qualquer relação interpessoal é o respeito pela identidade do outro e a exigência de que a nossa seja respeitada.

As relações interpessoais precisam de um chão em que todos concordem no que se espera de si e o que podem, legitimamente, esperar do (s) outro(s). E para isto a ferramenta relacional mais poderosa é o diálogo e o seu instrumento a palavra.

As relações pedagógicas e profissionais devem ser construídas no pressuposto de que a diferença é um recurso e não um obstáculo. Pela palavra assertiva a diferença é convertida em mais-valia e a desconfiança em compromisso.

Um novo ano letivo é uma oportunidade de renovar as nossas ferramentas relacionais. Mudar a nossa abordagem dos problemas pode dar-nos capacidades heurísticas de os resolver que nem suspeitávamos.

Perceber que sendo pessoas o erro é tão natural como o sucesso, devemos estar convictos que um dia ele irá cruzar o nosso caminho e estar preparados para o ver não como um negativismo desmobilizador mas um desafio para, a partir dele, ficar mais conhecedores e atentos. Esta convicção é também uma ponte facilitadora para a compreensão do erro do outro. Ele não pode ser ignorado mas deve ser sublinhado, sobretudo, como algo que deve ser reparado, se necessário com a nossa ajuda, e não como um obstáculo ao êxito de uma relação pedagógica ou profissional num contexto em que a convivência saudável é faor basilar para o sucesso de todos.

Agora que ainda temos as reservas de energia em alta, não desperdicemos o poder dos começos. É tempo de investir no sorriso quando olhamos o outro e ganhar créditos relacionais que o tempo nos fará necessitar de usar.

## 22. Um pensamento para os sem Natal

Quando era jovem observei várias vezes como com a minha mãe durante os preparativos das doçarias de Natal, entre a virada de uma rabanada e o aconchego, numa cama de canela e açúcar, de um filhós, deixava escapar um suspiro ou disfarçava uma expressão de tristeza. Muito trabalho pensava eu. Oferecia-me imediatamente para ajudar mais e ela logo explicava que não era o trabalho que trazia alguma neblina ao espírito do dia, era pensar que havia tanta gente perdida pelos caminhos da vida, sem família, sem Natal.

Os jovens, no seu mundo de conforto, não gostam de ver a sua alegria ameaçada e eu era particularmente entusiasta da época Natalícia (cheguei, com 18 anos, a arrastar sozinha um pinheiro de Natal do Mercado do Bolhão até à minha casa, à Lapa, por a minha mãe se ter rendido à comodidade do pinheiro artificial. Um pinheiro sem corpo, sem cheiro, sem vida não era para mim suficiente....). Assim, ficava sempre um pouco irritada pela “inoportuna” lembrança da minha mãe naquele dia. Não era uma pessoa egoísta mas, aquele dia, para mim era só luz e melodias natalícias ... o resto ficava para os outros dias todos. Aquele dia era o meu dia e eu só queria alegria à minha volta !!!

Mas todos crescemos e em cada Natal eu fui percebendo que o nosso Natal só honra o seu espírito se com um pensamento, uma prece, um desejo, um gesto nos lembrarmos de quem não tem Natal.

Hoje, enquanto embrulho prendas penso naquele colega diretor de turma que nos dizia na reunião de ontem que metade dos alunos da turma têm um dos pais desempregados, na minha jovem aluna que perdeu a mãe há dois meses, naquelas pessoas que a geopolítica e maquiavélicas estratégias de poder “chutam” de refúgio em refúgio, sem pão, sem terra, sem dignidade. Tudo lhes foi tirado. Apenas uma coisa têm de seu: um rótulo. “Refugiados”. Um nome que cheira a piedade, mas que não dá direito a nada....

A maior parte não acreditará na essência do Natal, a sua religião acredita noutros rituais, mas nós que tanto falamos dele deveríamos perceber que a sua essência é acreditar num Deus que nasceu para o bem de todos e que o Natal só pode, efetivamente, irradiar luz e alegria quando todos são abençoados por elas.

Hoje tenho a idade que a minha mãe tinha quando, no Natal, eu pensava que os seus pensamentos que se dirigiam para a tristeza dos outros eram a despropósito, eram

inoportunos. Hoje que ela só vive no meu coração, gostaria de lhe dizer: “ Obrigada mãe por me ensinares que ,por muito bem que eu esteja no Natal, há sempre alguém que merece uns minutos no meu pensamento, alguém que devo incluir na minha prece, quando peço um novo ano com paz, amor e saúde para os meus.

Obrigada mãe porque, por ti, percebi que posso não ter o poder para mudar a infelicidade do outro, mas isso não me dá o direito de esquecer.

Porque acredito que no Céu todos os bons são lembrados: feliz natal minha mãe”.

### **23. À boleia de uma procura saudável: os absurdos na escola**

Li, com muito interesse, os textos de Ilidia Cabral e Maria João Peres postados no “face” da UCP Educação. Sempre defendi que o inimigo nº1 do sucesso educativo é a indiferença. A socialização na rotina, no ensino de sebenta (escrita ou conceptual) que olha para o que tem perante si “pelo espelho retrovisor”.

A indiferença, acomoda o profissionalismo e transforma o conformismo cristalizado em obediência acrítica, mesmo quando tudo o que mobiliza a ação profissional de um professor devia gritar: “BASTA!”

Sou professora há 34 anos e dos cursos profissionais (antes profissionalizantes) há vinte e tais. Porque vejo o ensino como um complexo de estratégias pedagógicas e psicognitivas que permitem ao aluno aprender (e só assim a palavra faz sentido) sinto e reforço a perigosidade de todos os absurdos denunciados nos textos inspiradores a que aludi como ponto de partida. À sua boleia gostava de falar sobre o que me parece estar em “cima da mesa” para mais uma “mudança” nestes cursos.

Os cursos profissionais são (deviam ser) uma excelente alternativa para o aluno efetivamente interessado numa carreira profissional de carácter prático de qualidade, onde o conhecimento teórico adaptado e contextualizado interage sistemática e metodologicamente com o conhecimento-ação que prepara, de uma forma pericial, a integração competente no mundo de trabalho. Esta é a sua natureza. Esta é a sua especificidade. A sua mais-valia. Currículos, metodologias, estratégias de ensino e avaliação devem estar ao serviço deste desiderato. O perfil do curso e os objetivos da sua dimensão profissional devem ser a pedra angular do trabalho colaborativo dos professores na construção desta intencionalidade pedagógica.

A transitoriedade para o ensino superior deve ser possibilitada e apoiada sempre que os alunos queiram usar um curso profissional como um caminho “mais prático” para ingressar neste nível superior de ensino. Mas, repito, esta não é a natureza dos cursos profissionais. Se assim fosse estes cursos não serviriam propósitos diferentes eram apenas caminhos diferentes e não respeitariam os objetivos de alunos com características diferentes de aprendizagem.

As escolas deveriam disponibilizar aos alunos que querem, através dos cursos profissionais ingressar na universidade, formas de apoio e aprofundamento de disciplinas que serão alvo de exame nacional (talvez seja importante questionar a forma

de o fazer e perceber se o que temos é o que deveríamos ter...).Mas não é um bom propósito pedagógico defender (como parece estar em discussão) igualar os programas curriculares de disciplinas “privilegiadas” dos C.Profissionais e C.Regulares. Defender esta ideia é não conhecer o habitat psicognitivo da enorme maioria dos alunos dos cursos profissionais. Este não é o caminho para a sua qualidade, a sua eficiência e a sua indispensabilidade.

O rigor, a qualidade, os requisitos que farão de um aluno de um curso profissional um meritório cidadão e um competente e exigente profissional é a oferta de um currículo onde o saber e a técnica estejam estruturados para os objetivos específicos da sua próxima integração profissional. Um saber conceptualmente conquistado, teoricamente aplicado e tecnicamente executado. E isto funciona para as disciplinas técnicas mas também da formação geral e científica.

Por exemplo: a indispensável disciplina de Português. Os jovens destes cursos devem conhecer os paradigmáticos escritores de língua Portuguesa, ser proficientes a interpretar criticamente os seus mais significativos textos e ter acesso e domínio dos instrumentos e ferramentas lexicais e gramaticais que o permitem. Mas com o aprofundamento considerado necessário e sobretudo estimulador para que depois queiram descobrir algo mais sobre um autor ou sobre a sua obra. Porque sentiram a importância estética e artística dos seus conteúdos. Porque foram sensibilizados e estimulados para a leitura, para a obra de teatro, para a discussão/debate de ideias. A que servirá, para além disto, o conhecimento por exemplo das “cantigas de amor” ou de “amigo” em todas as exigências gramaticais, métricas , lexicais e de natureza Idiossincrática que o seu aprofundamento lhe exigiria? Á desejada estimulação para a aprendizagem contínua, não será.....

No entanto, estará prevista nesta homogeneização, como construir assertivamente um *curriculum vitae* , um relatório, um argumentário de uma queixa ou a sua defesa? Estará previsto o treino oral para uma apresentação a clientes, um discurso neurolinguístico de promoção de uma ideia, as competências orais para explicar a outro um procedimento ou utilização? Estará privilegiada a importância da proficiência de uma leitura que lhe permite interpretar e agir de acordo com instruções, muitas vezes de importância vital para a sua segurança e de outros? Claro que a disciplina de Português, num curso profissional , não se pode reduzir a estes requisitos

de conhecimento e comunicação mas eles não poderão estar ausentes do seu horizonte curricular na contextualização da disciplina aos objetivos de integração cívica e profissional.

E este é um dos absurdos mais extraordinários da lógica da organização escolar: a sua enorme mobilização para granjear alunos para os cursos profissionais e o seu pouco investimento em adequar os currículos e as práticas pedagógicas às especificidades de aprendizagem destes alunos. O “fazer o que sempre se fez” com alunos diferentes e esperar os mesmos resultados é engano. É engano que desmotiva professores e alunos. É potenciador de estigmatização e grande parte da resposta às causas do grande índice de abandono escolar que macula estes cursos.

Se a posição de homogeneização curricular das disciplinas de exame nacional para a vertente regular e a profissional triunfar, são os alunos que procuram os cursos profissionais apenas como forma de integração no mundo do trabalho que perdem. O abandono escolar destes alunos aumentará e a escola perceberá que se paga muito caro a cristalização dogmática no saber que não se reconstrói e atualiza com as mudanças sociais. O absurdo é procurar uma escola nova sem abdicar de um ensino velho.

## 24. Quando o Gabinete Disciplinar se ilumina

No meu “plantão” desta semana no gabinete disciplinar ajudava um aluno do 7º ano a preencher uma ficha reflexiva de receção. Este, sem hesitação, assinalou negativamente a pergunta onde deveria referir se era a primeira vez que tinha sido expulso da aula da disciplina que o tinha levado ali. Sem hesitação, também, respondeu afirmativamente à pergunta se tinha dificuldades de aprendizagem nessa disciplina. Depois leu as duas seguintes questões e ficou pensativo. “Precisas de ajuda?”-perguntei. Abanou com a cabeça e explicou: “É que nunca tinha pensado nisto. É complicado....”. “Então vamos ler os dois, sugeri.

As questões reflexivas a que se referia pretendem uma introspeção orientada para a responsabilidade, perguntando ao aluno se pensa que é indisciplinado na disciplina (de cuja aula foi expulso) porque não consegue aprender ou se não consegue aprender porque, na referida aula, tem um comportamento indisciplinado. Estivemos algum tempo a dialogar (ele ouvia mais do que falava) sobre como era difícil aprender sem uma atitude aprendiz e como as dificuldades se vão superando quando essa atitude é de atenção e implicação.

Chega um novo inquilino temporário ao GAA. Da mesma turma. Pelo mesmo motivo. Atitude inadequada.

Ao contrário do outro que era muito calado, circunspecto, um pouco indiferente ao que o tinha trazido ali, este era o seu oposto: de olhar muito vivo, extrovertido e com um sorriso contagiante.

“Bom dia “-saudou-me dando um “olá “, em tom divertido ao seu colega. “Antes de mais queria dizer que acho que eu estar a rir com um colega não é motivo para vir para aqui”. Porque acredito que só mantendo uma certa neutralidade em relação a pessoas e situações podemos levar os alunos a focar-se no importante (atitudes e valores), respondi: “Depende de muita coisa mas sobretudo da intencionalidade do teu riso. Podes usá-lo de uma forma saudável ou como forma intencional de perturbar a aula e assim estás a cometer uma falha grave: impedir os teus colegas que estão interessados na aula de aprender”.

O miúdo olhou para mim, processou as minhas palavras, deu-me razão, mas contra-atacou. “ Eu acho que os professores deviam ter estratégias para todos estarem todo o tempo interessados na aula, para que se sintam motivados!”.

Sorri de “orelha a orelha” e pensei: “vejam-me o pirralho do 7ºano, como sabe das coisas... Tanta luz no seu raciocínio.... E uma questão surgiu na minha mente: será uma estrela e esta luz é filha do seu raciocínio ou um planeta e a luz foi-lhe emprestada por alguém que não consegue disciplinar as suas atitudes?” Logo decidi: “Não interessa, o importante é não o deixar sem uma resposta esclarecedora”.

“Sabes que concordo contigo? É fundamental para o bom desenvolvimento de uma aula encontrar dinâmicas para que todos os que estão na sala sintam prazer em aprender e ensinar. Todos têm de fazer a sua parte. Professores e alunos. Então, surge-me uma outra questão: “o que fazes para motivar a tua professora? Para que ela sinta prazer em ensinar-te? Mostras-te interessado? Falas-lhe das tuas dificuldades para que te ajude? Estás atento para merecer essa ajuda?”. Ficou sem palavras (o que para ele devia ser novo...). Depois de algum tempo respondeu: “Acho que também concordo consigo. “E acrescentou: “todos temos que ser felizes na escola!”.

Olhei para os miúdos. Muito diferentes na expressão, na postura, na forma como estavam a viver a mesma situação. Perguntei: “Que projetos têm para o vosso futuro?”. O primeiro encolheu os ombros, como se a sua ambição fosse apenas esperar que a vida aconteça. O olhar do segundo (re) iluminou-se e disse com convicção: “Quero ser um grande jogador de basquetebol!”.

“Acha a escola é importante para o vosso futuro? Insisti. O primeiro aluno voltou, eloquentemente, a erguer os ombros, mostrando não perceber que diferença faz a escola quando se não tem ambição no futuro. O outro não. Percebia a diferença e disse: “Claro que a escola é importante porque a vida de um jogador não dura sempre.”

Ambos olharam para mim como se esperassem um discurso “professoral” sobre a importância da escola.

Sorri ao adivinhar o que esperavam de mim. 2 pares de profundos olhos, dois rostos de lindos meninos negros e disse: “Uma das pessoas que mais admiro na História da Humanidade é Martin Luther King. Sabem quem foi?” O meu primeiro interlocutor abanou com a cabeça negativamente. O segundo disse, contente: “Sei! Era uma espécie de Nelson Mandela, não era?” Assenti, reforçando as semelhanças e, terminando, referi que mais do que a sua ousadia, coragem ou visão para o futuro da Humanidade gostava da sua ideia da escola e da educação. Disse-lhes que ele afirmou em palavras e atos que é pela educação e pela escola que as pessoas conquistam um melhor papel social

.Porque ele sabia que mesmo que a lei garanta que todos somos iguais é pela educação que sabemos exigir e exercer essa igualdade para todas as pessoas e todas as raças. Que é pela educação que todas as pessoas aprendem a viver a liberdade com responsabilidade.

Tocou. O “castigo” tinha terminado. Levantaram-se. O futuro basquetebolista despediu-se: “Adeus. Gostei de falar consigo, professora”. “Eu também-respondi. É, por isso, que não te quero ver mais aqui!”

## 25. Talentos escondidos

Ontem vi um filme impactante. Daqueles que continuam a falar connosco muito tempo depois de vistos. "Hidden Figures" é um filme com uma temática de uma oportunidade extraordinária, sobretudo para a América de hoje, que parece ter esquecido que a sua História se fez com o mérito de pessoas de muitas raças e origens e que, quando o pretendem esquecer, esconder ou escamotear, as obras e conquistas dos "diferentes" trazem à tona a certeza que a pluralidade é um valor acrescentado e não um obstáculo.

As figuras esquecidas deste filme são 3 mulheres negras que deram um contributo imprescindível ao projeto de desenvolvimento aeroespacial da NASA (na altura NACA) que conduziu à missão Apolo. A pulso. Na sociedade preconceituosa e segregacionista americana dos anos 40/60 (ao que parece com vontade de sair das cinzas....) Katherine Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson eram três mulheres afro-americanas de inteligência excepcional que estavam proibidas de brilhar, porque além de serem mulheres, o por si só já reduzia as suas hipóteses de protagonismo, nasceram com uma cor de pele inconveniente à atribuição de méritos. Ostracizadas na parte Oeste do complexo ("only for colored people") lutaram com determinação por cada palavra ouvida, por cada gesto valorizado.

Katherine Johnson, um génio (uma palavra sem feminino....) matemático, numa altura que a ciência não podia contar com a precisão de um computador, foi uma das maiores responsáveis pelos extraordinários cálculos que definiram as complexas trajetórias que tornaram possível colocar na órbita da Terra vários astronautas, incluindo John Glenn no dia 20 de Fevereiro de 1962, e fazê-los regressar em segurança. Dorothy Vaughan uma eminente matemática (a quem, durante vários anos, foi negada a inscrição para supervisora do departamento das "mulheres negras matemáticas"), percebeu que os computadores eram o futuro e especializou-se em computação e em programação FORTRAN dando um determinante contributo ao Projeto. Em 1949, ela foi a primeira mulher negra a ser promovida, finalmente, a chefe de departamento na NACA. Mary Jackson também uma mente brilhante no campo da matemática e da física, depois de conquistar um lugar no departamento de Aerodinâmica, viu a aspiração de se tornar engenheira aeronáutica ser duramente posta à prova por diversas vezes, tendo mesmo de recorrer a um tribunal para assegurar o seu direito a frequentar uma

faculdade de aeronáutica (que não aceitava negros) o que conseguiu, embora com a obrigatoriedade de apenas frequentar as aulas noturnas. Assim tornou-se, a primeira engenheira de aeronáutica negra .No entanto, só depois de muitos anos de trabalho excecional foi, finalmente, designada para trabalhar como engenheira de voo na NASA.

Em tempos em que a juventude necessita urgentemente de reciclar muitos dos valores que prioriza e ousar assumir a discussão do que é efetivamente importante para um futuro eticamente sustentável, este filme tem um valor pedagógico extraordinário. A reflexão sobre a riqueza da diferença, a ideia da importância de uma autoestima consciente do que somos e de como devemos afirmá-lo pela competência e conhecimento, é um debate de que a nossa Escola carece e cuja necessidade é cada vez mais evidente .

A percepção de que uma carreira de sucesso se faz de sacrifícios (como não havia casas de banho para negras, Katherine corria 1 km para ir à ala Oeste e voltava correndo para a sua secretária ), mas também de tomadas de posição corajosas (quando foi confrontada pelo seu “chefe “ pela demora, sempre que para lá se deslocava, soube argumentar mostrando, com essa e outras proibições ,que lhe pediam o mesmo trabalho mas era tratada como diferente) . Com esta reflexão o aluno aprenderá que, como profissional e cidadão, se conquista do o futuro com trabalho e determinação.

A posição do líder do projeto, que perante o argumento de Katherine toma imediatamente uma posição de justiça e derruba o letreiro segregacionista das casas de banho de pessoal da NACA declarando que a partir daí “ o mijo de todo o pessoal da NACA tinha a mesma cor”.

O debate desta atitude e comportamento consequente junto dos alunos poderá ser ,potencialmente, o fermento da responsabilidade social que a Escola tem a missão de ensinar. Filmes como este, numa altura que a integração social de pessoas de raças e credos diferentes já não pode ser ignorada como uma missão humanitária de responsabilidade e consciência social, apontam a urgência de uma escola reflexiva que usa a atualidade como tema e os valores como instrumentos de ação .

”Hidden Figures “ chama, ainda , a atenção para o mérito escondido ( também nas nossas escolas) atrás de um rosto calado , de uma atitude receosa , de um passado ou presente de dificuldades. Através dele podemos perceber quando é necessário reajustar a Escola que não valoriza as inteligências múltiplas escondidas preferindo a

inteligência pré-formatada e obediente. Como é importante que a Escola “dê asas”, que estimule a criatividade, a qualidade argumentativa, a cidadania envolvida e comprometida. Como é imperioso que a escola ensine a ousar sonhar, a ver para além do que é mostrado, a procurar ir mais longe. A ver em todos os alunos sementes de projetos de vida que podem fazer a diferença.

O valor pedagógico deste filme está ,sobretudo, em estimular o raciocínio hipotético-dedutivo dos jovens : “ e se fosse comigo ? Que caminhos para que “o que sei que posso ser” se mostre? O que posso esperar de mim? O que gostaria esperar dos outros como ajuda para o alcançar? O que legitimamente posso esperar da Escola ?

## 26. "Nascemos originais, morremos cópias"

[Karl Jung, 1990]

“O sistema educacional está descontextualizado. Estamos a ensinar capacidades e conhecimento enquanto deveríamos ensinar a aprender”. Esta foi a mãe das ideias de uma das últimas palestras de Joi Ito, o novo diretor de uma das mais prestigiadas instituições de investigação e inovação do mundo, o MIT Media Lab. Mais um eco de aviso da sociedade à escola do presente: **ou muda ou morre!** A escola que temos cada vez mais cava um abismo geracional e operativo entre o ensino que existe e a aprendizagem que é necessário e urgente alcançar.

Quando se discute o perfil de aprendizagem do aluno com 12 anos de escolaridade (que condicionará a qualidade do perfil profissional do futuro cidadão e a valia que terá para o desenvolvimento socioeconómico da sociedade a que pertence) todos concordamos que, possuir muitos conhecimentos (científicos, técnicos) , já não garante essa qualidade e muito menos a sua mais-valia.

Se fizermos uma viagem retrospectiva no conceito de trabalho, por exemplo, e a sua evolução no mundo ocidental vemos que ele nasceu idiossincraticamente ligado à ideia de obrigação, imposição, tortura. “Tripalium”(étimo latino de onde deriva o conceito) seriam três paus que obrigavam os animais a cumprir tarefas que justificavam o seu sustento. Durante séculos os trabalhadores lutaram para que o conceito de trabalho fosse dignificado e, através dele, pudessem afirmar a sua liberdade e com ela a sua sobrevivência e mérito social. Ganha esta luta (não sem que, várias vezes, as diferentes ideologias do lucro-fácil tentem recuperar o seu antigo significado), hoje o trabalho luta por uma identificação de sentido e significado mais ambicioso, mais humanista, muito mais libertador. Nos nossos dias o trabalho afirma-se não só como uma forma digna de garantir a sobrevivência e o reconhecimento social mas (o ideal é que fosse *sobretudo*) como realização pessoal, como o culminar de um caminho de conquista da vocação, do esforço, da aprendizagem procurada como um meio mas também como um fim.

Para o profissional do futuro este só está assegurado se, ao sair da escola, não for “apenas” um bom acumulador de conhecimentos, mas alguém que aprendeu a (gostar de) aprender e a certeza de que a escola foi um investimento inicial que deve ser

alimentado pela formação contínua ao longo da sua vida. Ver a aprendizagem como uma exigência de acompanhamento do progresso científico e social, saber convocar a procura do conhecimento como resposta à curiosidade e ao desafio pelo novo está é nova master lição do fim de um percurso escolar.

Albert Einstein, a quem a escola não soube compreender, afirmou: “A escola deve sempre procurar que o adolescente se transforme numa personagem harmoniosa e não num especialista. (...) O desenvolvimento da capacidade de pensar e de julgar de uma forma independente deveria figurar sempre na primeira lista de prioridades e não a aquisição de conhecimentos especializados. Se um homem domina os princípios fundamentais da sua disciplina e aprendeu a pensar e a trabalhar de uma forma independente, fará seguramente o seu caminho e será, entre outras coisas, mais capaz de se adaptar ao progresso e às mudanças que aquele cuja educação consiste em adquirir um conhecimento detalhado.” (Maurice Solovine, Paris: Flammarion, 1958). A originalidade, a criatividade, a procura pelas respostas para além do já pensado, a ousadia de colocar novas questões que não se fecham na esfera de satisfação cristalizada do aprendido mas na procura de melhores soluções para novos e velhos problemas ,são a marca de genialidade de Einstein .... e é isso que se pede ao profissional de futuro! Não que seja génio mas que seja inconformado. Que ouse procurar para além do evidente. Que seja empreendedor da sua própria aprendizagem.

Um novo perfil de aprendizagem, exigirá um novo perfil de ensino, de professor, de Escola.

Numa escola virada para o futuro nada pode cheirar a mofo. Tudo deve ser iluminado pela clareza de uma visão estratégica do conhecimento como inteligência aplicada e da aprendizagem com instrumento de conquista.

A Escola já não pode continuar com os dois pés na Academia ou no Liceu e falar em mudança assegurando que, no essencial, tudo fique como está. A Escola do Futuro será um espaço de flexibilidade, de questionamento , de desafio continuo para a ultrapassagem do que sabemos e do que somos.

O seu êxito já não poderá ser avaliado por uma certificação de resultados cumulativos, mas pela validação da qualidade das competências multidimensionais adquiridas, como o compromisso pela autonomia aprendiz, a dinâmica no trabalho de equipa, a interatividade da aquisição cognitiva (no saber científico, técnico ou humanista

e na sua aplicação às situações-problema) a responsabilidade ética e profissional ou a gestão assertiva da sua Inteligência Emocional e a compreensão da dos outros.

A Escola do futuro não certificará cópias .... Validará a originalidade.

## 27. Os ciclos da vida de um professor

Nenhuma profissão como a do professor é definida por ciclos anuais de vida. O intervalo de 1 de setembro a 31 de julho de um ano qualquer é muito mais do que um ano de trabalho, é uma folha de um livro profissional onde vivencia planos de ação, desafios ganhos, batalhas abnegadamente porfiadas, vitórias alcançadas, outras adiadas à espera de uma nova oportunidade, de um novo gesto, de um dia mais claro. Para um professor um novo ano letivo é, mesmo quando mantém os mesmos alunos, um percurso de descoberta, pois os jovens e crianças com que trabalha estão em processo de construção e por isso, mesmo quando julga conhecê-los, eles desvelam-se num manancial de possibilidades.

Um professor cresce em cada um destes ciclos. Com eles aprende a errar menos, a ponderar mais, a conhecer-se nos olhos dos outros. É assim que se envelhece como professor. Aprendendo em cada ciclo que passa. Enriquecendo-se cientificamente e pedagogicamente mas também melhorando como pessoa no seu compromisso com os outros e na fidelidade com a superioridade ética dos seus valores. Nos anos bons, onde a concretização dos seus projetos profissionais se aproximam do que planeou, sente a gratificação do sentimento de realização que reforça a chama motivacional que iluminará novos projetos. Em anos menos bons, terminar o ciclo exige momentos de catarse preservando o positivo e aprendendo com o negativo. Assim exorciza os fantasmas da desmotivação e cria estratégias de auto desafio que o levam à superação das desilusões e o elevam à condição mágica de ressurreição na profissão. Talvez Carlos Drummond de Andrade pensasse num professor quando aconselhou:

“Não importa onde você parou...  
em que momento da vida você cansou...  
o que importa é que sempre é possível e  
necessário “Recomeçar”.

Porque .....” Recomeçar é dar uma nova chance a si mesmo...”

Os recomeços dos ciclos de vida de um professor devem ser vistos como oportunidades para revisar a sua profissionalidade, refletir sobre a gestão da sua inteligência emocional, procurar formas de estabelecer laços e reforçar o sentimento de “nós” com as pessoas que convivem consigo na escola e que são a essência do bom clima que todos necessitam para dar o seu melhor.

Dar uma nova chance ao “sentir a profissão” como uma arte incrível de transformar mentalidades, interpelar saberes, co construir identidades. Por que em cada ciclo que passa o professor não muda apenas a sua vida, ele tem o poder extraordinário de transformar outras vidas, semear muitos sonhos, abraçar muitas pontes. Quando recomeça um ano letivo, este novo ciclo não dá apenas uma chance professor de se reinventar, ele oferece-lhe também a possibilidade de renovar o compromisso do seu pequeno mas extraordinário contributo para melhorar o mundo.

## 28. Investir na palavra dá sempre lucro

Na relação ensino/aprendizagem o começo de ano letivo não é apenas a lição 1. É mais, muito mais. É a altura do professor investir nas infraestruturas em que construirá a sua relação com os alunos.

A mitologia da profissão docente também tem os seus deuses e demónios. Anos de experiência ensinam que o início do ano letivo é o tempo de criar condições que nos afastem de Hades e nos aproximem da convivência do Olimpo, ou seja, de um ambiente de aula mais claro, mais apetecível, mais puro. Mas não perfeito, porque a perfeição das relações não existe ....até os deuses do Olimpo tinham os seus conflitos.

Este sim, é um dos mitos da profissão que urge contrariar. Não devemos entrar num novo ciclo presos ao anseio pela “turma perfeita” ou por “alunos ímpolutos”. A probabilidade de que 30 crianças juntas, heterogêneas, de raízes socio culturais, socio-afetivas e socioeconómicas distintas se comportem e tenham um feedback cognitivo exemplar “todo o tempo” não é muito alta. O conflito é inerente ao grupo. A sociologia das organizações ensina-nos que ele pode demorar mais ou menos tempo, ser mais ou menos visível, mas onde há convivência frequente a probabilidade do conflito surgir a qualquer altura é muito mais efetiva do que ele nunca acontecer. Ao socializar-se com esta evidência (que não se reduz à Escola mas a todas as organizações onde a relação interpessoal é fundamental para o êxito que se procura individual e coletivamente), o professor percebe que melhor do que ansiar pela turma perfeita é estar estrategicamente preparado para prever potenciais conflitos e, quando não os puder despistar, saber gerir as situações com que se vai deparando para minimizar os seus efeitos perversos. Saber enfrentar um conflito e desconstruí-lo pelo diálogo (e eventualmente pela punição acessória racionalmente aceite por todos, até pelo transgressor da norma, pois a sua justiça é transparente) permite, ao assumi-lo como uma oportunidade pedagógica, reconstruir o clima de sala de aula num clima de aprendizagem superior.

Mais do que uma prece ao santo patrono da docência o professor deve investir nas ferramentas certas para esta desconstrução/reconstrução. A mais poderosa é a palavra. Górgias no seu extraordinário discurso “o elogio de Helena” afirma que a palavra “tem um poder regulador. A sua essência é minuciosa e invisível e suas realizações são sobre-humanas.” O professor que é um bom comunicador (poderá ser

professor se não o for efetivamente?) tem sobre os seus alunos um poder incomensurável. Com a palavra consegue que os mais revoltados se acalmem e os mais interessados se superem. Usada com mestria demonstra afeto, induz autoridade, transforma ensino em aprendizagem. Um feedback com intencionalidade pedagógica é puro investimento na melhoria .

A palavra de um professor não pode apenas ser falada ela tem de saber ser dita. Sempre grávida de pensamentos positivos e muito acreditar. Ela pode (e deve quando se justifica) ser crítica mas não deve fechar portas . Deve ser capaz de explicar o que está mal e como pode ficar melhor , mostrando que acredita que aluno é capaz de o fazer, mostrando-se disponível para o ajudar nessa tarefa.

Com a palavra fazem-se pontes de entendimento e compromisso, estabelecem-se laços que permanecem para além da escolaridade. Com ela e por ela um professor pode ser eterno.

Investir na palavra dá sempre lucro . Através dela Cícero incentiva-nos na sua arte, pois “não há nada mais gratificante do que o afeto correspondido, nada mais perfeito do que a reciprocidade de gestos e a troca de atenções “ que podemos ganhar com o seu bom uso.

## 29. Quem quer ser sábio?

É o primeiro dia de aulas. A professora vê a sua nova turma desfilar para a entrada da aula e pensa: “ tantos destinos a construir, tantas vidas a desabrochar, tantos futuros a descobrir”.

Já é professora há muitos anos, mas todos os inícios escolares sente o mesmo friozinho no estômago, e o nervoso miudinho provocados pelo peso da responsabilidade de começar com “pé direito”. A experiência ensinara-lhe que investir numa boa comunicação inicial e deixar claras que as suas linhas de orientação na relação ensino – aprendizagem se sustentam na criação de um bom ambiente de sala de aula. E que isso exige compromisso e atitude aprendiz da parte de todos (inclusive da sua...)

Entra na sala e sente que, também para os alunos, a primeira aula traz uma certa inquietude. Sorri e cumprimenta:” Olá, bom dia a todos. Sejam muito- bem-vindos à aula de Português”. Apresentou-se e informou que seria também a sua diretora de turma – “o que faz de nós duplamente comprometidos com o sucesso” – acrescenta.

Pede a cada um o nome e com ele a sua opinião sobre a disciplina de Português e as suas expectativas em relação ao que esperam alcançar na Escola.” Um a um vão convergindo na opinião que a disciplina é importante pois é a base de compreensão de todas as outras - ela, contente, pensa que estejam a ser sinceros ou apenas “pragmáticos”, o facto de usarem este argumento é um bom começo..

Já quanto à importância da Escola nas suas vidas, uns estão convencidos do seu valor, outros, vencidos pela opinião dominante (sobretudo lá de casa....) dizem, sem grande convicção, que sim, que ir à Escola “faz falta” .... Quis explorar esta opinião: “faz falta para quê?” – perguntou. “O meu pai diz que sem Escola não há bons empregos” respondeu um dos arguentes de tal posição. Uma menina mais à frente concorda, agora usando a mãe como autoridade: “ela diz que sem um canudo não somos nada.” Desafiadora a professora interpela : “Não é a escola que faz gente, é a gente que faz a escola para que todos nós sejamos pessoas.” Olham para ela confusos. A professora estará “boa da cabeça?” Ou o português que ela vai ensinar é só para muito inteligentes? No entanto, ficam curiosos.

Os que se consideram bons alunos, mesmo sem perceber, não dão parte de fracos e mantém um ar entendedor mas denunciador que o “rei ia nu”. Os que se

perderam no raciocínio pedem que repita. Os demais dizem, de uma forma transparente, “não percebemos nada!”.

Contente por vê-los suspensos pela explicação a professora pede que esperem um pouco, pois antes precisa de fazer duas perguntas. Obtido adiamento, pergunta: “Quem quer ser milionário?”. Como um só, toda a turma levanta os braços em assentimento, com convicção e entusiasmo.

“Excelente!” – Disse a professora, parece que são jovens ambiciosos e com vontade de triunfar na vida. Acredito que, com essa determinação, consigam construir um projeto de vida de sucesso. Se não conseguirem ser milionários pelo menos vão lutar pelos vossos sonhos.

Agora a outra pergunta: “Quem quer ser sábio?”. Nenhuma resposta espontânea. Depois de alguns segundos de consulta mental, os tais bons alunos levantam a mão. Um deles levanta, baixa e antes de voltar a levantar pergunta: “um sábio tem de saber tudo?”. “Não, respondeu a professora, ninguém sabe tudo.” Lá atrás, um aluno quer saber: “professora ser sábio dá dinheiro?”. Ela ri e responde provocadora: “então não se vê que eu estou quase milionária.....”. Riem todos.

- “Professora, afinal, o que é ser sábio?” - pergunta, pelos vistos, o inquisidor militante.

- “É estar atento ao mundo e procurar conhecer tudo aquilo que o espanta. É ter uma opinião que se constrói a partir do conhecimento. É não permitir que alguém pense por si, porque tem todas as competências para contruir o seu destino. É procurar saber sempre mais por perceber o muito que tem ainda para aprender. É perceber que o valor das coisas não é seu preço”.

A escola não vos promete projetos de sucesso milionários, mas é o melhor caminho para aprender as ferramentas com que se constroem e, isto é o mais importante, a valorizar o sucesso como uma procura de melhoria pessoal e não um fim em si mesmo. A Escola ensina que a realidade que nos melhora é o sonho possível. Quando cumpre a sua missão a Escola transforma gente em pessoas.

E, naquela aula, o Português afirmou-se como a língua mais bela de todas. A que transforma palavra em promessa de valor.

### 30. Que Perfil de Professor para o aluno do séc. XXI?

Todos os que compreendem o tempo em que vivemos concordarão que as competências que a Escola tradicionalmente ofereceu nos seus Projetos Educativos foram, progressivamente, distanciando-se das necessidades de integração numa sociedade cada vez mais competitiva e desafiadora onde o conhecer cumulativo perde valor em favor do conhecimento crítico, criativo, empreendedor, divergente. Hoje, quando falamos no Perfil do Aluno no final de 12 anos de escolaridade o que se traz à discussão é : quais as ferramentas para o sucesso pessoal e profissional que a Escola pode ajudar a adquirir?

Um aluno, enquanto produto de 12 anos de interação pedagógica multidimensional, deve adquirir competências éticas, técnicas, científicas, humanísticas e cívicas que demonstrem o valor acrescentado de todos os que passaram pela sua vida académica. E se nem todas as suas experiências escolares forem positivas, a assertividade com que vai separá-las e saber como evitar repetir o mau e reproduzir o bom representa, *per si*, um inegável valor no certificado das suas habilitações enquanto pessoa.

O mandato social da Escola do séc. XXI não pode aceitar que esta seja apenas um espaço e um tempo de preparação para uma profissão, pois hoje o estatuto profissional não é uma situação estática, cristalizada num certificado escolar, mas uma etapa da vida de um individuo que só lhe dará segurança se continuar a investir, continuamente, no desenvolvimento das competências fundamentais que a escola soube plantar. Estas devem ser definidas como aquelas que permitirão ao aluno reconstruir-se profissionalmente, de uma forma contínua e inovadora, pois rejeitar a mudança que melhora, que transforma, que encontra soluções, é assumir que verá a vida passar no parque de estacionamento da sua existência.

O aluno deste século deve sair de 12 anos de Escola com a certeza que a conquista dos seus sonhos depende do grau do seu empenhamento e vontade, da qualidade do seu investimento na procura do saber, da competência com que gere o compromisso da relação indissociável liberdade /responsabilidade e da importância que aprendeu a dar à certeza de que tudo isto pode ser conseguido com prazer e entusiasmo. Já não chega à Escola ensinar a aprender. Hoje tornou-se fundamental incutir nos alunos a alegria de saber e procurar, continuamente, aplicar e melhorar esse saber. Mais do que formar

para a profissão, a Escola deve induzir para o espírito aprendiz, para a procura da informação inovadora, para a ousadia do desafio que faz crescer a pessoa e o profissional.

Esta Escola tem de ser, em si, mais cativante, mais apelativa, mais aberta ao novo e ao especulativo. Mas as escolas “diferentes” exigentes professores “diferentes”. Nesta Escola os professores são, efetivamente “mestres da possibilidade “ (Benjamim Zander). Donos de uma super- visão, estão focados nas competências científicas /técnicas / humanistas que a vocação escolheu, mas também possuem uma visão periférica para todas as outras que as contextualizam e lhe dão significado. São professores visionários porque, com estes “olhares holísticos “ , veem e preparam o futuro . Estes professores induzem a aprendizagem não porque sim, mas porque fazem os alunos sentir como são melhores com ela , como percebem o melhor o mundo e os outros através dela e , sobretudo , como ela é mais-valia para a sua realização pessoal e profissional .

Para estes professores dos alunos do séc. XXI metodologias são, efetivamente caminhos que abrem universos de possibilidades e as estratégias pedagógicas ferramentas de garimpeiro que sabem encontrar o ouro, mesmo quando outros dizem que só há areia. Acreditam na missão, juntam-lhe conhecimento, inteligência emocional, compromisso e o afeto necessário construindo sonhos com pequenas realidades conquistadas.

Há muitos professores destes por aí (não tantos quantos são precisos à Escola de hoje...) escondidos, quase rebeldes perante mandatos de “funcionamento” de Escolas que continuam como o pé na segurança mentirosa do “sempre se fez assim”. Mas é tempo de se perceber que não se pode fazer a apologia do novo, maquilhando o velho (não em idade mas em ideias, visão....). É tempo de um debate tão necessário como urgente: que perfil de professor para o aluno do séc. XXI?

### 31. Ensinar com sentido estético

“Escolha um trabalho que você ama e você nunca terá que trabalhar um dia sequer na vida”

Confúcio

Há sempre duas formas de executar uma tarefa: cumprir os objetivos a que se destina ou fazê-la com a preocupação de deixar uma marca identitária que nos orgulhe quando concluída. A primeira foca-se apenas no objetivo. A segunda é muito mais exigente, pois persegue dois imperativos de ação: alcançar um propósito mas também a autorrealização de o ter alcançado de uma forma que nos desafiou a deixar a nossa marca no processo.

Também no ensino podemos distinguir duas naturezas: uma natureza algemada a resultados focados no alcançar de objetivos formais (muitas vezes desajustados da realidade e por isso pouco impulsionadores para a aquisição de competências que realmente serão ferramentas do cidadão numa sociedade de informação) ou uma natureza construtora de conhecimento partilhado que se reajusta e atualiza ,continuamente no que se aprende, como se aprende e sobretudo como se reinventa nas perguntas que produzem conhecimento.

A primeira natureza projeta-se numa visão útil do ensino, onde ensinar é uma forma de transmitir o conhecimento, medindo a aprendizagem pela métrica dos objetivos mínimos que separam quem não consegue atingi-los daqueles que se perderam nas ondas da mensagem. Nesta natureza tudo se submete à linha que separa os alunos com o perfil de expectável sucesso, dos que pelo “estigmatismo” social são olhados como (irremediáveis) potenciais casos de insucesso.

Este tipo de ensino vê o insucesso educativo como “natural”, de razões exógenas à escola e como um fator negativo estatisticamente aceitável. A convicção de que o sucesso é mais social do que educativo leva-o a justificar as repetições de ano escolar de um aluno como uma forma “interessada” de o tornar “mais forte”, ignorando todos os estudos que mostram que essa repetência não traz melhor nem maior conhecimento, mas apenas outras repetências. Esta é a natureza de um ensino que não procura a beleza do ato de ensinar nem o prazer de aprender. A beleza submete-se ao útil.

Na natureza alternativa temos um ensino que “des-vela”, que “des-cobre”, que suscita a dúvida, a procura, a conquista do saber. Esta natureza faz de quem ensina e aprenda cúmplices da partilha de formas de construir patamares de crescimento. Não há aulas monótonas, nem temáticas “intragáveis”. Nesta forma de ensino seduz-se para a importância da construção coletiva e individual do conhecimento. Aqui ensinar e aprender é uma das muitas caras do que nos faz felizes. Aqui, até o saber útil deve ser aprendido na sua beleza e a sua posse entendida como reprodutora de muito mais conhecimento. O professor que assume esta natureza do seu ensino, assume também o desafio de, sem comprometer o rigor científico dos conteúdos do que ensina, inventar caminhos de estimulação cognitiva que levem o aluno a construir a sua própria aprendizagem.

Vejamos um exemplo. A minha turma do 12º de psicologia (E. Profissional) com trinta alunos de desporto para quem estar imóvel numa carteira é uma espécie de “doença escolar”, começou o seu programa deste ano letivo com um módulo dedicado à diferença e formas de intervenção na relação interpessoal com as pessoas portadoras de diferença. A abordagem destes conteúdos, depois de uma pequena base teórica (que se enriquece no desenvolvimento da ação pedagógica) tem sido multidimensional: numa das dimensões foi pedido, aos alunos, um “TPC” que tem suscitado uma incrível adesão: ver todas as semanas a série televisiva “The good doctor” (podem ver no PC) que mostra as dificuldades de relação interpessoal de um excecional médico autista. Uma vez por semana, os 15 primeiros minutos da aula de 2 tempos é dedicada a falar do episódio e como as pessoas que interagem com este médico e que, inicialmente, o rejeitaram estão a aprender a conhecê-lo e admirá-lo para além das suas limitações sociais.

No desenvolvimento dos conteúdos foram caracterizados e analisados diferentes formas de “diferença”: além do autismo, falamos da dislexia, da diferenciação de género, de raça, de religião....

Um destes dias convidei-os a ver um episódio de uma recém lançada série.” The GIFTED “ que tem como tema uma geração de seres humanos que, devido a erros genéticos acidentais, nasce com “superpoderes “- diferentes portanto. E, porque são diferentes, são perseguidos pelas pessoas “normais “como aberrações.

Na aula seguinte ao convite, perguntei por que seria que lhes teria pedido para ver aquele primeiro episódio da referida série. Todos queriam falar entusiasmados. Pedi ao mais ansioso que desse a sua opinião e ele respondeu: “ Costuma-se achar que pessoas tratam mal quem não tem as suas capacidades ou cor, ou religião ou etc. porque as julgam inferiores. Mas o filme mostra-nos que mesmo quando são superiores, porque têm superpoderes, também são mal tratados --- Eu acho que o que professora queria que nós víssemos é isto : **o que certas pessoas não aceitam é a diferença, aqueles que fogem ao padrão do que é ser “normal “. Só os que são iguais a si os fazem sentir seguros.**” Todos concordaram e foram enriquecendo mais esta conclusão.

É nesta alturas que um professor se sente efetivamente feliz na profissão! O entusiasmo de aprender produziu conhecimento. Ensinar foi antes de mais mostrar caminhos.

Este entusiasmo e vontade de aprender será enriquecido com mais suporte de conhecimento teórico que será avaliado através de um trabalho de projeto que pequenas equipas vão realizar para sensibilizar a escola para “ O direito ao respeito pela diferença” alicerçado na fundamentação científica dos seus objetivos. A semente das criatividade está lançada: da produção de filmes, à organização de palestras e inquéritos e outras ideias, os ecos que me chegam das propostas e das formas da sua concretização mostram-me que tomaram nas suas mãos a tarefa de aprender para além de mim.

### **32. O respeitável e panfletário Sr. Sucesso Educativo**

Politicamente correto o Sr. Sucesso Educativo de apelido Metas e Resultados, é um daqueles convidados que muito promete mas nem sempre comparece.

Fisicamente não está em todo o lado mas em espírito é onnipresente: está nas aspirações de todos os Projetos Educativos, nos sobrolhos colegiais do Conselho Geral, nas preocupações dos Srs. Diretores, nos suspiros do Conselho Pedagógico, nas intenções dos professores, nos desejos dos alunos.

Por ele programa-se, planeia-se, projeta-se, porfia-se, batalha-se. Sim porque, para sua proteção, o esforço é bélico: combate-se a sua antítese com todas as armas, em campos quase sempre desprovidos de sementes que possam germinar em conhecimento.

Porque o outro, o Sr. Insucesso Educativo, assusta e não é socialmente bem visto, pelo não é convidado para quase nada..... nem para aprender.

Como quase tudo nesta vida, a diferença entre estes dois senhores começa no berço. O Sr. Sucesso Educativo “normalmente” nasce em ambiente aquecido e confortável, socialmente “adequado”, com todos os vínculos precoces assegurados e dieta proteica e vitamínica equilibrada. Frequentou um jardim- escola onde, entre cortes e recortes, despertou a sua vontade de conhecer mais. Em casa falava-se de como a escola é um sitio que transforma crianças em cientistas, em advogados, em médicos, em professores.... E ele começou a sonhar: “a escola é uma escada, a carreira o último degrau”. Naturalmente, o Sr. Sucesso Educativo, apoiado pela família em encorajamento contínuo, começou a construir o seu Projeto de Vida.

O Sr. Sucesso Educativo é um privilegiado! Porque tudo de que nasceu deu certo. Nasceu na família certa, numa casa arejada pela sorte, no lado solarengo da rua.

No outro lado do espelho vê-se, desde que nasceu (no lado errado do sol) o Sr. Insucesso Educativo, Desinteressado de apelido. Não tem perfil, tem destino. A sua origem, os seus vínculos afetivos precoces (ou a sua falta), as conversas que ouve (sobretudo as que deveria ter ouvido); a certeza de que ser cientista, advogado, médico ou professor é para os filhos dos outros; a convicção que a escola é uma apenas uma ponte para a idade em que pode começar a trabalhar; a aceitação de que “a escola não é para ele”, é quase um cadastro de condicionantes transformado em currículo pré-escolar. Se juntarmos a este coquetel outros condicionalismos que a sociedade deveria

ter vergonha em considerar mas que, na realidade, estão escondidos nos sorrisos politicamente corretos, como a cor, a etnia, o bairro... então o Sr. Insucesso Educativo será como a pescada: “ antes de ser, já o era...”.

Estas considerações não são dogmáticas. Aceitam a trânsito entre o lado solar e o lado lunar na vida de ambos os senhores. Por vezes, por que sabe que tem tudo para ser um êxito, o privilegiado deixa-se adormecer pelas facilidades e acorda na sua sombra: chumba de ano. Também é possível (acredito que cada vez mais ), que aquele a quem a vida nada prometeu encontre na sua vontade, na sua ambição e convicção a resiliência para transformar trabalho em sorte, empenho em resultados e investimento em carreira.

E o papel da Escola nesta narrativa? Se os condicionalismos sociais são tão importantes que um bom entorno é um trunfo formidável, qual é o mandato social da escola? O mandato social da escola é assegurar que um aluno não tenha um perfil de sucesso mas um perfil de aprendizagem. Não importa o que traz à entrada mas o que leva à saída. Não se busca sucesso, busca-se aprendizagem. Não se procuram resultados que respeitem metas porque traduzem sucesso educativo. Exigem-se conhecimentos fundamentais que construam saber.

Esta senhora , Dona Aprendizagem, é uma fiel companheira que como Penélope não abandona aqueles com que está comprometida . E, talvez um dia, os Projetos Educativos das Escolas tenham como aspiração não o sr. Sucesso Educativo mas a qualidade da APRENDIZAGEM de TODOS os seus alunos e o desejo visionário de que eles honrem essa aprendizagem contruindo conhecimento e reconstruindo sociedades mais justas, mais coesas, mais democráticas.

### **33. A temida Sr<sup>a</sup> Avaliação**

Lembram-se da Nanny Mcphee? A perceptora assustadoramente feia que entrou na vida das crianças da família Brown como uma megera, fria e calculista? O seu rosto fechado, deformado pelas verrugas e rugas de expressão severa despertou nelas expectativas arrepiantes. Como sobreviver àquele olhar inspetivo? Cedo as crianças perceberam que não deveriam ter medo dela. Aos poucos foram compreendendo por que se apresentava vestindo o estereotipo de professora austera e disciplinadora que a tradição da classe média-alta exigia. Se não correspondesse ao que se esperava, ao tempo, não seria admitida. As crianças, que rejeitariam qualquer uma que viesse para regular o seu crescimento perceberam que, afinal ela não estava ali para o julgamento fácil que aponta o dedo e castiga em conformidade, mas para apoiar, mostrar possibilidades, celebrar conquistas, exemplificar que ser virtuoso é uma opção de vida. Então as crianças entregaram-se, confiadamente, ao seu juízo avaliativo. Não tinham nada a temer. A avaliação que a Nanny Mcphee fazia do seu comportamento e aproveitamento escolar não era para denunciar ao pai, não era para criar rivalidades com os irmãos, mas para uma competição amiga que estimulava a procura de conhecimento. A meta era a aprendizagem e procurar formas de fazer melhor, o objetivo. Avaliação era um disparador de caminhos e não um indicador de destinos.

Sempre que conseguiam que uma virtude substituísse uma má escolha, uma verruga desaparecia do rosto da Nanny Mcphee. Ela criou afetos e de temida passou a imprescindível. Os seus juízos eram conselhos respeitados, as suas orientações saber em ação. Não ignorava maus comportamentos ou irresponsabilidades mas as penalizações surgiam da aceitação racional de que todos tinham de fazer o seu trabalho de forma positiva pois isso é uma forma de devolver, honestamente, o que se recebe da sociedade.

Um dia perguntaram-lhe se ela ficaria para sempre. Ela, enigmaticamente, respondeu que tinha vindo quando não a queriam, ficaria até que já não fosse necessária, quando cada um fosse capaz de fazer o seu trabalho reflexivamente. Quando a avaliação que ela fazia como reguladora fosse vista como uma exigência pessoal de cada um deles na sua pessoal e social, ela tornava-se prescindível e, então, deveria partir para ajudar outras crianças.

O sua maior lição foi que este tipo de avaliação não se teme, procura-se, exige-se.

Muita da avaliação que, ainda, se faz entre nós é uma perceptora terrível que corrige, critica, seleciona mas não apoia, não desvenda, não induz à melhoria. Esta Sr.<sup>a</sup> Avaliação é uma mal-amada que apenas se dá com a Dona Classificação. Foge da Dona Aprendizagem porque esta está sempre a cobrar-lhe o “e agora?”. Sempre que a Sr.<sup>a</sup> Avaliação dá o diagnóstico: “saúde do conhecimento nota 6” a Dona Aprendizagem reclama: “e a receita?” Esta bolorenta Sr.<sup>a</sup> Avaliação usa a justificação recorrente: “Fartou-se de lhes dizer o que fazer! Ela tem lá tempo para voltar a ensinar a mesma coisa! O problema é não terem pré-requisitos... Talvez tenham tido professores demasiado “moles” que só se preocupavam com ritmos aprendizagem, sim porque ela é justa: “teste iguais para todos” é o seu lema! Também pode ser que as crianças, porque não gostam dela, façam de propósito. Desconfia até que muitas das famílias sejam disruptivas e disfuncionais e isso estraga o seu ensino.... Porque ela não erra, não tem dúvidas e dificilmente se engana.

O rosto desta conceção de Avaliação tem verrugas que não caem e rugas de expressão que nem toneladas de creme hidratante conseguem disfarçar, pois resultam das caretas que faz quando corta furiosamente as respostas erradas e classifica: “sem futuro”.

Já conheci alguns professores com este rosto. Mas conheço muitos mais sem verrugas profissionais, com rugas de sorrisos contínuos, com olhares brilhantes de carinho quando falam dos seus alunos. Muitos que se tornarão eternos para os seus alunos como a Nanny McPhee. Porque souberam, na sua relação pedagógica e avaliação, mostrar a positividade do erro e a importância de reconstruir a partir dele. Que, quando criticam individualmente é para ajudar e quando os expõem aos olhos dos seus pares é para elogiar.

Estes professores vão, pouco a pouco, germinado nos seus alunos uma exigência pessoal de autoavaliação e melhoria contínua. Conseguirão com o mesmo grau de sucesso com todos os alunos? Infelizmente não. Mas todos serão melhores cidadãos, devido a si, porque mesmo que a vida os cristalice e a superação continua não seja possível terão sempre uma memória afetiva da escola que não os abandonou num diagnóstico.

### 34. A imensa alegria de uma tão grande tristeza

Platão afirmou que só temos verdadeira consciência do valor das coisas porque conhecemos o seu oposto. Então imaginem uma escola onde não há filas, onde não há alunos que se acotovelam na confusão do toque nem professores que corram apressados para a sua aula. Onde não há sorrisos francos e comprometidos, onde não há alegria. Uma escola em que a imagem mais presente é de uma violenta e dolorosa ausência de alunos, de vida, de tudo portanto. Uma escola sem alunos não existe... é apenas uma caricatura de si. São paredes que guardam recordações que gritam para que a vida renasça. São portas que guardam memórias de bons dias onde se construíram futuros. São fantasmas dos afetos que se respiraram, sussurros de laços que se apertaram e o que o tempo parece querer matar.

Por que uma escola também morre. Uma escola também se mata. Pelo desamor pela profissão, pelas lideranças tóxicas, pela indiferença, pela recusa em perceber que a mudança não se ignora, não se enfrenta ...cavalga-se. O que mata uma escola é o “fazer de conta”, é o apego ao “*status quo*”, é o olhar para o futuro “pelo espelho retrovisor “. O que mata uma escola é o olhar vago e triste da sua gente, porque a escola são as pessoas e se elas se sentem infelizes a escola está moribunda. Imaginem que esta escola existe.

Existe porque eu vi, eu senti, eu estive lá.

Da minha tão grande tristeza nasceu uma imensa alegria. E senti-me mal por me sentir tão bem. Era um sentimento egoísta, mas que fazer? Sou apenas humana.

A lágrima que corria transformou-se em prece nos meus lábios e agradei a Deus o barulho dos corredores da minha escola, as filas no bufete e na secretaria, as marcações na biblioteca ou no auditório. Agradei pelos alunos incríveis da minha direção de turma que me fizeram chorar quando entraram na sala de aula com um bolo e lindas rosas celebrando dia do meu aniversário, pelos alunos com quem me zanguei a semana passada porque não estiveram bem. Pelos colegas de que gosto muito, por aqueles de que estou a aprender a gostar, pelos não-docentes prestáveis, simpáticos, atenciosos. Pela direção acessível, competente, empática. Obrigada, meu Deus, por eu ser professora numa escola VIVA onde se VIVE. Não é perfeita (essa sim não existe...) Mas é uma escola onde me sinto respeitada e onde tenho prazer em voltar todos os dias.

A prece transforma-se em conhecimento e lembro António Nóvoa na sua leitura do “ Tratado da Gratidão” de S. Tomás de Aquino em que explica que, no mais elevado e sentido nível de gratidão, quem agradece obriga-se. Então percebi, ao sentir o seu oposto, que a minha gratidão aumentou o meu compromisso em fazer, a minha parte, para alimentar a vida da minha escola.

### 35. Paradoxos

Lemos o documento do perfil do aluno ao fim de 12 anos de escolaridade e facilmente encontramos unanimidade no seu conteúdo. Se um professor não está cristalizado na profissão e tem investido no seu desenvolvimento profissional e humano há muito compreendeu o desfasamento entre o perfil de cidadão que a sociedade (e o mercado trabalho) atual e futura exige e o que se constrói, todos os dias, nas escolas. Hoje é urgente e necessário investir num perfil de aluno holístico, onde as dimensões técnicas, socioprofissionais, culturais e éticas se entrelacem como condição de aprendizagem com sentido.

Na sociedade da informação e do conhecimento o único padrão de sucesso é demonstrar competências para não seguir um padrão. A capacidade de trabalhar em equipa, de liderança, a inteligência emocional, a criatividade e a autoria valerão tanto como como uma certificação de competências escolares. O que coloca à escola um grande dilema: balcanizar-se nas competências cognitivas e naquilo que se convencionou meter no “saco “ dos *comportamentos e atitudes* (e lá “cabe” quase tudo que se distingue de conhecimento) ou assumir o seu mandato social e o seu papel de co-construtora de cidadãos (e profissionais) completos que possam sair da escola integrados num processo de evolução e não de rotura.

A Escola deverá ser, progressivamente, um local onde se descubrem talentos e se potenciam inteligências. A escola não pode ser um obstáculo ao sonho, ela deve dar asas a esse sonho, facultando ao aluno as aulas de voo necessárias. Claro que estas aulas devem também versar múltiplos conhecimentos (porque o conhecimento essencial não pesa, dá agilidade ao pensamento). Nesta Escola o currículo é construído a partir do que a História e os Grandes Pensadores e Cientistas nos legaram mas das também das bases reflexivas para a construção de novos conhecimentos. O Currículo deixará de ser uma formalidade que submete alunos e professores e passará a ser uma realidade orientada (mas gerida) por professores que sabem que a sua prioridade é ser mediador para uma aprendizagem significativa de conteúdos estruturantes do saber. Do saber que se cultiva e que germina reprodutivamente ao longo da vida.

### 36. Como cumprir este desafio sublime quando tantos paradoxos perseguem esta Escola Maior ?

Paradoxos que o legislador ainda não quis (não pode? não soube?) perceber:

- o maior de todos é como explicar a alunos e professores que o investimento multidimensional, que se diz ser fundamental para o que a sociedade espera do (novo) ensino, pode ser posto em causa num exame, numa prova, num momento de ansiedade mal controlada, numa escolha que a pressão do exame nacional tornou angustiante e, por isso, pouco lúcida. Ensinar para o conhecimento em ação ou (apenas) treinar para o exame de conhecimentos selecionados e avaliados criterialmente, mas nem por isso (ou por isso?) isentos de injustiça?

- como, com conhecimento balcanizado, disciplinas estanques, ensino inerte, ausência de debate, inexistência de tempos de reflexão colegial, serão os caminhos de doze anos (obrigatórios) de escolaridade para a construção de um perfil em que tudo isto é posto em causa?

- como ensinar para a importância do trabalho de equipa e a aprendizagem colaborativa, quando muitos professores não fazem destas práticas uma exigência profissional?

- como potenciar as inteligências múltiplas dos alunos (e dos professores) num ensino onde a cultura artística é tão redutora (na oferta e nos universos de criatividade que os programas “permitem” nas disciplinas eleitas). E aqui chegados eis um exemplo plenamente demonstrativo: um aluno da minha Direção de Turma, na semana passada, conquistou feitos notáveis no concurso internacional “*European Ballet Grand Prix*” – Viena de Áustria (22 países-200 candidatos): Solista Contemporâneo Júnior - **1.º Lugar** e Solista Clássico Júnior-**2ºlugar**. Por eles foi convidado para a importante Gala Internacional- a *Charity Awards Gala* - sendo-lhe atribuída uma bolsa na Berlin Staatlich Ballett Schülle.

A escola acarinha-o, os seus professores compreendem as suas ausências e os seus treinos e audições. Mas porque são pessoas com inteligência e bom senso. Porque apoiam o seu sonho.

Mas o que faz o legislador para proteger estes alunos que estão a desenvolver competências que o Perfil do Aluno diz serem importantes? Nada. Pois não sendo

considerados atletas de alto rendimento (desporto) não têm as suas competências artísticas reconhecidas e protegidas enquanto alunos.

- Esta Escola que deve, democraticamente promover o talento , ensina que há talentos de primeira e segunda escolha . Que tipo de sociedade promove ?

Não se esgotam aqui os paradoxos. O sistema educativo está grávido deles. Os apresentados apenas demonstram como há muito caminho a percorrer para uma Escola onde se construa o perfil que todos concordamos ser “sina qua non” para o cidadão do séc. XXI. Mas como o passado não é destino lembremos o grande poeta castelhano António Machado no livro «Campos de Castilla»:

“.....caminhante não há caminho, se faz o caminho caminhando ....  
e ao olhar para trás vê o caminho que não vais voltar a pisar “

### **37. “Somos uma liberdade que escolhe, mas não escolhemos ser livres: estamos condenados à liberdade.”**

(J.P.Sartre in O Ser e o Nada)

Pensar é a forma mais eloquente de ser livre, pois é a única liberdade que não se pode calar. Um pensamento é o berço da ideia, a negação do estado vegetativo dos que apenas cumprem ordens. Freud dizia que pensar é “ação em ensaio”. Para uma peça que assumimos como autores. Uma vida que não tem identidade é apenas experiência de vida.

Também é assim a vida profissional de um professor: não se é professor sem pensar para a ação pedagógica. De uma forma livre.

A liberdade de um professor está muito subvalorizada. E o maior problema é que quem lhe retira o valor essencial é o próprio professor. Fá-lo quando diz a um aluno: “depois vemos isso que agora tenho um programa para dar”; quando lamenta não poder participar num projeto ou iniciativa pelo mesmo motivo; quando não defende uma posição em que acredita porque teme agitar o “status quo”; porque troca a construção de uma visão estratégica do que ensina, pela visão paradigmática dos autores do manual; sempre que, entre a sua decisão pedagógica e o “sempre se fez assim”, escolhe o lado dos que maquilham a mudança para garantir que tudo permaneça igual.

O perfil desejável para um jovem depois de 12 anos de escolaridade aponta para um cidadão livre e perfeitamente consciente da responsabilidade a que esta condição o obriga. O jovem deve aprender que a liberdade transporta consigo deveres de cidadania, de intervenção social, de mudança. Que a sua responsabilidade transborda da sua pessoa para a causa social. Que se concretiza, também, na responsabilidade de ser agente de mudança e melhoria da sociedade em que vive. Um jovem deve ser ensinado para a obrigação de defender a democracia que o fez livre e honrá-la pelo uso do seu pensamento livre como contributo para a construção de uma sociedade mais crítica, mais reflexiva.

E quem obriga, obriga-se. O professor deve sentir-se obrigado a exercer o seu mandato social, não porque um normativo lho lembra, mas porque a sua liberdade o impõe como legado que perpetua essa liberdade.

Todo o conhecimento científico e técnico que a escola possibilita é a chave da aprendizagem que, ao longo da vida, vai assegurar a independência financeira que todos os jovens almejam. Pode não lhe garantir um emprego para toda a vida mas, se souber reproduzir este investimento, poderá garantir que toda a vida terá emprego.

Mas isto bastará para afirmar e proteger a sua liberdade como cidadão? Esgota-se aqui o mandato social da escola? A essência do que consolida a liberdade da Humanidade, da sociedade, da pessoa tem pouco de científico, não é tecnicamente explicável mas é a única garantia de que nem a ciência nem a técnica sejam usadas de forma eticamente condenável.

A liberdade de um professor, superiormente formado para pensar, é escolher ensinar a pensar.

Um jovem hoje deve sair de 12 anos de escolaridade apto a perceber quando tentam manipular o seu pensamento, desviar a sua liberdade, desestruturar os seus valores. A compreender a diferença entre o fundamental e o fundamentalismo. Estar atento para as armadilhas que separam o popular do povo e estes do populismo . Deve sair do seu longo caminho de aprendizagem sentindo que a garantia dos seus direitos está contida na forma como cumpre os seus deveres. Que a liberdade é uma dádiva que se aprende todos os dias.

E então podemos afirmar que o currículo (também) se cumpriu na sua dimensão mais nobre . A que se esconde na hermenêutica do seu sentido implícito. A que alimentará a esperança de que os aprendizes farão eternos os seus professores . Sempre que tomem a decisão civicamente correta. Sempre que pensem que deixar o conforto da sua casa e ir votar não é apenas um direito, é um dever que honra a sua liberdade. Sempre que falem da escola como um lugar onde a liberdade se aprende e o conhecimento se constrói, se conquista todos os dias .

### **38. (Re) descobrir a escola**

No âmbito da disciplina de Psicologia, que leciono, a minha turma do 12ºano do Curso Profissional de Gestão Desportiva está a desenvolver um projeto de sensibilização para a mudança das atitudes discriminatórias (co contexto de um dos módulos curriculares). O Projeto é aglutinador de várias atividades e tem o nome genérico de “Quando se fala de diferença, o desporto faz toda a diferença!”. Concretizam-no várias atividades que: refletem sobre várias situações sociais discriminatórias, debatem o autismo como outra forma de ver o mundo, a intolerância religiosa como desrespeito pela liberdade do outro, o Bullying como um problema de todos, a medicina chinesa como uma forma diferente de ver a doença ou o desporto adaptado como uma forma de superação dos condicionalismos físicos através da persistência e do mérito da vontade.

A turma dividida em grupos pesquisou, organizou e convidou palestrantes (psicólogos, especialista em medicina chinesa, representantes de diferentes credos, treinadora e atletas de desporto adaptado). Entre o fim de Março e o fim de Abril a turma dinamizadora promove a reflexão, o debate, a consciencialização. Assume nas suas “mãos “ uma das tarefas mais nobres da escola: mudar atitudes que se constituam como formas antidemocráticas de ver o mundo e incentivar comportamentos de cidadania livre e responsável.

Ontem, segunda-feira, teve lugar a primeira atividade. Um dos grupos de trabalho realizou e protagonizou um vídeo de 15min subordinado ao tema: “Todos somos iguais na diferença”. Depois de uma breve introdução ao tema em reflexão foi mostrado o vídeo, que usaram como disparador reflexivo, onde dramatizaram situações sociais de comportamentos discriminatórios. Entre as diferentes situações que o vídeo retratava, apareciam e interpelavam a assistência: “ O que pensas sobre isto? E se fosse contigo? Como reagirias perante esta situação?”. Na assistência alunos do 8º e 9ºano , respetivas professoras e toda a restante turma dinamizadora.

No final da apresentação do vídeo, os realizadores-atores fizeram um apanhado das situações e o fio condutor da negatividade transversal a todas as atitudes discriminatórias, lançando questões interpelantes sobre a discriminação. O diálogo tímido ia-se produzindo com o receio de exposição que antecede todos os debates coletivos.

A certa altura uma jovem do ensino básico chama a atenção da assembleia ao afirmar que, na sua opinião “ as pessoas mais novas são menos discriminatórias e aceitam melhor a diferença “. Olhei para ela. Curiosamente ela representava um sentido estético alternativo. Bonita, olhar vivo, cabelos longos com uma larga madeixa azul. Sorri. Era bom que sentisse dessa forma e que fosse impulsionadora desse respeito.

No cimo do auditório, um aluno da turma de Desporto, aproveitou a deixa reflexiva intervindo: “As diferenças só enriquecem o nosso mundo. Vejam, por exemplo, a música: hoje temos uma variedade incrível de músicas: hip-hop, rock jazz, blues, samba.... etc.. Todas estas músicas têm grande influência étnica e cultural que depois nos influencia a todos, o que gostamos e a maneira como sentimos o mundo.” De uma forma espontânea e entusiasmada todos aplaudiram o Vieira. Era um bom exemplo. Na sua linguagem. Todos se reviram na ideia de que a multiplicidade é enriquecedora e não (des)caraterizante.

Os alunos que dinamizaram a atividade consultaram o relógio. Quase a tocar para sair e o intervalo é um direito adquirido.... Não se tira a ninguém. Mesmo assim arriscaram uma última questão:

“Se todos concordamos que a discriminação é uma atitude e um comportamento negativo o que podemos fazer para mudar esta atitude? Qual será o caminho?”

No lado esquerdo do auditório um aluno do 8º ou 9ºano levantou o braço e respondeu: “Este é o caminho! A escola fazer mais debates como este, trabalhar em coisas como estas. É muito importante para nós!”. Todos aplaudiram veementemente . Eu também aplaudi com entusiasmo, quase comovida.

Tão simples! Re (descobrir) a Escola para o aluno do séc. XXI não é uma implosão, não é uma revolução. É só assumi-la como um tempo e um espaço onde até o ar que se respira é inspirador . Onde se aprende colaborativamente para uma sociedade melhor.

### **39.A Escola pode desenhar-se!**

A Escola apareceu sem plano: um pensador, poucos ouvintes, uma mensagem, alguma aprendizagem. Sócrates dizia que, com mestria de parteira, ela nascia de todas as mentes ...outros, como Platão, acreditavam que só os eleitos abandonavam a doxa e se aproximavam do conhecimento. Mas sempre com esforço, com dolorosa exposição à sua complexidade luminosa.... A aquisição do conhecimento era assumida como um percurso difícil, trabalhoso, seletivo, eletivo e por isso solitário. A recompensa era não a partilha mas a ideia de que, pelo conhecimento, se tocava o inteligível deixando o sensível, o básico para os outros .... Os que não “sabiam pensar” e por isso viviam na caverna das suas mentes.

Sócrates não acreditava no “insucesso educativo”: com um bom professor até o analfabeto escravo conseguia aprender. Platão assumia, sem pruridos democráticos, que uns têm o privilégio de atingir o conhecimento que leva ao saber, outros nunca perceberão a diferença entre a ilusão e a realidade ....

Esta ideia de que todos procuram o saber mas só alguns o encontrarão ( porque só esses conhecem o mapa) fez escola na Escola durante séculos..... O ensino estabeleceu-se como uma prática de guião, seguindo um mapa sem atalhos, sem espaços verdes, sem desvios, sem pontes .Só metas.

Esta orientação infiltrou-se e transformou Escola num espaço onde se ensina a seguir mapas... E ela própria num enorme mapa de mapas. Tudo se planifica (dizem-nos que tudo pode ser aberto e reformulável mas é uma mentira piedosa para não desmotivar ao plano). O currículo deixa de ser uma estrutura em construção e passa a betão armado de conteúdos que se repetem sem criatividade ou implicação aprendiz. O projeto educativo um mapa de boas intenções que fazem parte do Plano ... E o Plano é o politicamente correto. Onde a criatividade, a autoria, o debate, a consciência de si e dos outros não fazem parte do desenho .... São distratores.

Hoje e desde janeiro na UCP, vários grupos de alunos do 12ºano provaram que a Escola não pode ser apenas um Plano. Que não pode ser um espaço de mapas. A Escola deve desenhar-se continuamente. A Escola deve desenhar-se com o lápis mental do pensamento criativo. Hoje os vários grupos que participaram na iniciativa “Design Thinkers”, mesmo defendendo diferentes projetos, convergiram numa afirmação na ação: “nós queremos participar no desenho da Escola!” Queremos desenhar a Escola de

que necessitamos, a Escola que nos atrai, a Escola onde queremos estar. A Escola que queremos sentir como nossa.

Os alunos ousaram pensar para além do mapa. Sem rede, sem testes, sem exames. Mas porque lhes deu prazer.

Participei na iniciativa Design Thinkers com três grupos de alunos meus. Agradeço-lhes terem renovado a minha certeza de que Sócrates tinha razão. Estes grupos integravam excelentes alunos (“na medida da nota”) e outros que vão superando as suas etapas escolares com mais ou menos dificuldades. Trabalhando com eles de perto facilmente percebi que o entusiasmo era o mesmo, a implicação tinha a mesma intensidade. Com debate, com compromisso foram desenhando os seus pensamentos mesmo em tempo mapeado para a via única que aponta aos exames...

Uma das alunas que participou mais ativamente está no 12ºano pela segunda vez. Foi minha aluna no ano passado e conheci-a desmotivada, insegura, apagada. Embora tenha feito a disciplina que leciono (psicologia) voltou a inscrever-se. Quando apresentei o convite da UCP estimei-a a participar. Não se sentia integrada na turma pois só conhecia um outro colega com a mesma sina repetente e por isso estava renitente em aceitar. Mas um dos grupos convidou-a a integra-lo e acabou por concordar. E em cada quinta-feira que nos encontrávamos para debater os temas ela foi progressivamente participando no desenho mental do projeto do grupo.

Foi decidido que ela seria porta-voz de um dos grupos. “Eu?”- perguntou insegura, olhando para os outros com “mais pergaminhos” escolares. Mas aceitou. E brilhou. A mãe, na assistência, viu a filha (que sempre desmotivada lhe disse que ficaria pelo 12ºano) e comoveu-se descobrindo uma filha reinventada no prazer do projeto. Depois da sua intervenção, quando voltou ao lugar, perguntou-me: “Estive bem professora?”. “Um orgulho” – respondi, perguntando-lhe: “onde estava esta menina o ano passado?”. Ela sorriu sem responder. Respondeu no dia seguinte. Enviou-me um mail agradecendo a confiança que tive nela e dizendo que tinha descoberto que tinha muito mais para conquistar do que tinha alguma vez sonhado.

Comovi-me ao ler o que tão reservadamente me escrevia e não pude deixar de pensar: quando será que todos os alunos poderão efetivamente desenhar (e acreditar) o seu sonho e inscrevê-lo no desenho da sua Escola?

A UCP demonstrou com a sua iniciativa que a Escola do séc.XXI não pode mais ignorar a capacidade (a legitimidade) dos alunos para participar no desenho dos percursos da aprendizagem científica, técnica e ética da sua Escola. Hoje reafirmou-se num Auditório da UCP: “os alunos sabem pensar!”

E demonstrou-se que sabem identificar problemas e contribuir para as soluções.

É o fim anunciado de uma era escolar.... que já cheira a mofo. A era da Escola de mapa.

A Escola tem de aprender a contar com o Design Thinking dos alunos para resolver os seus problemas. Eles não podem mais ser vistos como um problema quando o insucesso ameaça. Eles provaram que são uma parte indispensável das soluções.

#### **40. Dupla triste indignação**

Sou professora há 35 anos. Neste já longo percurso senti muitas vezes indignação por uma tutela ministerial que exige tudo e mais além de um professor, transbordando de tal forma a identidade da profissão que nos perdemos em burocracias de que não encontramos sentido ou em funções de apoio social a situações a que não temos como responder (não por falta de vontade ou competências relacionais .....) o que, ao trabalho, acrescenta frustração.

Já vivi a indignação e a tristeza de muitas lutas em que, nós, os professores não deixamos sem resposta ameaças à dignidade de uma profissão que é mãe de todas as outras. Sem professores a sociedade viveria num véu de ignorância onde os donos da verdade instituída reinariam. Somos guardiões da missão de ensinar a pensar. Os professores são a linha entre liberdade de pensar e o pensamento possível. Por isso devem ser protegidos para que possam proteger.

Um país que se assume como um Estado de Direito, como um Estado que sabe que só há vida democrática se houver qualidade de pensamento deve exigir-se respeitar os seus professores. E por isto estou triste. E indignada. Porque a tutela deve aos professores um diálogo efetivo, honesto, sincero, retributivo deste extraordinário papel social.

Este mistério da Educação (e muito bem, na minha opinião) promove a mudança de paradigma educativo. É preciso refundar a nossa Escola fazendo emergir um paradigma adequado às exigências de um ensino / aprendizagem de acordo com o novo modelo social de educação adequado a um futuro onde a única certeza é a sua dinâmica permanente de mudança. Este modelo desenvolve-se em cinco eixos de ação pedagógica: um novo perfil para o aluno do séc. XXI, a autonomia e flexibilidade curricular, a identificação das aprendizagens essenciais, a educação inclusiva e uma estratégia nacional para a cidadania. As orientações normativas estão aí e os professores estão convocados para exigir da sua profissionalidade a assunção de um novo tempo na Escola. É pedido a todos os professores uma tarefa de mudança que exige tanto de empenho como de compromisso. Por que é urgente e necessário que a Escola mude e só mudará com o empoderamento dos professores de um sincero desejo de mudança.

Fico triste e indignada que a tutela não perceba que este é (mais do que alguma vez foi ...) um tempo de diálogo. Quem exige, exige-se. Quem pede a mão deve estender a sua.

Mas a minha tristeza e indignação é dupla. Porque não é apenas com o Ministério da Educação, mas também com professores que não o sabem ser, mesmo nas circunstâncias mais adversas. Nestes dias tenho lido no Facebook , em comentários a publicações de movimentos emergentes que supostamente nos (me) defendem, expressões de indignação que me envergonham profissionalmente. Insultos boçais a representantes dos ministérios da educação. Expressões grosseiras que nunca pensei ver escritas por colegas ....Mas o que mais me entristece e indigna são algumas propostas de luta “ vamos fazer asneira grossa na correção de exames.. ” e outras que as minhas teclas não conseguem reproduzir porque tenho ética profissional até nos dedos.

A assertividade (capacidade de defender os seus direitos respeitando os (dos) outros) é a maior lição de democracia que um professor pode (deve) ensinar aos seus alunos. E não se pode dar o que não se tem. Professores que não possuem competências formativas e democráticas devem mudar de profissão. São tóxicos para todos os extraordinários professores de que este país pode orgulhar-se. Neste percurso de 35 anos tenho tido o privilégio de conhecer muitos. Que colocam a dignidade da sua profissão antes de tudo ...até deles próprios. Que são pedagógicos....até quando espirram!

Ontem foi divulgado um estudo de uma investigadora da Universidade Nova que tem muitas conclusões interpelantes. Ler algumas delas fez-me bem. E uma delas salvou-me da minha dupla tristeza e indignação: se é verdade que 84% dos professores gostariam de se aposentar antecipadamente, devido ao tal trasbordo das exigências profissionais e ao desgaste que sentem (sobretudo pela falta de reconhecimento da tutela mas, por vezes, também da sua Escola, dos seus colegas, dos encarregados de educação dos seus alunos ...), todos eles reafirmam o afeto pela relação pedagógica , o amor pela sua profissão e que se dão a ela, cotidianamente , com toda a sua profissionalidade.

#### 41. Início de ano letivo: “Em Busca do Tempo Perdido”

No livro citado no título Marcel Proust reflete sobre algo que é fundamental para o começo deste ano letivo: compreender que a vida, o mundo, o tempo corre mais depressa do que nós e que, no fundo, só poderemos descobrir o sentido disso quando esse (re)conhecimento se estruturar em aprendizagem que permita transformar as mudanças em melhoria do que fazemos e do que somos.

Não se pode estar no ensino sem compreender as mudanças do mundo. O mundo mudou muito no séc. XXI e a Escola, na educação que tem oferecido não soube acompanhar essa mudança. Entrados há quase duas décadas no séc. XXI ainda não tinha sido feito o grande debate que se impunha: que referencial para a educação neste tempo de mudança? Que Perfil de Aluno (futuro profissional e cidadão) necessita uma sociedade da informação, da tecnologia, da robótica que exige permanecer fiel aos valores do Humanismo eticamente sustentado na responsabilidade individual e coletiva?

A emergência de uma 3ª revolução industrial que rapidamente se transformou numa 4ª com os progressos da era digital e das incriveis potencialidades que a internet trouxe na massificação (acrítica) da informação e da interação dinâmica entre pessoas e nações mudou as exigências do que a Escola tinha para oferecer. As 1ª e 2ª revoluções industriais necessitaram de uma Escola “produtora” de alunos capazes de seguir instruções e trabalhar em linhas de montagem onde o “pensar diferente” era desencorajado, pois poria em causa as lógicas de produção (não era necessário perceber o funcionamento “do todo” apenas fazer a sua parte, mecanicamente, no menor tempo possível). O capital humano era reconhecido como força de trabalho e não como potencial de progresso. A 3ª revolução industrial trouxe uma enorme mudança de paradigma para a Escola pois conferiu-lhe um novo mandato social: a Escola agora poderá (deverá) ser uma oportunidade de ascensão social. E foram dadas à Escola algumas ferramentas: a mais potencialmente transformadora foi a Lei de Bases do Sistema Educativo que surge tarde em Portugal e só foi possível porque houve um 25 de Abril que assumiu a educação como um direito de todos (e não dos mais fortes cognitiva ou economicamente) exigindo um Estado Social que se exige-se. Um estado que assumisse a responsabilidade de transformar uma “Escola **de** Todos “ numa “Escola **para** Todos” inclusiva, transformadora, promotora de projetos de vida. Todos sabemos que a

Escola não muda por decreto e muitos destes imperativos de ação estão ainda por cumprir. Estamos na crista da onda da quarta revolução industrial que nos exige ir muito para além do que ainda está “à espera”. Precisamos de uma Escola que perceba que é contra natura continuar a funcionar como um obstáculo epistemológico à mudança. É urgente uma Escola que se assuma como alavanca, reservatório ético e manancial de atualização científica e técnica dessa mudança. É fundamental uma Escola que garanta à sociedade futura co-construir cidadãos detentores de conhecimento especializado, capacidade de refletir sobre ele, competência para o aplicar e “last but not least” comprometidos com um atitudes e comportamentos que se sustentem em valores humanistas e eticamente exigentes. Este é o perfil que a Escola está, agora, convocada a desenvolver num aluno que acolhe em si durante doze anos.

Como todos os professores sabem de “boas intenções está o inferno cheio” e, assim, mesmo com “boas intenções” o “inferno” do insucesso e do abandono escolar, da balcanização em programas disciplinares insanamente longos e desadequados, de exames que não procuram perceber se o aluno sabe o essencial mas que funcionam como auditorias “forenses” cujo objetivo é detetar as falhas (mesmo que em aprendizagens colaterais), de uma escola que integra mas não inclui..... está assustadoramente presente nas nossas vidas profissionais.

Mas não se muda porque sim. E mesmo sabendo que a mudança não se decreta antes convoca-se na flexibilidade dos seus agentes, não posso deixar de me congratular com as extraordinárias ferramentas normativas de mudança que em julho e agosto foram “outorgadas” aos professores.

Com elas foi legitimada e reforçada a decisão pedagógica das Escolas e, assim, os professores podem assumir, efetivamente, o seu papel de tecelões de fatos à medida das necessidades pedagógicas dos seus alunos. De geridos por programas disciplinares assumem agora , “sem medo” a gestão flexível dos mesmos. Porque o decreto que o orienta diz : “confiamos na Escola, confiamos no professor!”

Como tudo que vale a pena vai dar trabalho assumir esta mudança. Os meus melhores votos de bom ano letivo são: que as Escolas não percam esta oportunidade extraordinária de partir “em busca do tempo perdido” e que sejam suficientemente audazes e profissionais para não entrar na mudança que o nosso tempo exige apenas para garantir “que tudo permaneça igual”. Muita coisa está em jogo: a sociedade em

todos queremos viver mas também o futuro da utilidade e papel social da Escola e, de uma forma muito interpelante, a importância do professor nas dinâmicas de mudança.

Que nunca seja dito que a sociedade está a mudar para melhor *apesar* dos professores.

## 42. Amor à primeira vista

Primeira aula do ano letivo. Entro na minha turma do 12ºano composta por alunos de 3 turmas diferentes. Estou entusiasmada com a ideia de que tenho alunos com interesses de áreas vocacionais de conhecimento distintas e, se tiver sorte, diferentes formas de percepção crítica da realidade.

Dou-lhes as bem-vindas à minha aula e parabéns por escolherem uma disciplina que, tenho a certeza, os vai fazer pessoas diferentes. E depois digo: “e também obrigada.” Obrigada em meu nome, em vosso nome, dos vossos pais, namorados/as, amigos, colegas e futuros rebentos”. Riem-se: “tanta gente obrigada porquê?” alguém pergunta.

- “Porque vamos tentar, a partir da psicologia, ver os outros com olhos de uma tolerância que só a compreensão dos seus comportamentos nos permite e aprender a ver-nos nos olhos dos outros naquilo que nos identifica como pessoas. Vejam a psicologia como uma busca do segredo para relações interpessoais positivas. Podemos não encontrar todo o segredo mas vamos ficando melhores pessoas no percurso desta aprendizagem.”

Entreolham-se nas suas carteiras aos pares comentando baixinho as minhas palavras. Vou olhando para eles e sorrindo, prevendo o que pensam da minha cénica entrada. Encontro um rosto conhecido. Uma aluna de psicologia do ano passado: “Olá linda, que fazes aqui? Sorri pelo reconhecimento e responde: “Professora reprovei a História e quando me inscrevi à disciplina este ano pensei: já que venho para a escola matriculo-me outra vez em Psicologia e ainda tiro melhor nota.... que já não é muito má – acrescentou logo para marcar posição. E, espontaneamente, vira-se para os colegas e diz: “Esta é a melhor disciplina que podiam escolher! (pelos argumentos conhecedores que utilizou disse-o de uma forma honesta) sendo também muito simpática no meu modesto contributo para a sua aprendizagem.”

Com a minha intenção de seduzir aqueles alunos para a disciplina de Psicologia inesperadamente facilitada, apresentei-me, disse ao que vinha e pedi a cada um que se apresentasse, dizendo a área vocacional da sua turma, indicasse a razão da escolha da disciplina e se tinham já uma futura profissão pensada para o seu projeto de vida.

Um a um foram dizendo o seu nome e turma de origem, uns dando razões mais ou menos caricatas para a sua escolha, outros assumindo a opção de uma forma muito

informada (consultando os conteúdos da disciplina ou simplesmente sondando os meus alunos do ano passado sobre a disciplina e a minha pessoa.....) As respostas mais difíceis, onde a voz se arrastava, eram aquelas em que confessavam, timidamente, a sua insegurança acerca do que queriam fazer, profissionalmente, no futuro. Poucos se vinculavam a uma saída profissional. Muitos deixavam transbordar na voz a sensação de que era mais um sonho do que uma possibilidade. Uma possibilidade de os dois anos escolares anteriores poderem ter hipotecado.

Talvez daí o receio de verbalizar um objetivo que receiam falhar? Insegurança em assumir, publicamente, um sonho que tantos obstáculos de seleção podem transformar em dura realidade? Não forcei. Naturalizei o facto de não terem essa certeza. Muito séria disse compreender essa indefinição na escolha do caminho para o seu futuro e acrescentei que ficaria muito mais preocupada se, com a mesma insegurança, me dissessem que ainda não sabiam que caminhos na sua vida nunca percorrerão. De uma forma clara, comprometida. Um dos jovens sorriu, voltou a apresentar-se e disse perentório: “ainda não sei o que quero fazer na vida mas tenho a certeza do que nunca farei nela.” E muitos repetiram esta séria brincadeira.

Alguém referiu que todos os jovens deveriam assumir esse compromisso consigo próprios: ser fiel a uma clara hierarquia de valores e assumir o que está certo e o que está errado decidindo, de uma forma segura, os caminhos que nunca percorrerão. Neste diálogo de oportunidade uma jovem disse que às vezes há razões para uma pessoa ser “apanhada” pela tentação desses caminhos. E, então falamos de resiliência, falamos de traumas que não são superados e que estão na base da distorção desses compromissos. Falamos de pessoas que não gostam dos outros porque não gostam de si. Alguém exemplificou com Hitler e de como a sua vingança mesquinha contra a humanidade foi produto do bullying social pela sua origem, nascimento e aspeto (pouco ariano...) e como isso germinou nele uma avidez insana de poder: o poder de decidir a vida e a morte dos outros.

A discussão sobre a forma como reagimos às adversidades e como esta temática está omnipresente nos diferentes conteúdos da disciplina de Psicologia, a intensidade e diversidade dos argumentos e opiniões dos alunos (que vão aprender a fundamentar crítica e cientificamente) foi tão desafiadora e estimulante que, quando tocou para sair

e ninguém se levantou (antes de eu os convidar a fazê-lo) fiquei com gosto de “quero mais!”.

Sáímos e ao fechar a porta da sala de aula pensei: “é oficial... estou apaixonada pela minha tripla turma de Psicologia!”

### 43. Pedaco de vida embrulhado em presente

Olhava para a montra de uma loja de um centro comercial quando ouço por trás do meu ombro: “Olá Professora, que bom vê-la!”. Virei-me e vi uma jovem senhora com uma linda menina pela mão. O cumprimento fazia sentido. Devia conhecer-me mas não me recordava dela. Um rosto lindo, de um castanho muito profundo, quase negro, onde realçavam uns improváveis olhos verdes. O rosto não me trazia lembranças mas os olhos diziam-me algo que não consegui decodificar. “Peço desculpa, mas não me recordo de si ...” respondi um pouco envergonhada como se um professor tivesse a obrigação profissional de se lembrar de todos os seus alunos, no meu caso, de mais de 3 décadas de ensino. “De que escola me conhece? Voltei a perguntar tentando encontrar uma referência que despoletasse uma memória.”

Com um ar compreensivo, provavelmente pela conhecida itinerância da minha profissão, deu-me uma pista: “Fui sua aluna na Gafanha da Nazaré há, talvez, 30 anos”. Fico sempre constrangida quando algo me lembra que já muita água passou pela ponte da minha vida profissional pois, no intimo, sinto-me jovem na minha paixão pelo ensino ...e apenas consegui dizer: “Por isso não me lembro. Foi no inicio da minha carreira. Há quase 36 anos para ser precisa.” Mentalmente recuei ao único ano da minha carreira em que ensinei o ensino básico, depois só no secundário. Enquanto falava procurava na arrumação do arquivo das minhas memórias, um referente, uma marca, um acontecimento que me levasse até aqueles olhos. Mas a idade é traiçoeira e escolas e rostos iam desfilando nas minhas memórias mas não o da jovem senhora.

Tirou a mão da criança e meteu-a na carteira. Tirou uma pequena bolsa florida e desta uma pequena agenda que, ao abrir, libertou uma pequena folha dobrada. Desdobrou e estendeu-me o papel. Peguei, expectante e li o titulo: “Como me vejo daqui a 20 anos: sonhos e conquistas”. Sorri, lembrando-me de um dos meus primeiros anos como professora. Embora da área da Filosofia tinha, naquele ano, decidido fazer uma experiência como professora de Português e História. Nesse ano lancei vários desafios de composição aos alunos que lhes permitissem pequenas reflexões ou projeções interpelantes. Continuei a ler o curto texto escrito numa letra infantil e insegura. Progressivamente se iam abrindo as portas da minha memória. Eram palavras de desalento, de quem do futuro aspira a nada. Porque era negra, pobre e sem pai nas suas palavras transparecia o desabafo de ter nascido no corpo errado. Eram palavras que não

falavam de sonhos mas de inexoráveis certezas que, de tão claras, eram assumidas com resignação. Dali a 20 anos, tal como no seu dececionante presente, ela aspirava a coisa nenhuma. E terminava, como num suspiro, com uma confiança que denunciava um íntimo receio: nem sequer acreditava “encontrar uma amiga, mesmo amiga, daquelas que nunca nos abandonam”.

No fim do texto, a verde, a minha letra confortava: “Não digas que não serás nada pois já és tanto! Boa menina, inteligente e com os olhos mais lindos que já vi. Serás tudo o que a tua vontade quiser! E quanto a quereres ter uma grande amiga não te esqueças: os amigos não se encontram, escolhem-se.”

Como por magia até o seu nome lembrei: Maria. E então voltei a vê-la franzina e tímida lembrando-me também que ela me esperou no fim de uma aula porque não percebera a última frase deste meu recado e lhe expliquei que, para que haja amizade, alguém tem de dar o primeiro passo.

Comovida olhei para ela e dei-lhe um abraço: “Olá Maria, que bom ver-te tão bem!”

Ela, também comovida, perguntou-me: “Lembra-se da Marta? Gordinha, sardenta, de tranças e sempre bem-disposta? Um dia fui ter com ela e perguntei-lhe se queria ser minha amiga. Ainda somos grandes amigas. Trabalhamos juntas e ela é madrinha da minha filha. Gosto dela como de uma irmã.”

A criança até aí pacientemente testemunha do nosso reencontro, puxou-lhe a mão: “Vamos mãe!” Ela sorriu, deu-me um beijo de despedida e foram-se.

Virei-me de novo para a montra e pensei que lá nada era mais bonito do que o presente que tinha acabado de receber. E também me fui.

#### 44. Um bom (re) começo

No final do ano passado pedi aos alunos da turma onde leciono a disciplina de Pensamento Crítico (7º ano) que, durante as férias do Natal, pensassem em mim uma “horinha”. E, nesse tempo, fizessem um exercício de “sair de si” e projetar-se numa outra pessoa, animal ou coisa num texto intitulado “Se eu fosse ...”.

As colegas a quem falei deste desafio, mais experientes neste ano de escolaridade, avisaram-me de que estes pedidos em tempo de férias raras vezes são correspondidos. Sou, por natureza, otimista mas foi timidamente que quando hoje entrei na primeira aula do período nesta turma, depois das saudações ao novo ano, perguntei: “Alguém se lembrou de mim nestas férias? A resposta unânime foi gostosamente surpreendente. De folha de papel na mão todos mostraram o seu texto.

Agradei a lembrança e pedi atenção e respeito pelas palavras de cada colega, dizendo que a posição crítica sobre os textos produzidos deveria apenas representar formas de melhoria que nos enriquecessem a todos. Depois, perguntei a opinião da turma para o desenvolvimento da leitura: “vão lendo à medida que se oferecem para a leitura? Tira-se à sorte?”. Escolheram a primeira alternativa. A aluna M. pergunta: “Professora depois de conhecer alguns trabalhos das minhas colegas acho que me desviei um pouco do que a professora tinha pedido. Posso melhorar e trazer na próxima aula?” Respondi que sim, mas que também podia ler e todos contribuiríamos com sugestões de melhoria e assim ainda poderia fazer melhor. “Então, eu leio a seguir aos colegas que já se ofereceram” – respondeu.

Afoito e bem-disposto G. foi o primeiro a ler o seu texto: “Se eu fosse mulher...”. Era um texto sarcástico. A caracterização falava de uma mulher “que acordava todos os dias ao lado do seu homem” e que tinha grandes preocupações (as únicas de que falava no texto...) com a “aparência, o cabelo” e outras coisas acessórias..” Quando terminou perguntei à turma se o exercício de “sair de si e ser outra pessoa” tinha sido conseguido. A maioria respondeu que sim. Como eu tinha pedido, fecharam os olhos e, nas palavras do G., viram uma mulher. Perguntei depois se haveria críticas que, positivamente, apontassem para aspetos importantes não desenvolvidos nessa caracterização. E (meu Deus como adoro ser professora, nestes momentos!) com o brilho da clarividência que eu já conhecia, mas que sempre me surpreende, M. responde: “uma mulher não se define por ter um homem ao seu lado, pode ter ou não ter!” Entusiasmada questioneei a

turma: “o que caracteriza então ser mulher?” Rapazes e raparigas falaram do que é, do que faz, da escola, dos sonhos, da carreira, de ser mãe (ou não ser), do trabalho..... Entusiasmada, uma aluna diz mais alto: “o que nos define não é a dieta, a depilação ou as roupas (características usadas por G.).” O que nos define é o que queremos ser!”. Ouvem-se aplausos de rapazes e raparigas e ela, surpreendida com a evidência que ousou, cora mas sorri. O G. sorri também, divertido com a (boa) turbulência que provocou. Eu, muito gratificada, lancei-lhe um novo desafio: “G. queres usar mais uma hora da tua próxima semana e completar o teu texto pensando numa mulher emancipada, independente que quer conquistar a sua realização afetiva e profissional?” – “Está bem! Até posso começar já” – disse pegando no lápis. Expliquei-lhe que a hora era de ouvir. A hora da criatividade apareceria durante a semana.

Pensativa V. olha para mim e diz: “Professora, eu tinha feito um texto sobre “se eu fosse uma princesa” posso refazer e ler só na próxima aula?”. Sorri, dizendo “Claro.” E brinquei ao perceber que o que tinha sido dito parecia ter acendido o seu espírito autocritico: “Se é princesa que gostavas de ser, vai em frente, não mudes o teu sonho, melhora o teu texto. Estamos num tempo em que até as princesas devem ser mais do que sangue real....”

E, um a um, os textos foram desfilando: Se eu fosse .... uma mãe, uma nuvem, um carro, um cão ...

S. transforma-se numa mãe e conta as suas alegrias com os primeiros carinhos e sorrisos de um filho, fala das preocupações constantes de uma mãe de adolescente ou de como é difícil trabalhar todos os dias para que nada falte em casa. Vê-se como uma mãe carinhosa, simpática, muito presente.

A turma comenta: “Uma mãe Top!” .... “Muito bem, digo, parece que conseguiste o papel da mãe que todos queriam ter ...”. E acrescentei “Posso desafiar-te a ir mais além? No próximo texto imagina uma situação em que tu, “enquanto mãe”, precisas de dizer NÃO! Onde demonstres aos “teus filhos” que o melhor caminho não é o que eles gostariam de escolher. És capaz?” Olhou para mim um pouco insegura mas acenou, com a cabeça, positivamente. (No final da aula veio dizer-me, entusiasmada, que já tinha uma ideia para o texto).

L. assume a vida de um cão e mostra-se gratificada por ter “bons” donos, especulando sobre os pobres cães de rua ou com donos “maus”.

Finalmente M. decide ler o seu texto: “Se eu fosse um touro”. Com a extraordinária perspicácia que a caracteriza, veste a pele do animal e angustia-se com as suas hipóteses de destino: “o talho ou a tourada”. Num texto formidável ela fala de como o Homem procura a diversão esquecendo o animal e como a tradição é a sua maior inimiga. Fala de sentimentos frágeis num corpo musculado e poderoso. Fala de um ser que parece forte mas sofre as dores de feridas que não procurou. As suas palavras comovem a turma. Mais do que a defesa do animal foi formidável como ela, com as suas palavras e criatividade, levantou o problema.

Gostei muito dos textos mas ganhei o dia com os comentários tão promissores da turma. Esta é a promessa que me levanta todos os dias para ser professora: que os meus alunos saibam pensar, que sintam a urgência e a necessidade de o fazer e que o façam com autoria eticamente sustentável. Hoje foi um dia bom.

#### 45. “Se eu fosse..... a professora que eu gostaria de ter.”

Quando, na última sexta – feira, entrei na aula de Pensamento Crítico fui, de imediato, alertada para a promessa da continuação da leitura dos textos “Se eu fosse...” iniciada na aula precedente. De caderno na mão todos queriam mostrar a sua ideia de ser.

Antes de iniciarmos a leitura, vários alunos mostraram ansiedade para ser primeiro e então eu brinquei com esta pressa, perguntando se isso traduzia a satisfação pelo que tínhamos aprendido na aula anterior.” Claro!” Afirmaram, uns oralmente outros com aquele brilho nos olhos que não precisa de legendas. “E a professora, gostou?”. Quando procurava palavras para demonstrar o meu agrado lembrei-me do que tinha escrito para a minha crónica que aqui trouxe na semana passada e então li-lhes também o meu texto, deixando – o à sua crítica como qualquer um dos seus.

Quando acabei de ler alguns aplaudiram, outros acenaram positivamente com a cabeça. “E então? Como enriqueceriam o meu texto para que ficasse melhor”. “Está muito bem! - disse uma aluna, foi mesmo assim.” Um dos alunos referidos na crónica estava visivelmente orgulhoso e repetia que ainda podia fazer um texto melhor. A aluna que nos tinha comovido com o seu texto sorria também, mas com um sorriso agradecido como se tivesse recebido um prémio. Alguns dos alunos que não foram contemplados no texto, apenas por gestão da sua extensão, referiam, aprovando o critério de escolha: “A professora devia ter escrito os nomes ....” Toda a turma viu-se pelos meus olhos e gostou! Reconheceu-se no reconhecimento e sentiu-se orgulhosa. E isso é uma formidável motivação para fazerem melhor.

Incentivado pela visibilidade G. disse: “Professora eu aceitei o desafio e está aqui o texto”. Agradei, mas expliquei que primeiro estavam os colegas que ainda não tinham lido. E, outra vez, foi desfilando a criatividade, o sentido crítico, a interpelação ingénua mas bondosa, as conclusões tão superiormente adultas em miúdos franzinos mas já donos de um melhor mundo (que é para isso que a escola serve: dar ferramentas para construir outros mundos).

Todos os restantes textos tinham palavras lindas, ambiciosas, ingénuas e paradoxalmente profundas. Mas delas não falarei hoje. Apenas, como amostra do muito interessante que ouvi, deixo um excerto de um texto de uma maturidade improvável (está assinalado, no caderno, por um “*post-it*” rosa com um coração e um sorriso). Aqui

ficam as palavras de Mar, que escreve numa letra grande, redonda e firme mas de traço infantil. Uma escrita que nos diz que esta garota de doze anos sabe muito bem o que quer e acredita que há muitas coisas a conquistar:

“Se eu fosse.... a diferença. Não estou a falar da diferença entre 3 menos 2. Estou a falar da diferença (...) por exemplo quando alguém é gordo ou tem alguma deficiência. Se eu fosse a diferença, nesta perspetiva, gostaria de ser respeitada, sentir-me-ia lisonjeada por ser especial e importante. Sentiria o meu coração aos pulinhos e seria sempre sorridente. Mas, por outro lado, sempre que me gozassem e não me respeitassem ficava enervada, por que eu, a diferença, quando não me sinto respeitada, sinto os “cabelos em pé”, a temperatura do corpo a subir mas, ao mesmo tempo, um friozinho na barriga e a cabeça a explodir. (....) Hoje em dia as pessoas, felizmente não todas, não acham a diferença importante! (...)

Mas uma coisa eu vos digo, colegas e amigos, a diferença é o que nos faz especiais, é o que nos faz ser nós próprios. Na minha opinião a diferença é linda e acho que nunca deveríamos querer substituí-la por aquilo que ela não é!”

Aplausos. Elogios. Gratificação. Ao fundo um aluno recém-chegado à escola e que apenas conheci nesse dia, olhava atentamente para mim e para a turma avaliando a nossa reflexão um pouco perdido na dinâmica da aula.

Perguntei-lhe: “Gostas do que viste e ouviste nesta aula?” Timidamente disse que sim. Quando o desafiei para que, na próxima aula, fosse ele o autor, respondeu com outra questão: “Escrever como eles? Não sei se sou capaz ...,” E logo alguém disse: “Claro que és .... Aqui ninguém diz mal... só critica”.

Não pude deixar de rir da aquisição aprendiz pois este foi o aluno que, no primeiro dia de aulas, quando perguntei o que pensavam que iam aprender na disciplina de Pensamento Critico respondeu com muita certeza: “Vamos aprender a dizer mal, melhor.”

Vários colegas incentivaram o novo aluno à resposta positiva ao meu desafio e ele disse que ia tentar. Olhou depois para mim e, sentindo que devia explicar a sua chegada tardia, disse-me que veio por que não gostava muito da antiga escola e que estava a gostar mais agora. “Claro” - disse-lhe – “Vieste para uma turma de gente simpática que te vai acolher muito bem. Tenho a certeza que vais gostar de estar aqui: onde encontravas colegas que também são formigas, extraterrestres, carros, bolas de futebol,

sacos de plástico, nuvens, touros.... Que sabem ser a diferença! Vê lá se não estás bem acompanhado!”

Alguém se lembrou que V. fará anos na próxima sexta e logo ali se decidiu escrever alguma coisa para ela. Além, ouviu-se uma voz marota: “um texto merece bolo”. “Talvez” diz V. “Vou falar com a minha mãe.”

A campainha ouviu-se e a aula terminou com cheiro a bolo ....

#### 46. PIICIE, um Plano-Horizonte (de sementes)

Confesso que quando foi apresentado o **PIICIE [Plano Integrado e Inovador de Combate ao Insucesso Escolar, da responsabilidade dos municípios das comunidades supramunicipais]**, uma teimosa descrença surgiu no meu pensamento: “Mais um Plano? (!)”. Quem trabalha em educação sabe que o conceito de Plano não é singular. Um Plano em educação pode ser muito ou quase nada. Por que há dois tipos de Planos: o *Plano Redondo* e o *Plano Horizonte*. O primeiro é um recetáculo de intenções, ideias e objetivos que transforma em ingredientes e que aplica como receita. É grávido de boas intenções mas estéril. Não deixa herdeiros. É folclórico, lança Borboletas mas não poloniza a mudança. Quando se conclui, a melhoria (quando acontece) é ténue. O outro, o *Plano-Horizonte* é criativo mas estrategicamente coerente, heurístico e por isso potencialmente semeador. Assim, mesmo quando acaba, nunca termina, pois deixa nos envolvidos a inquietude reflexiva que não se satisfaz com o cumprimento de tarefas. Autopoiético alimenta-se da celebração dos pequenos sucessos que semeia para colheitas que não procuram apenas os frutos. Aposta nas árvores.

Um *Plano-Horizonte* é um Plano que rejeita que as suas ações sejam uma “conta à ordem” onde o sucesso é modesto, mas o risco mínimo. Um *Plano-Horizonte* é um investimento ambicioso que resulta de um diagnóstico conhecedor, de estratégias adequadas aos objetivos, de objetivos exequíveis, tangíveis, mesuráveis e heurísticos. Os conceitos, as ideias, os percursos não são um reservatório, são uma incubadora de sinergias de compromisso e envolvimento. É um Plano autoral mas consolida-se no *benchlearning* suportado por quatro pilares (**eficiência, aprendizagem em equipa, bons exemplos, e participação alargada**). Assume a sua identidade mas é encoraja a uma atitude de aprendizagem contínua a partir de bons exemplos (a aprendizagem em rede, a partir do conhecimento das diferentes operações municipais é uma das forças do **PIICIE**).

O **PIICIE** não é, pois, mais um Plano, é um *Plano-Horizonte*. Porquê? Porque:

- corporiza a responsabilidade do município enquanto ferramenta complementar no combate ao insucesso escolar e abandono escolar respondendo à recorrente dificuldade da Escola de agir sobre determinados contextos externos como os ambientes familiares/ socioafetivos / socioeconómicos, recursos extrínsecos, capacitação parental....);

- convoca todos os intervenientes para a coresponsabilização nesta luta, promovendo sinergias de partilha e colaboração. Estimula compromissos, efetua protocolos. Envolve os atores que, através de capacitação específica, potencializa sua convocatória para as ações que o corporizam;
- desenha vetores de ação auto(re)construtores de uma cidadania plena (o insucesso escolar gera perfis de pessoas com baixa autoestima e sem apego social). Estes vetores visam despistar preditores de futuros socio-afetivos e socioprofissionais frágeis e de consciência social indiferente. Os vetores de referência para a intervenção do **PIICIE** são tridimensionais:
  - **promoção da coesão social** (a discriminação positiva que eleva o aluno mais fragilmente aprendiz para que a equidade na aprendizagem seja facilitada);
  - **sensibilização para a igualdade de género** (e o respeito pela diferença);
  - **construção de ferramentas complementares** facilitadoras do Combate ao Insucesso e Abandono Escolar;
- capacita para a ação e não se substitui aos atores. Ouve, oferece apoio, coordena sinergias. Aprende;
- vê os alunos como semente de futuro e neles a sustentabilidade cidadã e a competência profissional que dão identidade aos municípios;
- por fim, é o horizonte que vemos no brilho dos olhos das equipas multidisciplinares que, empoderadas da intencionalidade ético-pedagógica das Operações Municipais, estão nele com convicção, compromisso e ambição. Com entusiasmo falam das conquistas, do feedback de alunos, professores ou pais. Com orgulho, prestam contas do que ajudaram a conquistar ou tristeza das portas que incompreensivelmente custam a abrir-se à colaboração oferecida.

Com horizontes de ação tão dinâmicos como se pode aferir os potenciadores de sucesso do PIICIE?

No combate ao insucesso e abandono escolar o **PIICIE** não é um arsenal “bélico” de estratégias educativas que ganhará, *per si*, esta batalha. Este combate pensa-se, estrategicamente, na Escola e é efetivado por professores /guerreiros e coadjuvado pelas famílias. O aluno é o palco dentro do palco. O combate é intrínseco e extrínseco com a sua mão na mão oferecida pela Escola. **O PIICIE** é um apoio complementar que

entra nesta luta como um reforço amigo, com acesso privilegiado a outras “armas” facilitadoras desta peleja. E quando o inimigo é poderoso, todos não são demais.

As ações/atividades que concretizam as Operações Municipais são contributos que não substituem outras ações estratégicas da escola. Não são intrusas em relação ao que já se faz. Elas mobilizam dimensões que escapam às possibilidades da escola e dependem desta compreensão para o seu sucesso. Para que a Escola as não receba como visitas indesejáveis mas como “tropas” amigas.

Um *Plano Horizonte* não tem limites de ambição, mas respeita os seus compromissos. E os do **PIICIE** são claros. Existem objetivos a cumprir, metas tendenciais a atingir. No entanto, não devemos esquecer que o seu objeto são alunos identificados com preditores de insucesso, que estes alunos são pessoas e que as suas dificuldades de aprendizagens são multifatoriais e alvo de múltiplos apoios que a escola e os professores lhe disponibilizam. Desta forma o sucesso do **PIICIE** não pode ser visto, de forma linear, com nexos de causalidade diretos entre os “*in puts*” iniciais e os “*out puts*” alcançados. A relação entre o ponto de partida e o ponto de chegada dos alunos-alvo, em termos de resultados ao fim de 3 anos de acompanhamento, não pode ser isolada de todas as variáveis e elementos extrínsecos ao **PIICIE** que influenciam o percurso destes alunos neste período.

O sucesso do **PIICIE** deve ser demonstrado, por isso, não só pela aproximação às metas indicadas como referenciais, mas pela também pela qualidade da realização e feedback das ações/atividades que o concretizam, no contexto dos objetivos a atingir. Estes devem ser *exequíveis, tangíveis, mesuráveis, factuais, heurísticos*. As Operações Municipais devem ser eloquentemente *testemunhadas, refletidas e avaliadas* pelos intervenientes como valor acrescentado para a concretização dos 3 vetores de ação que dão sentido ao **PIICIE**.

Como majorar as hipóteses de sucesso das Operações Municipais que integram o **PIICIE**?

→ construir equipas multidisciplinares, especificamente qualificadas, que acreditem que podem ser obreiras no apoio à construção de percursos educativos de maior sucesso dos alunos-alvo;

- construir pontes de diálogo com as escolas para uma rede comunicacional criativa que crie empatia de ideias e concertação das ações. Quando se partilham objetivos o ponto de encontro é um local de criação;
- Criar laços de acolhimento a pais e encarregados de educação que promovam a capacitação para as responsabilidades parentais na construção de ambientes familiares de motivação e acompanhamento;
- não “perder de vista” os requisitos que dão credibilidade ao trabalho desenvolvido;
- investir na capacitação específica dos intervenientes diretos nas atividades, para que esse conhecimento enriqueça a ação;
- alimentar, continuamente, o envolvimento e o compromisso dos intervenientes estruturantes das Operações Municipais;
- exigir(-se), enquanto equipa de trabalho, uma monitorização reflexiva em pontos estratégicos do desenvolvimento das ações para incremento do mais positivo, reformulação ou recriação do mais frágil;
- prover e divulgar a avaliação parcial (periódica) e final do trabalho realizado pela equipa multidisciplinar através de uma “prestação de contas” aos parceiros e outros interessados;
- garantir a cumplicidade positiva dos respetivos vereadores da educação municipais como fator facilitador da mobilização e compromisso dos Diretores escolares, essenciais para a programação e envolvimento e(a)fetivo das ações e atividades oferecidas pelas Operações Municipais.

**Conclusão:** O PIICIE é (pode ser) muito mais do que um Plano. Para isso deve “*verse*” como uma rede sinérgica de contributos para uma causa comum: **em qualquer idade, um aluno é demasiado novo para falhar**. Nenhum município ou escola pode aceitar que uma criança seja apenas uma personagem passiva de um destino traçado por preditores de insucesso. Quando uma criança falha ela é apenas o fim de uma cadeia de falhanços e o maior erro é supor que ao responsabiliza-la todos estão isentos de culpa. O PIICIE é, pois, uma (entre outras) enorme oportunidade dos municípios assumirem a sua cota parte nessa responsabilidade. Que complementa a de outros.

## 47. Resiliência

O documento orientador para o Perfil do Aluno desejável ao fim de doze anos de escolaridade (ventre de todos os normativos que nasceram para ajudar à sua concretização) promove, entre outras competências e capacidades, a educação para a **resiliência**.

Este conceito que a Psicologia “pediu emprestado” à Física, enquanto caracterizador da resistência à adversidade, é um conceito grávido de sentidos e implicações. É uma competência que reforça a capacidade de enfrentar o mundo e as suas contradições. E, ao conferir competências que permitem olhar criticamente a realidade, transforma-a em lição de vida.

À Escola chegam todo o tipo de pessoas pois é um microcosmos social. São muitas histórias de vida e muitas formas de as vivenciar. Professores, não docentes, alunos. Alunos com backgrounds cognitivos e afetivos que forjam pessoas revoltadas. Pelo que a vida os forçou a ter, pelo que a vida lhes roubou. Alunos que não conhecem um lar de paz, uma família que os devia colocar acima de todas as más decisões. Que vivem no medo de quem mais os devia proteger. São alunos que se alimentam dessa revolta. É uma revolta extrínseca à escola mas que transportam para o seu seio como defesa, como máscara, como identidade. Que lhes dá a ilusão da segurança que não têm.

Um aluno que emerge de um ambiente disruptivo e afetivamente deprimido deverá ter uma tolerância inerente na forma como desrespeita o outro? Na minha opinião não. Um passado infeliz não deve conferir um tratamento especial. A Escola não se pode demitir da dimensão reguladora e construtora de carácter que o seu mandato social lhe confere.

Van Damme, chefe da divisão de Inovação e Progresso da OCDE e coordenador dos estudos do PISA, durante a "Conferência de Tecnologia e Educação E2 (Paris. Abril 2019) reconhecendo que avaliação PISA é ainda redutora e que deve usar outros instrumentos que permitam perceber se a Escola está a ensinar muito mais do que conhecimentos, afirma: *"A ideia de que o carácter é algo com que se nasce já foi rejeitada pela psicologia moderna. O carácter constrói-se e molda-se, e a escola desempenha um papel fundamental neste campo"*. Assim, um aluno que transporta a sua revolta para a escola deve ser pedagogicamente orientado para direcioná-la para o

empenho na sua superação. Ensinar que é pela educação que se libertará e como uma habilitação lhe pode oferecer a autonomia de ser.

A Escola não pode omitir-se na reeducação de comportamentos negativos mas deve também exigir-se a não contribuir para aumentar e alimentar essa revolta. A Escola inclusiva não é apenas para integração ativa de insuficiências físicas ou mentais mas a garantia de que todos se sintam parte importante dela.

Ninguém, dentro de uma Escola, deve ouvir palavras que usem as suas fragilidades como insulto público. Quando um aluno, já revoltado pela vida que o injustiçou, ouve palavras que o carimbam socialmente como “preto”, “pobre”, “burro”, “infeliz”, “gordo”, “incapaz” .... Ou sentenças como: “de ti não espero mais nada!”, “Comigo nunca farás a disciplina!”, “Tu? Não!”. Alunos que sabem que, ao entrar numa sala de aula, são “persona non grata “ mesmo antes de ser pessoa. Que já desistiram deles. Como aprender a ser uma pessoa melhor? Um aluno deve aprender a ser resiliente na Escola e não apesar da Escola.

Tenho um aluno que tem um contexto socio afetivo muito complicado. Há algumas semanas na aula eu explicava o conceito de moratória psicossocial. Explicava como, neste período fundamental da adolescência, as decisões identitárias que serão significativas na vida adulta são muito mais seguras se eticamente fundadas numa infância afetivamente vinculada e eticamente estruturada.

Ao falar, os meus olhos pousaram nos desse aluno e logo percebi um olhar vermelho e brilhante por lágrimas desobedientes que conseguiram emergir naquele rosto de falsa segurança. De imediato eu disse: “Mas um mau começo não é destino! “.

Expliquei que o psicólogo Freud teria defendido que “nós somos o que fizeram de nós “, mas que um grande pensador chamado Jean Paul Sartre tinha aberto a porta à afirmação da força do **querer ser** dizendo: “ Nós somos o que fizermos do que fizeram de nós!”. E isto chamava-se **resiliência**. Clarifiquei que a resiliência sustenta a decisão identitária entre uma opção determinante: pensar em si como vítima e acreditar que isso dá direito a uma pessoa de não se esforçar por um melhor futuro ou escolher ser o herói da sua própria identidade. Ser o autor da sua reinvenção pessoal. Revindicar o direito a ser tudo aquilo que se esforçar por alcançar.

Duas semanas mais tarde, fazendo revisões das aprendizagens essenciais para um teste, perguntei à turma como se designa uma pessoa que, apesar das adversidades da

vida, consegue superar os seus traumas e alcançar uma vida social e afetiva eticamente sustentada. E, antes de qualquer outro, o referido aluno diz (com a segurança de quem não se limitou a ouvir mas a guardar na sua memória de longo prazo como ferramenta): “RESILIENTE, não é professora?!”

Este aluno está a ter um percurso escolar complicado. Altos e baixo no saber estar. Nas minhas aulas tem tido progressos notáveis. Resultados positivos (não pelo que estuda, mas pelo que ouve ....mas não é aprendizagem o que permanece?). Ainda não consegue gerir a sua inteligência emocional para o reconhecimento da importância social da norma em várias situações. E é importante que perceba que essa norma exige o respeito por qualquer outro e que não se pode escolher as pessoas que se respeitam. Que mesmo não gostando de uma pessoa o respeito é a única forma de relação.

Que todos lhe saibamos ensinar que esse respeito é a base de toda a resiliência pois sem ele nem a si se respeita. E que, para o ensinar, é fundamental respeitá-lo.

#### 48. As várias mãos.

Ontem, ao final do dia, fui à Póvoa de Varzim. Respondendo a um simpático convite da equipa multidisciplinar da educação municipal fui à apresentação de um livro de escrita colaborativa.

O livro é o produto final de um trabalho de equipa a vários níveis. A nível institucional articula a colaboração do gabinete de educação do município, da biblioteca municipal, das bibliotecas escolares e dos professores responsáveis pelas oficinas de escrita criativa e pela disciplina de *design* gráfico. A nível da criatividade autoral as sinergias criativas são de alunos de todos os Agrupamentos de Escolas da Póvoa de Varzim, cada um representado por um ciclo de ensino. O livro tem o título de “*A várias mãos*” e todos os anos conta também com “as mãos” de pais e encarregados de educação de um Agrupamento.

Este projeto que vai no terceiro ano, foi agora integrado num Projeto Municipal que tem como objetivo complementar o trabalho desenvolvido nas escolas do município no combate ao insucesso escolar. O projeto tem o nome de “*PVPV- Póvoa de Varzim Promove Valores*”. Esta integração aumentou o seu potencial e reforçou as relações de produção criativa. Os livros anteriores privilegiaram a narrativa. Este ano a vedeta é a poesia. O tema é identitário: “A Terra e o Mar”.

Encontrei o auditório repleto de crianças e adultos ansiosos por conhecer o livro (físico) do seu trabalho autoral. Começa a sessão que agora revisito: com o público expectante sobem ao palco as crianças que representam os Jardins de Infância. Quem disse que quem não sabe ler ou escrever não sabe fazer poesia? As palavras que escolheram e que os seus educadores registaram organizaram-se para contar o que sentem ao “Ir ao mar passear”, “Ir ao mar pescar peixinhos” ou sentir a vida do “pescador que foi ao mar”. Com voz cantante, numa harmonia improvável, diziam as palavras de cor com muita alegria e cadência. Rodando os folhos dos vestidos, apertando a mão ao parceiro do lado ou olhando para cima evitando o distrator olhar da plateia honraram a poesia. Porque nos fizeram emocionar. Porque sentimos o seu prazer de dizer poesia.

Os colegas do 5ºano entram depois e o primeiro grupo começa, primeiro a medo, mas depois com determinação e jorram palavras encantadas que nos falam de uma terra-jardim, muito verde e florida que os espanta a cada dia. Falam de uma terra que

amam, de pássaros que alegram os seus dias, de borboletas que os acompanham à escola ou da natureza verdejante que estimula ao sonho. Terminam o seu poema com uma interrogação coletiva sincronizada e emotiva: *“O amor é amoroso, o espanto é espantoso e eu sou o quê?”*

O segundo grupo do 5ºano traz-nos a sua paixão pelo mar. Um “mar cheio de sonhos”. Um mar-abrigo de animais reais e mitológicos que sempre alimentou a paixão, o sonho e a procura de um tesouro...: “um mar de esperança.”

A seguir e com voz decidida entram alunos do 7ºano. Mal pisam o palco entoam poemas de amor à sua terra e ao seu mar. Um aluno eleva a sua voz e diz com convicção: *“temos orgulho em ser poveiros!”* Exibem, nas palavras, as suas praias, a areia branca. Orgulhosos, até do vento. (Porque se não há vento na Póvoa ...não é a mesma coisa!). Escolhem o farol da cidade como arauto de uma mensagem que guia os marinheiros e o respeito pela tradição. Proclamam que *“não podem viver sem terra tão bela”* e como se sentem felizes sempre que, todos os anos, agradecem a S. Pedro a sua proteção. Falam da festa comunitária, da romaria e da sardinhada. Falam de gente. De gente poveira.

Os alunos do secundário surgem na cena em grande número pois o grupo integra dois tipos de jovens criativos. O cenário de fundo de palco, que tem acompanhado as declamações e se altera a cada poema é composto por lindíssimos desenhos gráficos de uma criatividade fabulosa. Desenhos que combinam, harmoniosamente, os símbolos poveiros com explosões de cor ou rostos enigmáticos de pessoas imaginadas mas tão reais que dão sujeito aos poemas. Os alunos dos Cursos Profissionais que criaram estes extraordinários desenhos entram orgulhosos e resolutos ocupam o seu lugar de mérito no palco. Transbordam satisfação pelo elogio que o seu trabalho merece.

Surgem, depois, os criativos das palavras. Alunos do 10ºano falam de um mar paradoxal. Um *mar-alimento* versus *um mar-morte*. Um mar que traz mas também leva e não devolve. Com palavras arrastadas (como pede a emoção da rima) dão-nos um poema dorido que dá voz às mulheres de pescadores que foram procurar o pão e encontraram a morte. Que se perdem da vida com os seus no coração. É um poema de quem já não tem esperança mas, mesmo assim, reconhece a força da natureza que é preciso respeitar. De quem não consegue odiar “o gatuno” porque ele está no seu sangue. Reconhecendo que este mar inunda o seu coração, o poema transforma a fraca

revolta na sua força, afirmando que o amor dos que se amam e que o mar separa é, contudo eterno, porque isso ele não consegue roubar.

Acabaram os ciclos escolares. Sobem ao palco as mães. Dão-nos um poema que torna mais forte a revolta de um mar que rouba filhos, que encurta vidas e traz tristeza às famílias que durante anos alimentou. Mas também falam de respeito e dão conselhos (de mãe.....) : *“Não se pode voltar as costas ao mar...”*. Acusam-no de ser sonho e lágrimas e de uma vida de sobressalto. Num misto de moções concluem:

“Mas eis que surge um raio de sol e lá vamos nós,

Ó mar!

Por momentos esquecemos

as tristezas

que ficaram para trás

em corações apartados de nós !”

Terminou a apresentação. Todos os poetas e os seus professores ostentavam o livro recebido com orgulho e satisfação. No brilho do seu olhar todos diziam a mesma coisa: **“este livro somos nós! Aqui eu também moro”**.

Foi um excelente fim de dia na Póvoa do Varzim.

#### **49. A escola, o agrupamento e a comunicação**

Não há nada mais vazio numa escola do que a ilusão de que a comunicação existe porque existe uma caixa de email institucional. Uma escola não são as paredes que a limitam, como um Agrupamento não é um conjunto maior de “paredes escolares”. Uma Escola é a gente que a preenche. E as pessoas comunicam com palavras ditas nos olhos, embaladas em sorrisos ou olhares mais críticos. As pessoas comunicam num silêncio falador traduzido por anos de convívio. Uma escola é tanto mais um lugar de comunicação quando, como aconteceu esta semana na minha escola, os alunos pediram à professora de matemática se podiam comprar um ramo de flores para alegrar a auxiliar educativa que perdeu a mãe. Uma escola comunica quando um professor liga a outra auxiliar para saber se está melhor na sua convalescença pós-operatória. Uma escola comunica quando um professor incentiva os alunos a ligarem ao seu colega que está doente para saber em que podem ajudar. Uma escola comunica quando a notícia de um trabalho bem feito ou de uma conquista relevante chega a todos que a preenchem. E todos se orgulham deles. Porque também lhe pertencem.

A organização escolar em Agrupamentos desafia a importância fundamental da comunicação identitária. Um grupo de escolas não consolida a sua identidade, não adquire “sentimento de nós” porque existem computadores. Todas as suas unidades orgânicas devem estar ligadas umbilicalmente pela comunicação da sua gente. O cordão que as une não deve esgotar-se nas ondas digitais, ele deve ser feito por mãos colaborativas e sentimento de equipa.

Ontem encontrei uma colega que não via há anos e que leciona numa escola de um determinado Agrupamento. Quando elogiei um projeto que tive conhecimento ser lá desenvolvido no 1º ciclo, respondeu: “não sei nada disso, não é na “minha escola” ....

Não percebi nela qualquer sentimento de pertença e pensei: como nos podemos orgulhar “de fazer parte “quando nem sequer nos sentimos “parte”?

Um email institucional não transporta a emoção de uma atividade incrível feita pelos colegas do 2º ciclo aos colegas do ensino secundário da escola sede. Um email não testemunha como outras escolas, do mesmo agrupamento enfrentam os seus desafios, conquistam pequenas e grandes vitórias. Para que a comunicação potencie o sentimento de pertença é fundamental repensa-la em lógicas de ação que permitam o conhecimento das diferentes realidades por todos os que fazem a Escola.

Vários são os exemplos de um “certo fazer de conta que conhecemos”. Vejamos o mais comum: num Conselho Pedagógico todos os seus representantes são responsáveis pelas suas deliberações e orientações dirigidas a todos professores do Agrupamento. Mas todos eles conhecem a efetiva realidade pedagógica de outras unidades orgânicas? Todos eles conhecem os seus contextos, as atividades que desenvolvem, os obstáculos físicos, pedagógicos ou de recursos que os fragilizam?

Vários anos depois da aposta da tutela nos Agrupamentos de Escolas creio ser tempo de se encontrar melhores estratégias comunicacionais que consolidem a sua identidade como ESCOLA. Formas de ação que possibilitem que todos os professores percebam que a “sua escola” são várias escolas e que os seus pares são todos os que nelas trabalham todos os dias para a dignificar. Tempo de as lideranças pedagógicas descentralizarem a sua ação e reunirem noutros espaços que também são ESCOLA. De potenciarem a aprendizagem dos alunos pela comunicação e fidelizarem o seu percurso educativo nas escolas do Agrupamento, a quem deve estar afetivamente ligado, pela participação em diferentes atividades em muitas delas.

Falo por mim, agora. Este ano, duas vezes por semana, tenho duas turmas de Psicologia numa outra escola do Agrupamento que não a sede, onde dou todas as outras aulas. E tem sido uma aprendizagem. A escola sede, requalificada, tem recursos e espaços que dão muita qualidade ao “meu bem-estar profissional” e às condições de aprendizagem dos meus alunos. Esta outra escola não foi requalificada, está bem cuidada, mas não se compara nas condições que oferece à sua comunidade educativa. Comparando esta realidade com a que estava habituada senti um imenso respeito pelo trabalho incrível dos meus colegas que trabalham com muitas limitações. Esta constatação fez-me bem. Fez-me orgulhar da pertença.

## 50. Um Dia Excelente

A profissão de professor tem, como em todas as outras profissões, dias bons, dias muito bons e outros que apenas não deviam ter sido. Todos desejamos que esta escala de intensidade atinja o Excelente, mas também sabemos que as dinâmicas que convergem para este “estado de graça” tem dificultadores poderosos.

Mas, sorte minha, a última aula de psicologia do 11ºano do Curso de Desporto transformou o meu dia profissional num dia de excelência, ofereceu-me uma daquelas sensações que guardamos no espólio emocional da docência e nos ajudam a transformar os dias cinzentos em apenas em dias interpelantes para o desenvolvimento profissional. Um daqueles dias que dão sentido ao à visão que temos de um ensino com significado social.

No âmbito da disciplina estudamos as diferentes componentes das atitudes e como estas influenciam o nosso comportamento social. Debates e refletimos como é fundamental a mudança de atitudes perante temas-problema que interpelam a sociedade contemporânea de forma a gerar comportamentos que promovam a paz e a responsabilidade social eticamente sustentadas. Como forma de avaliação formativa desta problemática desafiei os alunos, em equipa, a construírem uma campanha de sensibilização para a mudança de uma atitude /comportamento que considerassem mais socialmente frágil.

Chegou o dia da 1ª apresentação. Do fundo da sala vejo um grupo (2 alunas e um aluno) explicarem que estamos num tempo de preocupação e retrocesso de direitos humanos e liberdades que permitem a uma pessoa Ser. O tema escolhido pelo grupo foi o (des)respeito pela orientação sexual de cada um. Vão deambulando pela sala e colando imagens que ilustram as suas reflexões. Sem qualquer suporte de texto vão expondo a sua opinião. Fundamentada nos Direitos Humanos, mas também no bom senso e no humanismo. A propósito das imagens de Trump e Bolsonaro falam de retrocesso civilizacional, de preconceito, de ignorância. Lêem a imagem de um documento assinado por Trump que reconhece o direito ao empregador de despedir um funcionário por ser homossexual. E perguntam: o que será a seguir? a cor certa?

E eis que o meu dia ainda melhora: reconhecem que a escola tem um papel fundamental na promoção deste debate e na sensibilização para o respeito inalienável pelo Outro. E afirmam que decidiram fundamentar a sua opinião com um vídeo que

produziram. Realizado na casa de uma das alunas o vídeo questiona as três gerações da família (avô de 92 anos, mãe de 48 e filha de 24) sobre o que “pensam de pessoas que amam alguém do mesmo sexo”.

Da boca do avô as palavras saem duras como pedras. Fala em “falta de dignidade”, “fala em atentado à moral”, de “como se devia exterminar a peçonha...”. Sem dúvidas! Com a convicção que preconceito assegura. Depois a mãe. Com um olhar baixo ela torce as mãos incomodada e diz: “pois...ora deixa ver.... quer dizer.... é uma coisa complicada ....” Sai a imagem e surge uma legenda que diz: “muitos minutos depois.....”. Volta a mãe. Ainda hesitante (talvez presa no enclave entre uma educação preconceituosa daquele pai fechado no seu próprio legado cultural e a influência das filhas mais intelectualmente “arejadas”) respira fundo e diz que “até há pouco tempo”, “não gostava” e que até lhe “metia impressão”, mas que agora compreende que cada um tem direito a ser feliz e por isso amar a pessoa que pode tornar realidade essa felicidade deve também ser um direito. Finalmente a filha mais velha que, de uma forma clara, explica que para ela é indiferente a orientação sexual de cada um, pois respeita todos desde que sejam boas pessoas e tenham carácter. Que é assim que escolhe os amigos. Já não fala em “tolerância” nem em “aceitação”. Fala em respeito.

Os meus incríveis alunos concluem a sua apresentação dizendo que a educação e tudo o que ela contribui para capacidade de reflexão fizeram a diferença. O debate que se seguiu, a avaliação do trabalho pelos colegas e a sua argumentação, fizeram daquele dia gélido um dia temperado pelo orgulho de ser professora. Foi um dia Excelente!

## 51. Aprender em tempos de pandemia.

A extraordinária obra “O Amor nos Tempos de Cólera” de Gabriel Garcia Márquez mais do que uma história de amor é uma interpelação sobre o sentimento em si: Qual é a essência do amor? Que formas pode assumir? Quando se ama intensamente (dando o melhor de nós) isso significa um óbvio sentimento recíproco? Consegue manter-se à distância? A qualidade da palavra epistolar à distância consegue manter a relação de afeto que a proximidade germinou? Pode um amor que parecia assumido se transformar em indiferença pelas circunstâncias psicológicas (mais do que pelas físicas) do afastamento?

A aprendizagem não é uma emoção, não é um sentimento, mas como este é uma transformação endógena. Jean Piaget, numa célebre entrevista sobre como se processa a aprendizagem, usa uma imagem curiosa: “Quando um coelho come uma couve não se transforma em couve ...,mas a couve transforma-se em coelho!”. Assim, quando aprendemos alguma coisa ela transforma-se em parte de nós. Cada aprendizagem significa enriquecimento cognitivo, elevação do nível de questionamento, resiliência, abertura para a construção da nossa mundividência. Mas toda a transformação interna não depende da circunstância, mas da forma como refletimos sobre essa circunstância e como através da nossa resposta, aprendemos.

É muito celebre a frase de José Ortega y Gasset onde afirma que “Nós somos nós e as nossas circunstâncias”. Mas ele sublinha que isto não significa que são elas que nos definem. Como defende no seu livro “A rebelião das Massas”, o que nos define é a forma como respondemos aos desafios, aos dilemas que elas nos suscitam. Porque explica: “Viver é sentir-se fatalmente forçado a exercitar a liberdade, a decidir o que vamos ser neste mundo”. “Nós somos as nossas escolhas” dirá Sartre.

Curiosamente cruzando os contributos reflexivos destes autores, quando tanta literatura e peritos da educação nos ajudam a perceber como podemos transformar o ensino numa extensão à distância, a minha interpelação vai sobretudo para “*aprender em tempos de pandemia*”. E penso na aprendizagem de todos os envolvidos na relação ensino/aprendizagem. Porque não são só os alunos que enfrentam circunstâncias desafiantes para aprender. Os professores também.

De uma forma interessante surgem-me as mesmas questões que Márquez colocou: Qual é a essência do ensinar? Que formas pode assumir? Quando se ensina

intensamente (dando o melhor de nós) isso significa uma óbvia aprendizagem? Consegue manter-se a aprendizagem, já conquistada, à distância? A qualidade da palavra “epistolar”, à distância (agora batizada de assíncrona), consegue manter a relação de afeto que a proximidade germinou? Pode a aprendizagem adquirida se transformar em indiferença pelas circunstâncias psicológicas (mais do que pelas físicas) do afastamento? E acrescento: como motivar (e nos motivar) para a mobilização intrínseca que nos orienta para a exploração, para a procura, para o interesse pelo novo em circunstâncias psicológicas tão duras? Alunos com um habitat afetivo infetado por outro vírus que não é mortal ( mas que assusta de uma forma que pode paralisar) que tem muitos nomes provoca grande instabilidade psicológica: a ameaça de desemprego dos pais, condições essenciais de sobrevivência em perigo, familiares doentes, afastamento afetivo de avós, violência doméstica de que é mais difícil fugir, falta de privacidade para o desabafo ..... Fala-se muito na conectividade tecnológica para ensinar, penso que é fundamental refletir também nas condições psicológicas para aprender.

Como diria Ortega Y Gasset, neste tempo de calamidade, todos somos convocados a procurar as decisões mais assertivas para desafios nunca enfrentados. Aprender a usar ferramentas de ensino (para muitos estranhas) mas também aprender a ler uma realidade inusitada e a perceber a melhor forma de enfrentar o que nos interpela de forma inesperada. O bom senso diz-nos que, nas circunstâncias psicológicas que nidificam a aprendizagem dos nossos alunos, a devemos focalizar na consolidação do que já aprenderam, no desenvolvimento de competências que a autonomia, a criatividade e a flexibilidade podem potenciar e ajudar o aluno a transfigurar a sua realidade (por exemplo a “fugir” dela para uma alternativa, autoral, imaginativa, criativa, reveladora de outras inteligências ).

Ensinar aos alunos, pela nossa ação, que aprender em tempo de calamidade é refletir sobre “as possibilidades do que, em efeito, vamos (querer) ser.” Que “circunstâncias e decisão são os dois elementos radicais de que se compõe a vida.”

O que nos define é a nossa decisão. Aprender em pandemia é um desafio, mas não pode ser uma desculpa para não ensinar. E ensinar a decodificar a realidade também é currículo.

## 52. Bom senso ou reinvenção do tempo de aprender

Tenho lido muitos tutoriais para o uso de plataformas para a interação à distância, como todos os professores preocupados em dar conhecimento às suas inseguranças perante uma porta de ferramentas digitais que o problema sanitário escancarou inesperadamente. Quase todos muito técnicos, a maioria dos que li coloca o foco em estratégias de partilha nas “reuniões” síncronas, no registo de presenças, na construção e envio de tarefas, na sua avaliação e até na “conversa” em fórum ou individual. Também orientam para “ensinar como se ensina” em sistema e-learning (e ensino à distância não é exatamente a mesma coisa...). A base deste e-ensino é, logicamente, assíncrona. E por assíncrono entendem, quase globalmente, a execução de tarefas e as respetivas avaliações suportadas por tabelas Excel (muitas vezes na própria plataforma de interação). Indicam, como mais operativo, o *inquérito* pois colocando as respostas certas, “a máquina” faz a avaliação automaticamente. Regista ao minuto a data de entrega da tarefa e, querendo, o professor bloqueia a entrega, se esta não é respeitada ao minuto. Assim, na distância de um professor quase distante, só um bom feedback pedagógico salva a relação pedagógica.

Vemos circunstâncias extraordinárias. Temos de ser professores extraordinários. E como se caracterizam? Paradoxalmente pela simplicidade que explica toda a complexidade: com equilíbrio e harmonia. Não existem tutoriais nem manuais de instruções para ensinar em circunstâncias únicas de gestão do bom senso. São muitos os fundamentos pedagógicos para não reduzir o ensino à avaliação de tarefas (ou inquéritos on line) mas, no contexto atual, este primado tornou-se essencial. Avaliação Formativa neste período deve resultar, sobretudo, do feedback do aluno aos vários desafios propostos para pensar autonomamente, por exemplo reconstruindo conhecimento criticamente, fazendo experiências de Física com os objetos lá de casa ou de Química usando produtos domésticos em compostos que sendo inofensivos para a sua integridade física são poderosos para a sua identidade aprendiz, ousando transfigurar a sua realidade através das palavras, das equações, das imagens ... do sonho.

O professor entra na casa do aluno, na hora que escolheu, numa circunstância de microcosmos familiar que não conhece. Esta circunstância é plural, mas são os casos de difícil gestão socio-afetiva que nos devem preocupar, sobretudo porque é privada.

Problemas como o desemprego, as dificuldades económicas ou a instabilidade familiar não se “postam”.

São as diversas circunstâncias económicas ou psicológicas que nos alertam para que não se invista em novos conteúdos teóricos, mas no aprofundamento do já aprendido, no desenvolvimento de competências que a gestão curricular, muitas vezes, não estimula devidamente. Estas circunstâncias devem também ser moderadoras do afã de multiplicar tarefas por todas as disciplinas esquecendo que as possibilidades da sua execução são muito diferentes (por vezes extremas). Como se o mais importante fosse ocupar o tempo para que o tempo não tenha tempo de não fazer nada .....

Quem tem filhos ou netos sabe que uma das coisas que gostaríamos de alterar é a forma como vivem o seu tempo sem escola. E se “a escola fora da escola” que vivemos hoje fosse uma oportunidade para ensinar que há muitas coisas interessantes para fazer quando temos tempo? Que tal os professores desafiar os alunos a meter “a mão na massa” e fazer o conhecimento acontecer divertindo-se ao mesmo tempo? Filmar as suas experiências de Físico-Química, fotografar as suas obras para E.V. filmar ou gravar a leitura da sua pesquisa de História, dos seus ensaios de Filosofia, dos seus textos, dos seus poemas para Português .... Enviar para a professora partilhar e debater nas aulas síncronas mostrando como este tempo pedagógico não tem de ser um tempo de Excel. Pode ser um tempo de descobertas, um tempo grávido de possibilidades....

Os professores em tempo de pandemia podem contribuir para que a nova geração reinvente uma nova forma de fazer quando não sabe o que fazer ....

### **53. Ator ou autor: tu decides.**

Eu não gosto de rotular pessoas. Assim N.E.E. é uma sigla que dificilmente aplico. Aliás a minha experiência diz-me que é um rótulo que tem muito de administrativo (mais uma das burocracia improcedentes da organização escolar) e pouco de pedagógico. Não tenho especial respeito por diagnósticos que presumem saber tudo sobre a relação do aluno com aprendizagem, muitas vezes de forma técnica, despersonalizada. Quem sabe como o aluno aprende (ou não aprende) é o professor atento e não técnicos que reduzem as estratégias pedagógicas a cruces numa tabela preenchida por generalidades e lugares comuns. Quem sabe como se sente em relação a um mundo que, por vezes, lhe foge e que ele quer (a)prender porque é tão seu de direito como dos colegas que o (a)prendem com naturalidade, é ele, o aluno que transporta um rótulo que devia ser um elevador mas que por vezes só sublinha a sua dificuldade em subir.

Na última semana numa aula de Área de Integração foi promovido um debate, no contexto de um tema – problema, orientado para o papel da religião (do sagrado) da vida de uma pessoa. Quem diz que os alunos dos cursos profissionais são amorfos em relação ao conhecimento não técnico não sabe o que diz ou ainda não soube encontrar os disparadores para transformar a indiferença em opinião e esta em conhecimento construído tijolo a tijolo.

Foram levantadas muitas questões interessantes pelos alunos. Pode-se acreditar no Divino sem ter religião? Que diferença entre um culto, uma seita, uma religião? A ciência e a religião são incompatíveis? Fé versus Fanatismo: que é ser crente? Jerusalém é judia ou uma cidade de três religiões? O debate seguia animado e as intervenções muito interpelantes até que uma das questões fez ferver os ânimos opinativos: existe destino? Com considerações mais básicas ou mais elaboradas a questão de fundo que trouxe todos à discussão seria: haverá uma determinação divina do guião de vida de cada um de nós que nos transforma em meros atores, marionetes de cordel vivendo na ilusão que são as nossas mãos que tecem a teia da nossa existência?

Grande parte da turma posicionou-se num unísono grito de liberdade. Não, cada um tem a vida à sua frente para conquistar a sua forma de existir. O sucesso depende da vontade e do investimento que cada um coloca no que quer fazer de si.

Ao fundo um aluno, que a quem só tinha ouvido a voz quando, na véspera de um pequeno teste, veio ter comigo para me lembrar que era N.E.E. e, por isso, o seu teste

deveria ser mais fácil, levanta o braço e, de uma forma perentória, afirma: “claro que há destino! Não nascemos iguais e quando nascemos já se sabe se vamos ou não ser vencedores.” Mais do que uma certeza, na sua voz sentia-se uma revolta imensa. Uma revolta pelo que não espera de si, pelo que sentia que ninguém esperava dele. “A professora não concorda que não importa o que fazemos mas a sorte que temos?” - interpelou-me.

Olhei para ele, procurei os seus olhos e encontrei-os por trás de uma lentes grossas dizendo-me que esperavam de mim, mais do que uma opinião, uma palavra que negasse o que vida lhe dizia todos os dias. E eu pensei que não podia mentir dizendo-lhe que os trunfos com que jogamos a nossa existência não contam. Que o ter, o poder, o saber não são Ases no baralho da vida, não o avisando que muitas vezes quem não os tem, triunfa porque sabe fazer bluff. Então disse-lhe: “não desperdices a tua vida pensando em como gostarias de ser diferente, investe em conhecer-te bem para te construíres a partir do que sabes fazer melhor. A tua luta para conquistares a liberdade de ser não é com o destino, não é com os teus colegas, é pelo direito a construíres o teu caminho. Uma coisa te posso garantir: quem se constrói apesar das dificuldades é um vencedor superior. E só podes vencer se não resignares, se te empenhares em ultrapassar as dificuldades. E todos aqui sabemos que serás capaz.”

Falei-lhe depois de tantos homens e mulheres a quem a História e a Ciência devem liberdade e progresso e quem a escola tinha estigmatizado. No final, todos convergimos: só se esconde no destino quem não tem coragem de ser autor da sua vida. Viver é conquistar o direito a essa autoria e vencer é sê-lo apesar dos dificultadores.

Tocou para fora. Neste 15 de Dezembro senti que o meu Natal chegou mais cedo.

## 54. Sem “chão”

Uma sociedade democrática deve prover que todos os seus cidadãos tenham um teto. Deve estar atenta à segurança e dignidade desse abrigo, Por que uma sociedade democrática não está completa enquanto todos e cada um não dormirem em segurança e acordarem com a esperança de que podem ter um futuro melhor e até a confiança de que isso está ao alcance dos seus méritos mesmo quando estes são limitados. Porque numa sociedade democrática todos são convocados para o seu progresso e cada um deve ajudar e ajudar-se com o seu talento. E não há talentos insignificantes.

A Escola é um microcosmos social. Se o Estado deve assegurar que todos os alunos tenham abrigo, a Escola deve saber ouvir, observar e sentir se todos eles estão suportados por estruturas socio-afetivas facilitadoras do seu sucesso e perceber quando lhes falta esse chão.

Cada aluno deveria transportar consigo uma “pequena bagagem “ de valores, sentimentos, anseios, preocupações, sonhos. Por vezes esta bagagem socia-afetiva é enorme. De afeto, de acompanhamento, de cuidado. Quando equilibrada sentimo-la na segurança de cada progresso escolar destes alunos, na forma como aceitam a norma enquanto gestora do convívio escolar. Estes alunos são assertivos, atentos, autónomos e cordiais. Valorizam a relação com os seus pares, respeitam o outro. Quando falta este equilíbrio este potencial afetivo transforma o aluno numa espécie de mascote parental sempre dependente do respaldo do cuidador que lhe organiza o trabalho, o lazer e se este não se conseguir libertar desta dependência incapacitante talvez um dia o pensamento.

Se todos fizerem o seu trabalho (pais, professores, comunidade educativa em geral) uns e outros conquistarão competências que lhe permitirão, através do conhecimento e da reflexão esclarecida, construir um projeto de vida autónomo, ambicioso, competente, auto exigente, continuamente reformulável e eticamente sustentado. Com estes alunos a escola pode partir de um chão formativo para adubar com conhecimento, capacidades e atitude aprendiz, pois o campo já foi cultivado pelos pais (encarregados de educação). Nestes alunos a qualidade do o crescimento será assegurado pelo espírito crítico e resiliente que a Escola ensina e que todos os dias é regado com o afeto e o apoio de pais presentes. Sairão de 12 anos de escolaridade cognitivamente fortes e capacitados operativa e eticamente para abrir asas e conquistar

novos céus. Conquistarão horizontes guardando uma memória significativa da Escola e uma memória afetiva dos guardiões do seu crescimento. Como alunos e sobretudo como pessoas.

E os outros? E ao alunos que faltam nesta equação? Aqueles que tendo um teto (por vezes em condomínio de luxo,) vêm para a Escola, todos os dias sem chão? Aqueles cuja bagagem é apenas peso. Um peso que lhes provoca raiva contida, um olhar vago de uma ausência de brilho que, de tão frequente, caracteriza a sua presença. A estes alunos falta o chão do afeto, da palavra meiga, de um aceno de compreensão ou apenas um chão de paz. Alunos que não gostam da regra porque a sua vida não conhece nenhuma, por que as batalhas que travam todos os dias não o respeitam nem lhe exigem respeito. Alunos que trazem a revolta para a Escola pois já não sabem viver sem ela. Que não procuram afeto pois aprenderam que se sofre menos quando não se espera nada dos outros. Alunos que quebram as regras como um grito que esperam que, pela voz do seu diretor de turma, chegue ao seu teto e diga: “eu existo, eu estou aqui e preciso que se preocupem comigo”. Há alguns anos uma aluna dizia-me (para demonstrar como era transparente para os seus pais): “se ligar para a minha casa e perguntar por mim, quem atender vai dizer: não sei se está, vou ver ....”. Ou um aluno que me justificou a sua sonolência nas primeiras aulas do dia com a missão que a mãe lhe atribuíra, quando trabalhava como enfermeira no turno da noite: “se o teu pai sair à noite, vais sempre com ele, senão ele perde-se....”, Ou um outro que depois de ser testemunha de uma noite de guerrilha conjugal, em que sentia ser insignificante para um pai deprimido e uma mãe deprimente, tinha de vestir e preparar o irmão e, antes de o deixar na escola, assegurar-se que todas as garrafas estavam vazias....

Estes alunos precisam de uma Escola com olhos atentos e palavras de afeto. Precisam de laços de pertença que lhes digam que eles valem a pena. Uma Escola democrática potencia o chão dos que têm a sorte de nascer em solo arado mas não pode nunca desistir de um aluno sem chão. Um gesto amigo, um sinal de preocupação, um “eu sei que és capaz”, um olhar de reprovção, por uma atitude negativa, adoçado por uma palavra de estímulo à mudança .... Por vezes é este o chão que estes alunos procuram para as germinar as sementes que sempre lhes foram negadas .

## 55. O que é uma “Aula”?

Ontem, numa reportagem televisiva, várias crianças do ensino básico quando questionadas se gostavam das aulas síncronas concordavam que “não era a mesma coisa” .... E porque não? Uma das crianças respondeu perentória: “é só olhar ...olhar para o computador, para o ecrã!! A professora ensina, mas não posso falar com ela, nem olhar para o lado e falar com os meus colegas, nem rir, nem brincar no recreio...”. Na sua simplicidade ela caracterizou componentes fundamentais de uma aula: o diálogo pedagógico o olhar aprendiz e a alegria.

A etimologia da palavra “aula” foca a sua origem no grego “AULÉ”, que, na época clássica, significava *palácio ou local nobre, onde as pessoas se reuniam para analisar e discutir coisas consideradas importantes*. Sócrates democratizou a “AULÉ”. Trouxe-a para o povo ao fazer do Ágora uma assembleia reflexiva e dialogante aberta a quem queria aprender. Platão, muito mais seletivo quanto à consideração de quem podia ter o privilégio de aprender, organiza-a em espaços de excelência especulativa a que chama Academia. Com Aristóteles e sobretudo com a Escola Peripatética “AULÉ” recupera o seu lado empírico e teórico-prático organizando-se em Liceu. Transversalmente estas três concepções convergem numa condição fundamental para esta forma colegial de construir conhecimento: aula é todo o espaço de aprendizagem. Possuem também três características comuns: o **diálogo** (que interroga para “des-vendar”) o **olhar aprendiz** (que procura o detalhe para melhor compreensão do todo) e a **alegria** de “conviver aprendendo, aprendendo a conviver” como dinâmica motivacional. Curiosamente para Sócrates o conhecimento descobre-se na partilha de quem sabe mais com quem sabe menos, enquanto Platão (como Pitágoras) acreditava que essa partilha exige certos padrões intelectuais de ambas as partes. Sócrates, neste particular, é precursor da aula inclusiva (anacronicamente ainda por aí resistem, cada vez menos, alguns professores platónicos e pitagóricos que acreditam que ensinar é partilhar com quem obedece aos seus padrões “de vale a pena”)

Aula é, pois, um espaço onde a palavra se transforma numa poderosa ferramenta de aprendizagem, ajudando o professor a decompor realidades complexas tornando-as acessíveis cognitivamente aos alunos (a todos os alunos). É no antes, no durante e no depois da aula que, pela palavra, o professor aprende cada aluno. Cada insegurança ou rebeldia, cada potencialidade escondida ou manifesta, cada pedaço de vida injusta que

lhe enegrece a infância o a juventude que lhe rouba a tranquilidade a que tem direito. Na aula o professor supera, todos os dias, um desafio pedagógico diferente e os alunos enfrentam escolhas que, na sua dimensão, os fazem crescer e construir o saber ser.

Como na sua gênese aula é hoje bidimensional. É um espaço e um tempo. Mas é um espaço que tarda a evoluir no tempo. Porque a verdadeira aula transforma e transborda a sala de aula.

Transforma porque, cada vez mais, os alunos sentem que a organização didática da sala de aula não é assegurada pela ordem das carteiras, pelo sentido único do olhar, nem pela disciplina que se confunde com o silêncio. Pesado. Triste.

Transborda, porque há muita aula fora da sala de aula. Talvez o ensino à distância seja uma oportunidade para deitar “abaixo” muitas das paredes psicológicas da sala de aula. A aula transborda para o humano, para o social, para o ético, para o estético, para a vida. Então a aula está em todo o lado.

Vivemos momentos difíceis da Escola fora da Escola que podemos aproveitar, reflexivamente, para encontrar caminhos que potenciem, na aula, o diálogo pedagógico, interpelante, argumentativo. Que estimulem o olhar crítico e criativo e redescubram a alegria aprendiz. O destino da aula não pode ser a exposição magíster nem a tecnologia *per si*. O destino da aula é a sua reconstrução “ecológica” onde todas as formas convocadas para majorar a aprendizagem são metodologias de ensino.

Por que, na educação como na vida, acredito que Winston Churchill tinha razão:

“O destino não é uma questão de acaso, é uma questão de escolha;  
não é uma coisa a ser esperada, mas uma coisa a ser alcançada”

## 56. Escola: entre o apetite e o alimento

Não, não vamos falar de cantinas escolares nem da qualidade do que lá se serve. Hoje a proposta reflexiva é falar do alimento da mente e do “coração”: o conhecimento. Ele esclarece a mente sobre tudo que é fundamental na gestão do projeto de vida pessoal e profissional de uma pessoa, mas o seu uso, de forma humanista e cidadã, precisa de um condimento essencial: o sal da vida que é o afeto, a preocupação e o respeito pelo outro que é evidenciado na forma como cada um se posiciona na vida ( resiliência , respeito, espírito de equipa , sentido critico ( e autocritico ).....

Todos sabemos que o alimento sem sal se come, mas não é a mesma coisa. É o sal, com equilíbrio, que faz com que o paladar se apure, que as componentes do alimento façam mais sentido para o apetite. E é a formação humanista que lembra que quando se tem muito se deve dividir com quem passa fome. O conhecimento, como o alimento, necessita de alguma coisa que lhe lembre que ele existe não como algo acabado, como um produto final que se “ingere “e acumula, mas que só ganha sentido e significado se for posto ao serviço do desenvolvimento pessoal e da cidadania ativa. Este condimento é axiológico. Pois são os valores que defendemos que definem as nossas atitudes.

É esta visão alimentar da Escola que eu vejo nas novas orientações, como as que se consubstancializam no Perfil do Aluno no final da escolaridade obrigatória ou na Autonomia e Flexibilidade Curricular. É uma visão holística de construção de um Aluno que alimenta o seu desenvolvimento pessoal na Escola como conhecedor e como pessoa.

O grande Projeto Educativo de uma Escola deve ser, neste sentido, prover a Todos os alunos (e professores) o Alimento que suscite neles um insaciável apetite pelo desafio da procura pelo novo conhecimento, pela melhor resposta, pela melhor ferramenta de resolução de qualquer (velho ou novo) problema num contexto de ação eticamente sustentado. Nesta Escola foge-se da frugalidade dos alimentos (objetivos mínimos), promove-se a adesão conhecedora dos alimentos fundamentais para vida cidadã (aprendizagens essenciais) e aprofundam-se receitas exploratórias mais requintadas suscitadas pela educação do refinamento “gastronómico” do paladar (outros conteúdos programáticos).

É na forma como se “cozinha” este alimento e como todos colaboraram sua construção combinatória de componentes fundamentais que se distinguem as escolas.

Escolas onde os professores cozinham e os alunos se alimentam e Escolas onde todos são cozinheiros. E os professores são os que possuem conhecimento avançado da gestão dos condimentos “mágicos” que possibilitam que o produto final supere mesmo as expectativas dos cozinheiros aprendizes.

E como se evidenciam as expectativas dos professores de prover o alimento necessário para o futuro cidadão/profissional? Na forma como a Escola avalia. Não valorizando, apenas, os melhores pratos produzidos nas receitas de sempre, mas a capacidade de cada cozinheiro aprendiz recriar as dinâmicas gastronômicas para a cozinha do futuro.

Como é traduzível para a comunidade educativa que, naquela Escola, Conhecer é essencial, mas Saber Ser Pessoa é estrutural? Que não separa o sal do alimento porque só juntos são completos? Que o total do Ser é muito mais do que a soma do que somos? Na forma como orienta, enquanto escola, porque se avalia, o que se avalia, para que se avalia.

É, pois, urgente e necessário que as Escolas assumam os seus critérios gerais de uma forma holística, integrada e integradora. Que não separem o cognitivo dos valores e atitudes como se estas duas dimensões não estejam molecularmente ligadas num cozinhado que se apura em todo o tempo que o aluno permanece na Escola e que devem ficar tão profundamente fundidos que o definirão ao longo da vida.

Esta Escola/Alimento não pode ter um lindo e promissor Projeto Educativo e depois dar à sua comunidade educativa uma anti imagem do que defende ao apresentar como orientação de critérios gerais por exemplo: “dimensão de conhecimento e capacidades 90% /95% e atitudes 10 % / 5%”???? Mesmo na sua autonomia, uma escola não deveria desligar-se das novas orientações para uma avaliação holística e separar aquilo que deve ser um todo. Mas, sobretudo, não deve promover uma avaliação que desvalorize os maiores trunfos civilizacionais em que a sociedade do séc. XXI deve investir: as soft skills. Como promover a resiliência, a cooperação, o espírito crítico, a atitude criativa e reconstrutora, o brio, a responsabilidade, a autonomia (...) quando simultaneamente evidenciamos que a importância que a Escola lhe atribui é residual.

A Escola/alimento deve debater a qualidade/pluridade dos ingredientes, dos condimentos, dos instrumentos postos ao serviço dos seus propósitos e sobretudo como avaliar todas as suas dimensões de uma forma integrada. Mudar a forma como

instrumentaliza os seus propósitos de inclusão é um dos caminhos mais diretos para resolver o problema do insucesso e da qualidade das aprendizagens, pois como afirmou Marlow:

“Para quem só sabe usar o martelo, todo o problema é um prego.”